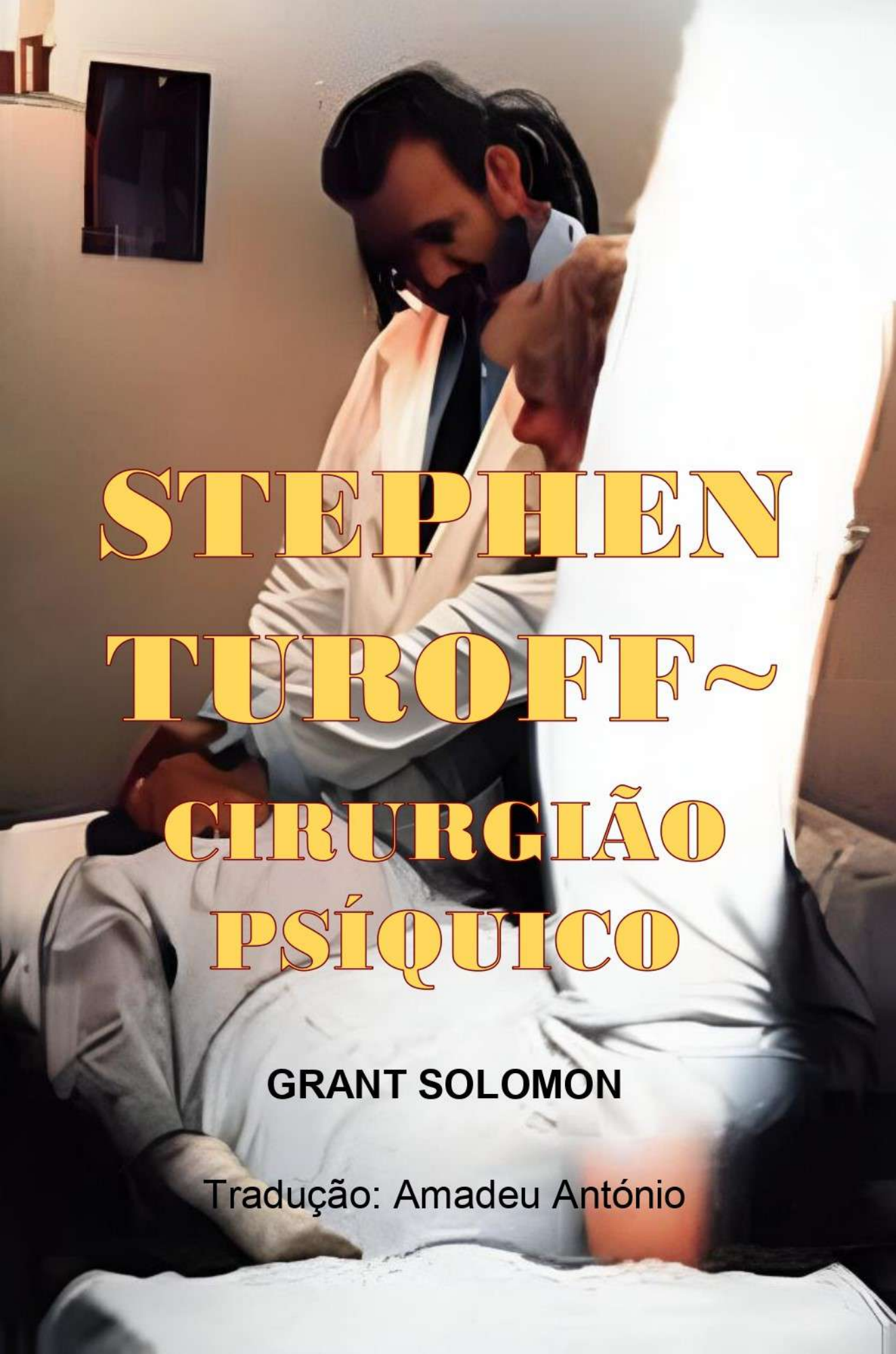

STEPHEN TUROFF~ CIRURGIÃO PSÍQUICO

GRANT SOLOMON

Tradução: Amadeu António

STEPHEN TUROFF CIRURGIÃO PSÍQUICO

A História de um Curandeiro Extraordinário

Grant Solomon

Os Editores lamentam que, devido a circunstâncias alheias ao seu controlo, não tenham conseguido rastrear ou agradecer ao detentor dos direitos de autor da fotografia de Sathya Sai Baba. Ficariam felizes em agradecer ao fotógrafo em edições futuras, caso sejam notificados.

Copyright © Grant Solomon 1997, 2004, 2020 Grant Solomon afirmou os seus direitos ao abrigo da Lei dos Direitos de Autor, Desenhos e Patentes de 1988, para ser identificado como autor desta obra.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, mecânico, fotocópia, registo ou de outra forma, sem a prévia autorização por escrito dos editores.

Primeira edição publicada em 1997 pela THORSONS Uma chancela da HarperCollins Publishers

ÍNDICE

Agradecimentos Introdução
Encontro com o Místico
A Família
Desenvolvimento: O Curandeiro «Mãos Sobre»
Crescimento: O Cirurgião Psíquico
Mudança: O Professor Espiritual
A Cura Acontece
Perspetivas
O Templo de Cura
Avatar Reflexões de Stephen Turoff
Posfácio

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste livro. Gostaria de agradecer a todos os que me deram ou enviaram informações, partilharam as suas experiências ou, de forma geral, encorajaram ou ajudaram de qualquer modo, por mais pequeno que fosse. Nem todos os pormenores e histórias puderam ser partilhados com o leitor neste livro curto, mas os não incluídos não são menos importantes para o resultado final. Gostaria especialmente de mencionar a minha mulher Jane e a mulher de Stephen, Kathy, pelas suas contribuições – Jane pelo seu apoio total a cada passo do caminho e Kathy pelas suas proezas prodigiosas de memória e pelas muitas chávenas de chá, almoços de domingo, jantares e lanches da meia-noite que pareciam ser uma característica tão marcante da investigação sobre a vida e os tempos de um dos homens vivos mais invulgares do mundo, o seu marido Stephen.

INTRODUÇÃO

Stephen Turoff é um curandeiro, professor, sacerdote, filósofo, cavaleiro, filantropo e místico contemporâneo. Há mais de trinta anos que cura pessoas, por dezenas de milhares, de todas as cores, castas e credos. Acorrem dos quatro cantos do mundo para o ver na sua Clínica de Cura em Danbury, perto de Chelmsford, em Essex. Para alguns, a viagem é uma peregrinação; para outros, uma última oportunidade de serem curados. Para a maioria, é uma experiência que não será rapidamente esquecida. Jornalistas, cientistas, políticos, médicos e homens santos de muitas fés tiveram de admitir que há certamente algo «diferente» neste gigante jovial e gentil com a sua voz rouca e o sorriso maroto permanente.

Quando Stephen trabalha, luzes pastéis belas descem como raios do céu para os corpos dos pacientes, cinza sagrada forma-se em objetos e pessoas na sua sala de operações, toalhas e lençóis tornam-se cor-de-rosa, e mensagens, escritas com o dedo em ocre alaranjado, aparecem em fotografias de santos. Mas, o mais importante, em muitos, muitos casos, os cegos recuperam a visão, os surdos ouvem, os coxos deitam fora as suas muletas, órgãos doentes desaparecem literalmente e os doentes e sofredores são agraciados com alívio. Quem é este homem que pode realizar tais maravilhas? É um judeu-cristão de meia-idade, com 16 pedras e seis pés e

meio, antigo carpinteiro de Brick Lane, no East End de Londres, a quem muitos acreditam ser um instrumento de Deus. A sua mensagem pode ser resumida em apenas quatro palavras: «Amai todos, servi todos.» Mas, se quiser saber um pouco mais, continue a ler, pois aqui está a estranha mas verdadeira história de Stephen Turoff, cirurgião psíquico.

1 ENCONTRO COM O MÍSTICO

Os homens ocasionalmente tropeçam na verdade. Mas a maioria levanta-se e afasta-se apressadamente como se nada tivesse acontecido.

WINSTON CHURCHILL

Encontrei-me com Stephen numa receção em Holborn, Londres. Era 7 de janeiro de 1989. Eu era um dos 30 pessoas sentados para jantar. À minha direita estava um homem de negócios de cabelos grisalhos. À minha esquerda, um gigante muito caloroso, extrovertido e jovial na casa dos quarenta, cujo sotaque era inconfundivelmente do East End. Apertámos a mão e soube que o seu nome era Stephen Turoff. De muitos modos, era maior que a vida. A sua presença física era difícil de ignorar. Mas havia outra presença também, uma espécie de «aura» que me atingia em ondas. Não fazia ideia na altura, mas este encontro mudaria a minha vida.

Fiz conversa educada. «O que faz para viver?» foi o meu melhor imaginativo. «Sou parapsicólogo», respondeu, casualmente. Ó brilhante, pensei, é o meu assunto também! Aparentemente a sentir o meu desconforto, continuou imediatamente: «É um bocado parador de conversa, não é?»

«Sim, suponho que é. Hum, o que quer exatamente dizer com isso?»

«Bem, participo, pesquiso e investigo fenómenos paranormais, especialmente cura psíquica, e publiquei recentemente um livro sobre isso.»

«Ah, certo», acenei eu.

Ao longo do jantar, também conversei com o homem à minha direita. Contou-me que conhecera Stephen pela primeira vez na sua clínica no Barbican, em Londres. Para minha surpresa, este homem de negócios

maduro e razoável relatou como Stephen lhe abrira o estômago com uma faca – mas sem anestesia – e removera algum «tecido doente» com os dedos, tudo em cerca de 10 minutos. Então soube que outras pessoas à mesa também tinham ido ver este homem que chamavam o «cirurgião psíquico» e muitos haviam experimentado tratamentos igualmente incríveis.

Decidi investigar mais. Encurralando Stephen no bar após o jantar, comecei a fazer as perguntas que ele devia ter ouvido tantas vezes antes: «O que faz? Como funciona?» Tendo respondido ao meu bombardeamento inicial com algumas respostas breves e bastante inacreditáveis, prosseguiu para me intrigar ainda mais.

«Espero que não se importe que diga», sussurrou, gesticulando para a barman, «mas acho que vai descobrir que se esqueceu do dinheiro para o autocarro.»

A jovem não estava nada convencida, até verificar a carteira e a encontrar vazia!

«Como soubeste isso?», perguntei a Stephen.

«Bem, essa é uma história mais longa do que temos tempo esta noite», respondeu enigmático e prosseguiu para mudar de assunto.

Quando estávamos prontos para partir, perguntei se podia levar o meu irmão mais novo, Tom, à clínica que Stephen dirigia com a sua mulher Kathy a partir da sua modesta casa em Danbury, Essex. Na verdade, passaram-se muitos meses antes de me encontrar a parar, com a minha mãe cética e o meu irmão apreensivo, à frente da pequena mas confortável casa de estilo cottage, ex-concelho.

Encontrámo-nos numa sala apinhada com cerca de 10 outras pessoas. Quase toda a gente tinha uma cadeira de rodas, muletas ou ligaduras. Outras 20 ou mais pessoas que podiam estar de pé faziam-no numa fila desordenada ao longo do caminho do jardim. Não um negócio que facilite relações fáceis com os vizinhos, pensei para mim. Os quatro relógios que ticavam alto, os sofás de padrão floral e os móveis antigos de madeira escura adicionavam à atmosfera estranha, quase sinistra.

Então, uma porta foi escancarada e Stephen passou a correr num casaco branco. Bem, pensei que era Stephen. Mas o seu rosto enrugado

parecia uns bons 20 anos mais velho. Estava curvado, como se ligeiramente encurvado, e arrastava a perna direita atrás de si enquanto corria por nós em direção à sua mulher, que estava na cozinha. Era fisicamente mais pequeno, o suficiente para necessitar de enrolar as calças um par de pregas. Sorri para mim mesmo, imaginando o que os meus amigos fariam de tudo aquilo, mas voltei à sala com um solavanco quando ele falou.

«Tenho-te dito para não deixares os bocados na pia», latiu a Kathy num sotaque distintamente alemão.

«Desculpa, Dr. Kahn», disse Kathy apologeticamente e prosseguiu para limpar a pia. Os «bocados» pareciam os restos crus que se atirariam ao cão após preparar o assado de domingo.

«Dr. Kahn» arrastou-se de volta para a sua sala de operações com outra vítima no reboque e deixou a minha mãe, o meu irmão e eu a olhar um para o outro em descrença.

«Olha, mãe, estamos aqui agora, por isso tanto quanto vale a pena tentar», disse eu da forma mais persuasiva que as minhas próprias dúvidas permitiam. Ela concordou cautelosamente e ficámos por ali mais meia hora ou mais até ser a vez de Tom. Entrei com ele.

«Bom dia para vós», cumprimentou-nos o cirurgião. «O meu nome é Dr. Kahn. Não há morte e eu sou a prova viva disso. Ha, ha.»

Ó ótimo, pensei, um espírito com sentido de humor. É tudo o que precisamos. Mas então tudo ficou muito sério. Deitou o meu jovem irmão na mesa de operações e colocou suavemente as mãos na área do peito, sem perguntar qual era o problema. Na verdade, Tom sofria de asma. Dez minutos depois, tudo terminara.

«Então?», perguntou a minha mãe.

«Não foi grande coisa», disse Tom despreocupadamente, «mas as mãos dele ficaram a ferver, tão quentes como o radiador em casa.»

Fomos para casa, perguntando-nos se tudo era um espetáculo, hipnose em massa ou, pior, uma gigantesca, sustentada, diária vigarice. E para quê? Sendo um materialista ao estilo dos anos oitenta, eu, claro, considerei o ângulo financeiro. Mas havia muitas formas mais fáceis de ganhar dinheiro. Decidi deixar toda a coisa em aberto e, nos meses seguintes, continuei a gerir o meu negócio.

No entanto, uma semente fora plantada. Só posso falar pela experiência pessoal, mas acredito que é impossível encontrar Stephen Turoff sem ser afetado de alguma forma. Faz-te pensar mais profundamente sobre saúde, vida e morte, e o teu «propósito de ser» em geral. Para mim, foi como se um interruptor tivesse sido acionado e a luz iluminasse um mundo inteiro novo de possibilidades, um mundo que nunca imaginara que pudesse existir.

Comecei a descobrir o máximo possível sobre o que se passava naquela pequena casa em Danbury. Primeiro, soube sobre o Dr. Kahn e os outros amigos e ajudantes de Stephen do que chamam «a vida após a Terra». Esta é uma realidade alternativa onde tempo, espaço, matéria e energia operam de acordo com leis diferentes. Aparentemente, estamos todos destinados a visitá-la. É onde a equipa de Stephen continua a sua missão de cura.

DR. KAHN

O Dr. Joseph Abraham Kahn é um médico. Pessoas doentes visitam-no de todo o mundo. Os seus pacientes relatam que ele realiza muitos tipos de cirurgia, incluindo neurocirurgia, cirurgia ocular e cirurgia cardíaca; manipula os seus ossos; remove e substitui os seus órgãos; torna as suas mentes e corpos saudáveis.

Há numerosos relatos dos seus métodos pouco ortodoxos resultando em curas milagrosas. O Dr. Kahn morreu em 1912... No entanto, diz-nos que foi simplesmente uma transição para outro mundo. Chegou a «outro lugar, ao som da minha mãe a cantar como um rouxinol ao crepúsculo de uma tarde»:

Foi uma grande surpresa para mim, encontrar-me vivo quando se supunha que estava morto. É muito para a mente racional compreender. Se pudesse ter uma experiência da minha vida na Terra novamente, seria a minha passagem. Quando encontrei a minha mãe, foi um reencontro belo, belo. Abraçámo-nos e houve lágrimas. Tinha sido um homem muito material na Terra e não tivera muito tempo para pensamentos sobre Deus. A minha mãe explicou-me algumas verdades. Disse: «Vem, Joseph, vem.» Fui levado a um lugar belo. Se tentares imaginar o lugar mais belo na Terra e o duplicares, então terás alguma ideia do lugar para onde fui levado. O meu mundo é muito belo. Não quereria voltar à Terra para viver, mas quero

ajudar pessoas no vosso mundo que estão doentes e perturbadas. Amo as pessoas. Amo o meu trabalho. O amor é a mensagem que trago a todos vós do meu mundo.

Hoje, o Dr. Kahn é um «cirurgião espiritual». Enquanto na Terra, diz-nos que as suas técnicas médicas eram bastante primitivas – «Na minha época, era cortá-lo para fora ou cortá-lo!» – mas desde que deixou a Terra, o bom doutor aprendeu muito. Frequentou as «Salas de Aprendizagem» nos planos astrais e manteve-se ao corrente dos desenvolvimentos médicos na Terra ao mesmo tempo, visitando hospitais terrestres na sua forma espiritual. Aparentemente, também se mantém informado sobre o trabalho de outros cirurgiões espirituais em todo o mundo.

O Dr. Kahn existe agora num estado de vibração superior ao nosso. Por isso, para funcionar no que chama «o plano da Terra», tem de tomar conta e usar o corpo de uma pessoa que ainda está no nosso estado de vibração inferior. É aqui que entra Stephen Turoff. O Dr. Kahn diz-nos que Stephen foi escolhido «pelas suas forças e não pelas suas fraquezas». Para usar o corpo de Stephen, o Dr. Kahn baixa o seu próprio estado de vibração pelo poder do pensamento consciente. Isto permite-lhe tomar conta do corpo de Stephen e usá-lo como se fosse um fato de roupa. Como explica:

Na verdade, é mais como vestir um fato de armadura. Vês, o meu instrumento tem quase seis pés e meio de altura. A minha estatura física, quando estava na Terra, era um pé inteiro menor que isso. Por isso, quando baixo a minha vibração para me tornar como era no plano físico da Terra, acho muito difícil entrar e controlar um corpo tão grande como o de Stephen.

A vibração parece ser muito importante. Já sabemos que o mesmo material, vibrando a taxas diferentes, pode existir em formas vastamente diferentes. A água, por exemplo, pode ser sólida, líquida ou gasosa. Taxas vibracionais diferentes poderiam explicar muitas coisas: como os fantasmas passam através de paredes; a aparição de santos e divindades; mãos e bisturis passando através de «carne» sólida sem quebrar a pele durante a cirurgia psíquica e uma gama inteira de outros fenómenos, como estátuas que bebem leite, por exemplo. Uma investigação mais aprofundada sobre vibração poderia até lançar alguma luz sobre círculos de cultura e avistamentos de OVNIs.

A energia do pensamento é aparentemente muito importante no mundo espiritual. Diz-se-nos que os seres espirituais usam o pensamento para criar objetos lá. A vibração do objeto é então baixada para que se manifeste ou materialize no nosso mundo. O efeito oposto ocorre quando o ser espiritual eleva a vibração de um objeto e este «desaparece» ou desmaterializa.

Se outros mundos operam em vibrações ou frequências muito mais altas do que o nosso, poderiam ocupar o mesmo espaço mas não ser visíveis, audíveis ou tangíveis. Não podes ver, ouvir ou tocar as frequências de energia que transmitem sinais de televisão para a tua casa – só sabes que estão lá quando ligas o recetor, o aparelho de TV. Será ir longe demais sugerir que alguns seres humanos são naturalmente capazes de receber sinais de outros mundos? Talvez haja até a possibilidade, no futuro, de comunicação com estes mundos, usando instrumentos concebidos especificamente para captar os sinais para aqueles que não têm uma capacidade natural.

Pode até haver a possibilidade de comunicação para todos hoje. Podemos todos ser capazes de comunicar com mundos que existem noutros planos de vibração, mas alguns de nós não sabem como nos ligar. Alternativamente, talvez nos desliguemos permitindo que as nossas mentes «racionais» bloqueiem ou interfiram com os sinais.

Voltando ao Dr. Kahn, quando estava na Terra era um homem de olhos castanhos, barba preta com óculos de leitura e mancava. Quando baixa a sua vibração e toma conta do corpo de Stephen, parece recuperar a sua incapacidade e arrasta uma perna atrás de si ao caminhar. Era também mais velho do que Stephen é agora quando morreu. Consequentemente, há muitos relatos de que o rosto de Stephen escurece e torna-se o rosto mais enrugado de um homem muito mais velho quando está em transe pelo Dr. Kahn. Perguntei a Stephen como era estar «em transe»:

O transe profundo é como adormecer. Não me lembro de nada sobre o que aconteceu. Os ajudantes espirituais dizem-me que me levam para um lugar belo onde aprendo coisas. Mas também não me lembro disso. É como um sono em que nunca te lembras de nada, nem mesmo dos sonhos. Os ajudantes humanos e os pacientes contam-me o que o Dr. Kahn fez enquanto eu estava ausente.

O Dr. Kahn diz-nos que tem uma grande equipa de «ajudantes espirituais»:

Tenho agora 17 assistentes. A minha equipa consiste em médicos, cirurgiões, curandeiros e manipuladores de ossos. Temos também cientistas que usam o seu conhecimento avançado de ciência astral e física para colmatar o fosso entre as dimensões e assim fazer tudo funcionar.

Este conceito de dimensões diferentes pode parecer algo rebuscado. No entanto, cientistas que trabalham no campo do que por vezes se chama «nova física» discutem-nas como algo normal. O Professor Stephen Hawking, no seu bestseller A Brief History of Time (Bantam, 1988), explica da seguinte forma:

As teorias das cordas, no entanto... parecem ser consistentes apenas se o espaço-tempo tiver dez ou vinte e seis dimensões, em vez das habituais quatro! Claro, dimensões extra no espaço-tempo são algo comum na ficção científica...

Por que não notamos todas estas dimensões extra... por que vemos apenas três dimensões espaciais e uma temporal? A sugestão é que as outras dimensões estão enroladas num espaço de tamanho muito pequeno, algo como um milionésimo de milionésimo de milionésimo de milionésimo de milionésimo de polegada. Isto é tão pequeno que simplesmente não o notamos... É como a superfície de uma laranja: se olhares de perto, é toda curvada e enrugada, mas se olhares de longe, não vês os altos e parece suave. Assim é com o espaço-tempo: numa escala muito pequena é dez-dimensional e altamente curvado, mas em escalas maiores não vês a curvatura ou as dimensões extra.

Assim, embora a mente racional se espante com a ideia de 20 ou mais «pessoas espirituais» a trabalhar arduamente noutra dimensão enquanto nesta Stephen Turoff realiza operações aparentemente complexas em minutos, pode muito bem ser possível.

ENFERMEIRA GRACE

A principal dos ajudantes do Dr. Kahn parece ser uma mulher conhecida como Enfermeira Grace. Há mais pormenores concretos sobre a sua vida na Terra do que sobre os dos outros membros da equipa, incluindo um desenho e uma fotografia de Grace. Estes têm uma história fascinante. Elsebe e Lloyd eram pacientes e amigos sul-africanos dos Turoff que se mudaram para a Escócia de Ongar, em Essex. Foram convidados a juntar-se à igreja espiritualista em Aberdeen. Em 1987, um artista psíquico na igreja, Len Lobban, foi contratado para fazer alguns retratos. Viu clarividentemente uma mulher de pé ao lado de Elsebe e desenhou-a.

Clarividência é uma palavra francesa que, tomada literalmente, significa «visão clara». Isto também pode ser explicado quando compreendermos mais sobre vibração. O olho «normal» atua como uma câmara de orifício. Capta o espetro visível de luz que é refletida de objetos físicos e o cérebro interpreta os sinais recebidos e transforma-os em informação útil. É assim que distinguimos forma, textura, cor e assim por diante.

O espetro visível é meramente uma gama limitada de vibrações ou frequências que a maioria das pessoas pode ver. Se alguns seres humanos conseguem ver uma gama maior de vibração, estes indivíduos «clarividentes» poderiam registar mais do que se passa à sua volta do que é a norma. O mesmo se aplica à clariaudiência, que significa «audição clara». Já sabemos que morcegos, cães e golfinhos ouvem uma gama mais ampla de som do que os humanos. Os ouvidos e cérebros de pessoas clariaudientes podem estar melhor afinados para uma gama de vibrações ou frequências fora do espetro normal. Isto permitir-lhes-ia, em teoria, «ouvir» as vozes de pessoas espirituais que comunicam usando sinais que outras pessoas simplesmente não ouvem.

Independentemente de como funciona, a Enfermeira Grace era visível para Len Lobban e, por algum meio, comunicou o seu nome. Elsebe não reconheceu a pessoa na imagem que Len desenhou, mas após pensar um pouco, perguntou-se se a enfermeira estaria ligada a Stephen Turoff e ao Dr. Kahn. Enviou a imagem para os Turoff, que questionaram o Dr. Kahn sobre ela. A resposta dele foi intrigante: «Sim, é a Enfermeira Grace. Ela é uma da nossa equipa. Por agora têm um desenho, mas, num futuro muito

próximo, encontrarão uma fotografia dela tal como era na sua vida terrestre.» Stephen e Kathy guardaram a imagem e esqueceram-se dela.

Oito meses depois, visitavam o Mildmay Mission Hospital no East End de Londres.

«Ao entrarmos no corredor», contou-me Stephen, «notei memorabilia da história passada do hospital nas paredes. Uma imagem destacou-se.» Era uma semelhança da Enfermeira Grace. Stephen fez perguntas sobre a fotografia, soube que fora tirada em 1893 e deram-lhe uma cópia. A Enfermeira Grace trabalhara no hospital quase 100 anos antes. Agora estava aparentemente de volta em forma espiritual, para continuar a sua missão de cura como uma da equipa do Dr. Kahn.

SR. JAMES

Em janeiro de 1990, o Dr. Kahn dava uma palestra e demonstração, através de Stephen, no teatro Salon Varietes em Fuengirola, Espanha.

«O meu nome é Dr. Kahn, Joseph Abraham Kahn, e este é o meu assistente Sr. R. James», anunciou, apontando para dois retratos na frente do palco. «Eu sou o bonito.» O público riu-se incerto.

Por trás dos retratos há outra história fascinante. Foram pintados pela psíquica residente em Mijas, Joyce Morgan-Protheroe, uma ilustradora freelance de revistas, a partir de imagens que «simplesmente apareceram no papel» à sua frente. Não tinha ideia de como eram o Dr. Kahn ou o Sr. James, nem ideia de por que seriam importantes. Mas quando Stephen os viu na sua visita a Espanha, ficou entusiasmado.

«Foi a primeira vez que vi uma imagem do Dr. Kahn, quanto mais do Sr. James», disse. «Desde então, disseram-me que o Sr. James tinha uma ligação com o King’s College Hospital e que morreu na década de 1950, mas não fiz perguntas. Não preciso de saber quem eram estes ajudantes nas suas encarnações terrestres. Outros podem querer saber, mas para mim não faz diferença. É o trabalho que fazem agora que é importante.»

DR. KAHN, JR.

O primeiro Dr. Kahn é um homem idoso cujo temperamento e características pertencem firmemente ao século XIX. Aparentemente, tinha um filho, outro cirurgião chamado Dr. Kahn, que agora também é um cirurgião espiritual. Este segundo Dr. Kahn parece ser mais jovem e mais moderno em temperamento e caráter. Diz-se-nos que era cirurgião nos campos de batalha de França durante a Primeira Guerra Mundial e que era conhecido pela sua vontade de tratar todos os feridos, de qualquer lado. «Veio através» para trabalhar com Stephen no início de 1991. O retrato deste segundo Dr. Kahn também foi desenhado por Joyce Morgan-Protheroe. Uma paciente francesa, uma senhora na casa dos noventa, lembrou-se realmente dele dos dias da Grande Guerra. Teve uma conversa com ele sobre aqueles tempos terríveis e as memórias perturbaram-no tanto que teve de deixar o corpo de Stephen para a tarde e o pai teve de tomar conta pelo resto da sessão.

OUTROS MEMBROS DA EQUIPA ESPIRITUAL

Vários outros ajudantes vieram através para usar o corpo de Stephen em diferentes ocasiões. Estes incluem o Professor Pafi, um egípcio que se descreve simplesmente como «um curandeiro», e o Dr. Gino, um italiano que falou com pacientes tanto na sua própria língua como em inglês. Acreditamos, pelo pouco que foi dito, que o Dr. Gino pode agora estar a tomar conta do trabalho em Espanha. Houve também indicações de que o mundialmente famoso cirurgião psíquico brasileiro José Arigó se juntou recentemente ao grupo de ajudantes. O resto da equipa permanece, até agora, anónimo.

Perguntei a Stephen uma pergunta que poderia preocupar muitas pessoas se tivessem a sua capacidade de entrar em transe: «Nunca tens medo de que, porque seres de outro mundo têm controlo do teu corpo, algo possa acontecer e tu serias responsabilizado?»

Stephen respondeu: «Tenho fé completa em Deus. O Dr. Kahn e a sua equipa estão a fazer o trabalho de Deus. Tenho fé total nos seus motivos e métodos.»

Parece que esta fé é justificada. Há literalmente dezenas de milhares de pessoas que testemunharam a eficácia de seja o que for que Stephen, o Dr. Kahn e a sua equipa realmente fazem durante o processo de cura. Na Clínica de Cura de Danbury, a sala de espera está cheia todos os dias da semana. Ambulâncias trazem pessoas em macas e cadeiras de rodas. Autocarros vêm do País de Gales quinzenalmente. Menos regularmente, chegam da Alemanha, França, Turquia e outros lugares do mundo. Quando Stephen atende a sua clínica em Espanha, 1000 pessoas são tratadas durante cada viagem de 10 dias. Na sua clínica em Israel, tratou até 177 pacientes num dia.

«Tratas tantas pessoas. Alguma vez algo correu mal?», perguntei a Stephen... delicadamente.

«De vez em quando acontece algo regrettável. Uma vez, alguém tropeçou em mim por acidente quando estava em transe profundo e caí sobre o paciente. O pobre homem era pequeno. Com um grandalhão como eu a cair sobre ele, sofreu costelas partidas. Felizmente, o paciente e a pessoa que me fez tropeçar eram amigos, caso contrário as coisas poderiam ter saído do controlo!»

2 A FAMÍLIA

O amor começa em casa... mas não é aí que acaba.

REVERENDO PETER NOKES

À medida que me fascinava com o que se passava na clínica, comecei a juntar a história da vida de Stephen. Começou no verão de 1947...

Stephen nasceu às 13h50 de 26 de julho de 1947, no Southmeads Hospital, Bristol. O embrulho enrugado de 10 libras de braços e pernas, apelidado «Winston Churchill» pelas enfermeiras, era o terceiro filho e único filho varão de Cyril e Kitty Turoff e novo irmãozinho de Evelyn, nove anos, e Sandra, quase quatro.

A família Turoff veio originalmente da Rússia. O bisavô de Stephen, Shiar Turoff, chegara a Londres na década de 1840, um refugiado sem um tostão que sofrera perseguição antissemita no seu país natal. Teve quatro filhos, todos rapazes: Morris, Lewis, Tobias e Samuel. Tobias, o trisavô de Stephen, nasceu em 1846. Ele e a sua mulher Minnie tiveram sete filhos:

Rose, Annie, Barnet, Lewis, Simon, o avô de Stephen, que nasceu em 1890, Sidney e Marie. Alguns deixaram Londres e partiram para a América, a emergente terra de oportunidades, para procurar fortuna, mas Simon ficou e começou a trabalhar em 1904 como aprendiz de marceneiro. Mais tarde casou com Martha, uma rapariga de Tower Hamlets. Cyril, nascido em 1912, foi o primeiro dos seus cinco filhos e foi seguido por Lily, Sadie, Montague e finalmente Evelyn, que nasceu em 1921.

Stephen também tinha sangue russo do lado da mãe. O avô materno, Peter Leshinsky, nascido em 1890, descendia de cossacos russos com terras, mas a sua mulher Mary, uma sétima filha, era de uma família abastada cujo dinheiro fora feito no comércio. A incompatibilidade percebida entre os seus antecedentes aristocráticos e de classe média levou Peter e Mary a deixar o seu país natal para escapar a recriminações familiares. Ao chegar a Londres, Peter formou-se como marceneiro e investiu em serrarias. Ele e a sua mulher tiveram nove filhos, o sétimo dos quais foi Katherine, a mãe de Stephen, que era conhecida como Kitty desde cedo. Alguns acham interessante que Kitty fosse a sétima filha de uma sétima filha, pois a lenda diz que tais crianças têm capacidades psíquicas. Kitty certamente tinha um dom psíquico e fazia leituras que eram muito precisas – até prever a morte de uma amiga e nunca mais o fazer.

Durante a década de 1920, Peter Leshinsky começou a beber em excesso. Uma vez, chegou a beber linimento de cavalo branco por engano. Espumou pela boca e, olhando desesperadamente para Kitty, de 10 anos, proclamou: «Estou morto, estou morto no céu e tu és um anjo.» Noutro incidente, tentou consertar o dedo cortado mergulhando-o num pote de cola. Terminou os seus dias a viver sozinho na Gosset Street, mesmo ao lado de Brick Lane.

Assim, ambos os conjuntos de avós de Stephen viviam no East End de Londres e ambas as famílias estavam no negócio de marcenaria. No entanto, aí acabavam as semelhanças. Uma família era operária e judia, a outra de classe média e cristã. Estas diferenças estavam destinadas a causar problemas sem fim quando Cyril, um estofador e um malandro adorável com gosto pelas corridas de cães, conheceu Kitty em meados da década de 1930.

Nessa altura, muitos dos principais vilões do East End eram empregados pelo líder fascista Oswald Mosley, havia motins antissemitas

em Whitechapel e, por um curto período, Bethnal Green era conhecida como «o solar fascista». A atmosfera era hostil. Na chamada «Batalha de Cable Street» a 11 de outubro de 1936, 100 000 pessoas construíram barricadas e saíram para as ruas numa tentativa de impedir uma marcha de 7000 apoiantes fascistas. Camiões foram virados, tijolos atirados à polícia e estradas cobertas de vidro para impedir cargas de oficiais montados. Oitenta pessoas, incluindo 15 polícias, ficaram feridas e houve 84 detenções. Independentemente disso, seis semanas depois, a 28 de novembro de 1936, Cyril Turoff casou com Kitty Leshinsky no Registo Civil da Câmara Municipal de Bethnal Green.

Um ano ou mais depois, nasceu Evelyn. Depois veio a guerra. Cyril foi destacado por todo o país enquanto se treinava. Enquanto estava em Narbeth, no norte do País de Gales, juntou-se-lhe a mulher e a filha pequena, pois tinham sido bombardeados em Londres durante o Blitz. Ao regressar a casa do abrigo antiaéreo uma manhã, Kitty encontrou um terreno baldio. A casa desaparecera literalmente, juntamente com o resto da rua. Eventualmente, Cyril foi enviado para a Europa como mensageiro de mota na linha da frente. Um dia, sob chuva torrencial, ele e o seu melhor amigo tinham de atravessar campos abertos para entregar despachos urgentes. Não queriam arriscar atravessar o terreno exposto e decidiram que as sebes ao longo dos campos ofereceriam a melhor proteção contra atiradores furtivos.

No barulho e confusão da batalha, o jovem amigo de Cyril, que ia à frente, não ouviu o tanque inimigo que se aproximava e que veio diretamente através da sebe, esmagando e cortando ambas as pernas. Não é difícil imaginar o profundo efeito que esta visão horrível teve em Cyril. Pedindo transferência para outro trabalho, foi mudado para condutor de ambulância na linha da frente. Isto era igualmente angustiante. Uma das tarefas envolvia limpar os corpos e «pedaços» dos seus camaradas do campo de batalha em sacos e identificá-los da forma possível.

Os judeus eram especialmente difíceis de identificar, pois não levavam papéis nem chapas por causa da captura pelos nazis. Perto do fim da guerra, Cyril foi um dos primeiros a entrar num campo de concentração. Os guardas SS tinham partido à pressa e, numa tentativa débil de encobrir atrocidades, tinham empurrado centenas de corpos sob montes de terra aos portões do campo. Ao entrar, um membro da unidade de Cyril notou que os

enormes montes se moviam. Nem todos os corpos estavam mortos! A guerra de Cyril terminou quando conduzia sobre uma ponte numa floresta e um morteiro aterrou na sua cabina. Teve sorte em estar vivo, mas sofreu ferimentos terríveis e passou muito tempo como ferido não identificado num hospital holandês antes de ser eventualmente enviado para casa. O seu irmão Montague recordaria numa conversa com Stephen, cerca de 50 anos depois, que Cyril estava a ser carregado do campo de batalha com estilhaços alojados no cérebro, enquanto ele, Monty, ia para lá.

Kitty e Evelyn tinham, entretanto, sido transferidas do norte do País de Gales para uma cabana numa floresta perto de Weston-super-Mare. Eventualmente, foram mudadas para a casa de «uma família cristã muito religiosa que rezava o tempo todo», segundo Evelyn. Sandra nasceu lá e decidiu-se então que se mudassem para casa da irmã de Kitty em Sand Bay, perto de Kewstoke, Weston-super-Mare. Quando a guerra acabou, este arranjo tornou-se demasiado apertado e mudaram-se novamente, para um cottage em Cheddar. Viviam lá quando Stephen nasceu, mas finalmente, em 1948, regressaram a Brick Lane.

Quando criança, Stephen estava destinado a estar quase constantemente doente. Quando tinha apenas dois anos, uma febre alta seria seguida por um estado de coma e uma correria para o hospital. Estes comas, no pior, ocorriam com tanta frequência como uma vez por quinzena e continuaram por muitos anos. Este foi o início de um pesadelo vivo de doença debilitante seguida por condição aguda seguida por doença menor, e assim por diante. Muito mais tarde, Stephen seria informado de que a sua doença constante fazia parte da sua preparação para a cura de outros.

Cyril também tinha problemas de saúde recorrentes. Estilhaços ainda estavam alojados no seu cérebro e acordava à noite com dores terríveis, com sangue a escorrer dos ouvidos. Stephen dormia no quarto dos pais e lembra-se do pai de pé à noite a gemer de dor. Mais tarde, Cyril sofreria de pernas ulceradas que requeriam longos períodos no Mildmay Mission Hospital, Shoreditch. Quando saudável, pesava 16 pedras, mas o seu sofrimento prolongado torná-lo-ia uma sombra do que fora. Estava frequentemente no hospital por um mês ou mais de cada vez. Kitty tinha de trabalhar arduamente. Experimentou uma gama de empregos e, por um tempo, geriu uma banca de jornais perto de Liverpool Street. Depois, no início da década de 1950, tomou conta do restaurante em Virginia Road,

Shoreditch, onde outrora trabalhara e que se tornou conhecido por todos como «o de Kitty».

Embora a união de judeu e cristã fosse mal vista por ambas as famílias, Stephen lembra-se de lhe ser permitido ver a avó judia, Martha, no Natal e nos seus aniversários. «Dava-me um beijo que cheirava a bigode e havia sempre outro xelim para o meu mealheiro.» Este contacto irregular entre avó e neto não seria tão invulgar se vivessem a milhas de distância, mas Martha vivia realmente no andar de cima no mesmo bloco de apartamentos! Stephen tem memórias afetuosas da avó e pergunta-se hoje o que poderia ter sido se a rixa familiar tivesse sido menos intensa. A tia Evelyn também vivia no andar de cima; não tinha tempo para «rixas parvas» e Stephen via-a bastante.

Em 1952, Stephen começou na Virginia Road School, Shoreditch. Sofria de dislexia, mas pouco se sabia sobre a condição na altura e, talvez em parte devido à doença constante e à sua dificuldade de aprendizagem não reconhecida, Stephen tornou-se muito solitário. Era uma criança nervosa que tentava mascarar a dislexia com caligrafia má. Para tirar a criança «estúpida» da sala de aula o máximo possível, os professores atribuíam-lhe tarefas como monitor de leite e rapaz do lixo. No entanto, era muito bom a matemática, não tendo problemas com símbolos matemáticos. Aos sete anos, dominara logaritmos e antilogaritmos. Tinha um interesse limitado em desportos, mas gostava de futebol, que jogava pela escola.

As irmãs de Stephen eram muito boas para ele. Na Coroação a 2 de junho de 1953, lembra-se delas a vesti-lo como marinheiro com papel de ráfia. Com o pai doente e a mãe a trabalhar, Evelyn e Sandra mimavam realmente o irmãozinho e eram ferozmente protetoras dele.

No entanto, embora tivesse uma família amorosa e carinhosa, Stephen experimentava sentimentos de extrema solidão. Desde os seis anos, imaginava-se constantemente aninhado nos braços de uma «Mãe Divina». Sentia-se desligado, como se não pertencesse totalmente ao mundo. Tinha «um anseio interior de ir para casa... para Deus, a minha outra mãe». Esta afinidade infantil altamente invulgar com Deus manifestava-se num amor por ouvir música religiosa de todos os tipos e numa fascinação por todas as histórias religiosas, especialmente sobre a vida de Jesus.

Cerca de um ano após começar a pensar em Deus como a sua outra mãe, Stephen tornou-se consciente de um leão «a ofegar e a andar à minha volta». Em tempos de dificuldade, o leão estaria lá, veio a acreditar em breve, para o proteger. Outros também o viam e ouviam de vez em quando. Relatavam vislumbrar a besta benevolente a mover-se por uma porta ou a ouvir a sua respiração atrás de móveis quando Stephen estava por perto. Muito mais tarde, uma imagem sobreposta de um leão foi captada numa fotografia tirada na clínica de cura de Stephen em Chelmsford.

Por volta da mesma altura, Stephen também começou a experimentar o que chamava de «sombras sussurrantes». Vozes sussurravam à sua volta e, pelo canto do olho, via figuras sombrias. Para a maioria das crianças, isto seria muito perturbador, mas Stephen pertencia a uma família de místicos que tinham alguma compreensão das dimensões invisíveis. Além da mãe, as irmãs de Stephen eram ambas psíquicas, Evelyn tanto que conseguia ver claramente pessoas do mundo espiritual. Quando casou, mudou-se para um apartamento num bloco próximo. A ocupante anterior, Sra. Chiswick, morrera recentemente e Evelyn «sentiu» a velha senhora lá por muito tempo antes de ela finalmente se materializar uma noite e dizer: «Estou à procura da Sylvie. Sabes onde está a minha Sylvie?» Evelyn teve de explicar à velha senhora que a filha Sylvie se mudara para Dagenham.

«Pensava que era tudo uma tolice, quando era mais nova», contou-me Sandra, «mas depois uma voz na minha cabeça disse: "Vou ajudar-te a acreditar, olha para cima e verás..." Então olhei para cima da minha cabeça e havia um caleidoscópio de rostos todos a girar e a sorrir para mim. Depois muitas outras coisas invulgares começaram a acontecer-me. Quando tens experiências assim, é difícil não acreditar.»

Cyril, entretanto, gostava de uma aposta nos cães. A cena de apostas de pequena escala no East End atraía uma variedade de pessoas excêntricas, incluindo um cavalheiro notoriamente flamboyante que se chamava Prince Honolulu e se estabelecera como um homem que podia prever corridas com precisão por uma taxa. O Prince era absolutamente enorme. De aparência havaiana, usava penas de três pés numa faixa na cabeça e conduzia os seus negócios na extremidade da igreja de Shoreditch em Brick Lane. Desfilava pela estrada a gritar: «Tenho um cavalo, tenho um cavalo.» Um dia, Prince Honolulu parou, curvou-se e, colocando a sua grande mão suavemente na cabeça do jovem Stephen, perguntou a Cyril:

«Sabes quem este rapaz realmente é?» Cyril despachou-o como a estranheza habitual do Prince. Mas pode muito bem ter sido que ele fosse verdadeiramente psíquico e tivesse visto algo do que estava por vir.

Nessa altura, normalmente quando judeus do sexo masculino casavam com gentias, as crianças seriam criadas na fé da mãe. Stephen, no entanto, foi inicialmente atraído pelo judaísmo e frequentou o que chamava «escola dominical judaica». Isto terminou num dia de desportos de verão quando, tendo ganho o primeiro prémio de um xelim numa corrida, Stephen ficou devastado por ser esbofeteado na cara pelo rabino, que disse que devia ter batido. Tão chocado ficou por «um suposto homem de Deus» poder fazer isto que nunca mais voltou.

Entretanto, os seus problemas de saúde continuavam. Na escola, após a assembleia, o chamamento saía: «Alguém para a clínica?» Embora este serviço se destinasse a fornecer cuidados médicos a crianças numa área desfavorecida, também proporcionava uma oportunidade ideal para uma criança disléxica e solitária fugir da escola normal por uma ou duas horas. Por isso, Stephen procurava no corpo algo que pudesse justificar a clínica. Quando tinha 10 anos, no entanto, teve mais do que esperava. Tendo encontrado um caroço muito complacente no joelho, foi enviado diretamente da clínica para o Mildmay Mission Hospital.

Desenvolvera um crescimento canceroso. Stephen ainda recorda vividamente a bondade das enfermeiras cristãs no hospital, «sempre a cantar hinos». Felizmente, uma operação removeu o tumor completamente. Isto era típico da experiência infantil de Stephen – muita doença, mas sempre a superá-la rapidamente. A seguir foi febre glandular. Mais tarde, quando Stephen tinha 12 anos, entrou no que descreve como um período «muito assustador», que durou até aos 14. Deitado na cama à noite, à meia-noite em ponto, um toque, toque, toque na testa acordava-o.

Sentava-se de sobressalto, tentando desesperadamente vislumbrar o seu atormentador, mas em vão. Mesmo se ficasse acordado até alta noite, «o tocador» esperava até ele adormecer para jogar o seu jogo fantasmagórico. Depois, dois anos após ter começado, esta brincadeira unilateral parou tão abruptamente como começara. Stephen nunca descobriu se era um espírito amigável a provocá-lo ou algo altogether mais sinistro.

Outra coisa «muito assustadora» aconteceu uma tarde quando toda a família estava fora. Stephen estava doente e foi para o quarto das irmãs dormir aninhado na cama de penas. Acordou ao ouvir um grupo de pessoas a conversar e a festejar na sala de estar. Tentou mexer-se, mas estava congelado, como se segurado por uma força invisível. Eventualmente, o barulho diminuiu e conseguiu mexer-se. Reunindo toda a coragem, aventurou-se na sala de estar – para descobrir que não havia ninguém lá.

Desde cedo, o jovem cockney era um bocado showman. Conseguia empregos nas feiras itinerantes que acampavam localmente simplesmente ficando por perto do de Kitty e pedindo trabalho aos operadores de feiras. Era bom dinheiro de férias e trabalho excitante e recompensador. O emprego favorito de Stephen era na mesa «Wheel'em»:

Os apostadores rolavam um penny de uma extremidade de uma mesa especialmente concebida e os pennies aterravavam em quadrados na outra extremidade com números neles. O número na caixa onde o teu penny aterrasse decidiria o montante que ganhavas ou não. Acredites ou não, aos 12 anos, esta era uma mesa de jogo realmente divertida para eu gerir e ganhava uns bons xelins nela todos os anos quando as feiras vinham, até aos 15 anos, quando estes jogos perderam algum do seu apelo.

O talento natural de Stephen para atrair multidões foi notado por Stevie Gray, um operador de feiras bem conhecido. Ofereceu ao jovem atraidor de multidões um emprego permanente na feira, mas era demais para contemplar, «com as viagens e estar longe da mãe e do pai», por isso Stephen decidiu contra.

É interessante especular sobre o que poderia ter sido se tivesse escolhido aceitar a oferta gentil do Sr. Gray. Dezenas de milhares de pessoas poderiam não ter beneficiado do seu dom de cura – ou talvez ainda o tivessem feito. Talvez, se for o nosso destino ou propósito fazer certas coisas na nossa vida, o destino ou o acaso ou Deus nos trará de volta a elas independentemente das decisões que possamos tomar ao longo do caminho.

No início de 1960, com 13 anos, Stephen entrou no hospital para uma operação de apêndice. Cyril estava na mesma enfermaria. Na primeira noite, o homem na cama ao lado de Stephen partiu pacificamente. As enfermeiras pensaram que Stephen poderia ficar perturbado e mudaram-no para a extremidade da enfermaria. Na segunda noite, novamente o homem

na cama ao lado de Stephen partiu. As enfermeiras mudaram Stephen para o outro lado da enfermaria. Mas na terceira noite aconteceu o mesmo. E na quarta.

O jovem rapaz veio a ser temido como um mau agoiro tal que até Cyril considerou se era aconselhável estar na cama ao lado. Mudaram Stephen para o meio da enfermaria sem ninguém de nenhum lado. Um cavalheiro idoso bondoso estava na cama em frente e confortou o rapaz confuso e disse-lhe para não se preocupar com as estranhas coincidências. Nessa noite, partiu tranquilamente no sono.

As enfermeiras recusavam-se a acreditar em mau-olhado, mas decidiram, ainda assim, que Stephen devia ter um biombo à volta da cama para tranquilidade dos outros doentes. Mais tarde, os amigos espirituais de Stephen contaram-lhe que cada um dos seus vizinhos de cama tinha estado muito doente e com grandes dores. A presença dele tinha, de alguma forma, permitido a sua libertação pacífica.

No ano seguinte, Stephen desmaiou com suspeita de poliomielite numa excursão de um dia a Southend. O que começara como um dia de sol acabou com ele a ser transportado de urgência para o Hospital de Rochford. Mais uma vez, recuperou rapidamente e teve alta poucos dias depois. Algumas semanas mais tarde, atravessava um campo quando ouviu um grito de aviso; virou-se e foi atingido por uma flecha disparada por outro rapaz com um arco caseiro. A flecha entrou pelo lado esquerdo do olho esquerdo, causando uma hemorragia e uma lesão que deixou o olho parcialmente fechado até hoje. Seguiram-se mais duas semanas no hospital.

Aos 15 anos, Stephen «deixou de lado as coisas de criança» e começou a trabalhar como aprendiz de marceneiro. Não tardou a ter «muitas» namoradas e, desde então, sempre gostou especialmente da companhia de mulheres. «Talvez porque as raparigas eram um pouco mais sensíveis e eu me sentia muito à vontade na companhia delas», reflete hoje, «ou talvez fosse mais sobre descobrir a atração normal entre rapazes e raparigas. Não sei. Só posso dizer que gostava mesmo de sair e passar tempo com raparigas.»

Os «filmes», dançar no Tottenham Royal e no Flamingo, e passar tempo no café Two Eyes no West End eram algumas das atividades favoritas dos jovens de Bethnal Green no início dos anos sessenta. Stephen

recorda esses tempos com especial carinho. Ganhando o principesco salário de 3 libras, 10 xelins e 0 pence por semana, conseguia pagar a vida social boémia e ainda contribuir com qualquer coisa para as despesas da casa.

Stephen estava ligado à marcenaria desde muito cedo. Os donos e gerentes das empresas locais entravam na Kitty's e eram alvos ideais para os seus pedidos de trabalho ao fim de semana e nas férias. Estava sempre disposto a trabalhar para ganhar dinheiro e há muito aprendera as habilidades de um «chato». No jargão do East End, isso significa um «comprador e vendedor de tudo e mais alguma coisa». O jovem exibicionista de feira, um pouco atrevido, era bastante bom nisso e passava muito tempo em atividades como recolher banda desenhada para revender a outros rapazes e «vasculhar os caixotes do lixo em busca de livros e outras bugigangas» que os vendedores do mercado lhe davam por uns trocos.

Desde o início, o jovem aprendiz tinha afinidade com a madeira:

Conseguia fazer tudo e mais alguma coisa e adorava trabalhar com madeira. Para mim, ela estava viva. Consequentemente, comecei muito bem na empresa. Infelizmente, a doença persistente que tem atormentado a minha vida voltou a dar sinais e fiquei tão doente, com vários sintomas, incluindo febre altíssima, que fiquei semanas acamado e tiveram de me dispensar.

Ao recuperar desta doença misteriosa, Stephen arranjou emprego como ajudante de eletricista. Até hoje, não faz ideia por que escolheu esse trabalho desconhecido. Não gostava nada. Aguentou-se um ano até que, ao fazer 17 anos, surgiu uma oportunidade como carpinteiro na Illet and Wake, uma pequena empresa de materiais de construção que era de confiança dos joalheiros de Hatton Garden e, por isso, fazia lá muito trabalho. Foi enquanto trabalhava para a Illet and Wake que Stephen teve a sua primeira «experiência com entidade» fora de casa.

Aconteceu quando trabalhava com outro carpinteiro a fazer estantes para o que viria a ser uma biblioteca para estudantes estrangeiros de economia numa grande casa georgiana no oeste de Londres. Ao fim da primeira semana, o zelador irlandês da casa puxou o jovem aprendiz para o lado. «Queres ganhar um dinheirinho extra ao fim de semana, rapaz?» Isso envolvia desmontar velhas estantes de metal no corredor do rés do chão e

transportar os livros escada acima até ao novo local, quase no topo da casa. Assim, Stephen apareceu cedo na manhã de sábado na mansão.

Depois de uma chávena de chá, o zelador saiu para fazer compras com a mulher e, durante a primeira hora, tudo correu bem. Depois, Stephen acabara de colocar uns livros nas prateleiras de uma das salas da biblioteca quando se ouviu um *tump, tump, tump* no teto. Com o coração aos saltos, Stephen aproximou-se na ponta dos pés, martelo apertado no punho trémulo, até ao patamar do último andar e abriu devagarinho a porta. «Ufa, não está ninguém», suspirou de alívio. Ainda assim, para ter a certeza, fez uma busca completa e verificou que a janela do último andar estava trancada por dentro.

Ainda nervoso, desceu para a zona do rés do chão, um pouco apertada e mal iluminada. Nesse antro subterrâneo escuro, o irlandês e a mulher tinham feito um lar confortável com cozinha, sala de estar e quarto. Do corredor ao fundo das escadas, viam-se as três divisões através das portas de vidro. Equilibrando-se numa pequena escada de três degraus, Stephen começou a desmontar as estantes de metal que forravam o corredor.

De repente, ouviu-se um grito arrepiante vindo da cozinha. Stephen rodou sobre si próprio, quase caindo da escada. Martelo erguido outra vez, escancarou a porta da cozinha e entrou a correr para encontrar… um silêncio sinistro. O ar estava rarefeito e um silêncio gélido fez-lhe arrepios na espinha. Nervoso, voltou ao trabalho, tendo o cuidado de fechar bem a porta da cozinha. Mas, minutos depois, ouviu alguém a descer as escadas.

«Ótimo, já voltaste…» começou, virando-se para cumprimentar o zelador. Mas não estava lá ninguém. Ainda assim, os passos continuaram a descer as escadas e, então, pregado ao chão, Stephen sentiu um hálito gelado na orelha direita. O martelo subiu no ar e o aprendiz subiu as escadas a correr, saiu porta fora e desatou a correr pela rua abaixo o mais rápido que as longas pernas permitiam.

Na esquina, encontrou refúgio num café e um conforto solidário, embora algo cético, da senhora rechonchuda e de meia-idade atrás do balcão. «Uma chávena de chá e um bolo devem resolver», disse ela. Mas ia precisar de mais do que chá e bolo para levar o rapagão de volta àquele rés do chão. Esperou duas horas inteiras à porta da casa pelo regresso do casal de zeladores e contou-lhes a história do princípio ao fim.

«Ó Jesus, Maria, José!» disse o irlandês.

«Ó Jesus, Maria, José!» disse a mulher do irlandês.

«Exatamente!» disse o jovem cockney.

Felizmente, não faltava muito para acabar e Stephen conseguiu terminar o trabalho até ao fim do dia – mas só depois de insistir que alguém ficasse sempre com ele.

Depois disto, Stephen começou a ter muitas mais experiências e encontros invulgares. Uma das mais comuns era ver «pessoas» de pé ao lado de pessoas. Objetos moviam-se sem contacto físico de ninguém. Luzes coloridas dançavam e tremeluziam à volta de todos os que olhava. Stephen começou a perguntar-se se a sua mente estaria bem.

Ainda assim, gostava da vida, especialmente na companhia de Jean, uma rapariga que conhecera no Tottenham Royal. Era loira, bem-humorada, atraente e inteligente. Seis meses mais nova do que Stephen, trabalhava como secretária jurídica. À medida que a relação se desenvolvia, passavam cada vez mais tempo juntos.

No ano seguinte, ao fazer 18 anos, Stephen voltou a adoecer, desta vez com o que o hospital chamou de «doença tropical». Um pouco inesperado, já que nunca saíra da Grã-Bretanha! Durante a primeira noite no hospital, esteve entre a vida e a morte e deram-lhe 32 injeções. Stephen diz que se lembra vividamente da «agulha muito grande», mas as irmãs contaram-me que ele parecia completamente delirante quando deu entrada no hospital e assim permaneceu durante bastante tempo. Só um ano depois a mãe se sentiu capaz de lhe contar que quase o tinham perdido naquela primeira noite.

Desde então, foi explicado a Stephen que o seu trauma pessoal, dor e sofrimento foram necessários para «amolecer o seu coração» ao sofrimento dos outros. No entanto, tal como o resto de nós, Stephen pode também estar a percorrer o seu próprio caminho Cármico de regresso a Deus. Talvez haja dívidas Cármicas a pagar pelo caminho. Alguns especulam que, no nosso nível mais elevado de ser eterno, «escolhemos» as nossas difíceis experiências terrenas para voltar ao caminho certo para casa, a Deus, um caminho do qual nos poderemos ter desviado em vidas anteriores. Outros

dizem que não existe reencarnação nem Carma e que esta é a única vida que nos é concedida, por isso temos de acertar… ou então.

O próprio Stephen tem a certeza de que o Deus omnisciente e todo-amoroso em quem tem total fé não permitiria o sofrimento desnecessário e imerecido de nenhum dos seus filhos. Seja qual for a verdade real, para ele, basta estar convencido de que «Deus sabe o que é melhor».

Em 1966, após um namoro de 18 meses, Stephen casou com Jean na Câmara Municipal de Hackney. Mudaram-se para um pequeno apartamento em Bethnal Green e, em muito pouco tempo, tiveram problemas com ladrões. Enquanto ainda fazia o aprendizado como carpinteiro e marceneiro, Stephen negociava joias para gerar um segundo rendimento. Isso pode ter chegado ao conhecimento de ladrões locais, pois os recém-casados foram assaltados três vezes em seis meses. Numa noite, Stephen viu mesmo um par de olhos a espreitar pela ranhura do correio enquanto um gangue avaliava o próximo golpe.

Não tardou a encontrar trabalho extra à noite como porteiro no Lyceum Ballroom. Os outros seguranças apelidaram o gigante simpático de «Yogi Bear». Também fez outros trabalhos no seu «fato de pinguim», como ele lhe chamava, incluindo uma noite como guarda-costas pessoal de um deputado. Outros empregos incluíram ser o segurança da porta dos fundos no concurso Miss Mundo.

Noutra ocasião, Stephen patrulhava a pista de dança do Lyceum e divertia-se com alguns dos clientes quando uma rapariga atraente se aproximou, muito pálida.

«Sou a June. Perdi a minha amiga Carol», disse ela e passou a descrever Carol pormenorizadamente. *Deve estar um pouco embriagada*, pensou Stephen. Depois reparou numa rapariga que correspondia à descrição de Carol.

«És a Carol?»

«Sim.»

«A tua amiga June está à tua procura», disse o Yogi Bear, «e não parece nada bem.»

A reação de Carol foi totalmente inesperada. Ficou tão chocada que teve de ser ajudada a sair da pista e começou a chorar descontroladamente.

A June tinha morrido num acidente três semanas antes! Stephen desapareceu rapidamente.

Embora, de muitas formas, gostasse de negociar joias e fazer trabalhos no fato de pinguim, Stephen não conseguia livrar-se dos objetos que se moviam à sua volta, das vozes que chamavam o seu nome e das incríveis visões de si próprio como um homem muito religioso. O papel que desempenhava na vida era, de alguma forma, estranho. Sabia que andava à procura de algo, algo mais. Mas o quê? Durante os primeiros anos da casa dos vinte, os despertares espirituais dentro dele tornaram-se mais pronunciados e começou a ter uma série do que chama de «experiências espirituais pessoais», desenvolvendo uma «necessidade emocional de Deus entrar na minha vida».

Por enquanto, porém, foi o primeiro filho de Stephen, Jason, que entrou na sua vida. Era 1969 e Stephen trabalhava em Hatton Garden. Quando soube que Jean estava no hospital, saltou para a carrinha e arrancou sem pensar no limite de velocidade. Descer a Hackney Road a toda a velocidade numa velha Ford Thames enferrujada e amassada era pedir problemas. Quando Stephen travou a fundo nos semáforos vermelhos, um braço com uma túnica azul-escura entrou pela janela aberta e cinco dedos enormes pousaram no seu ombro. Um polícia de cabelos grisalhos encostou o nariz à cara de Stephen.

«Sabes por que te vou autuar, rapaz? Excesso de velocidade e condução perigosa – e isto é só o começo!»

«A minha mulher acabou de ser levada de urgência para o hospital», desabafou Stephen, «vou lá vê-la a ter o nosso bebé.»

Felizmente, o polícia foi compreensivo. «Bem, tem cuidado para não deixares o teu filho órfão!»

Ao chegar ao hospital, Stephen descobriu que fora alarme falso. Mas Jean quase perdera o bebé e os médicos mantiveram-na internada nas cinco semanas seguintes por precaução. Jason acabou por nascer com mais do que algumas complicações e um pouco icterícia, mas, de resto, saudável. Stephen e Jean levaram-no para casa em Bethnal Green. Apenas cinco semanas depois, mudaram-se para Witham, em Essex.

O final dos anos sessenta foi uma época de êxodo para Essex para muitos do East End. Cidades como Harlow e Romford eram geralmente os destinos preferidos, mas Stephen preferia a ideia de se mudar um pouco mais para o interior. Uma confortável casa geminada de três quartos no Poplar Close, em Witham, parecia o paraíso para o jovem casal da cidade.

A mudança não foi isenta de problemas, no entanto. Tal como muitos jovens, Stephen não tivera sorte com veículos motorizados. O seu meio de transporte atual era uma carrinha Ford Thames azul (e castanha, se contarmos com a ferrugem). Tossindo e engasgando-se, a pobre coisa tentou levá-los até Witham, mas, irremediavelmente sobrecarregada, deu o berro na A12. Tiveram de pedir boleia até Chelmsford, alugar outra carrinha, voltar à Ford Thames, transferir o conteúdo para a segunda carrinha e rebocar a primeira até à oficina mais próxima, onde o mecânico demorou mais algumas horas a repará-la…

Apesar de tudo isto, Stephen estava muito entusiasmado com as perspetivas que o aguardavam.

3 DESENVOLVIMENTO:

O CURANDEIRO «MÃOS NA MASSA»

É bom ser um buscador, mas mais cedo ou mais tarde tens de ser um descobridor. E então é bom dar o que encontraste, um presente ao mundo para quem o quiser aceitar.

JONATHAN LIVINGSTON SEAGULL

A mudança de Londres para Witham marcou a chegada de uma nova filha, Nicole, e foi também um período de espiritualidade intensificada para Stephen. Tornou-se muito mais consciente de que queria seguir um caminho profundamente espiritual na vida, mesmo que ainda não soubesse exatamente o que era ou como lá chegar. O que o apontou na direção seguinte, como tantas vezes acontece, foi a morte de um ente querido – o seu pai, Cyril.

Embora Stephen sentisse que era uma libertação bem-vinda após anos de sofrimento, foi, ainda assim, um golpe terrível perder «o meu velho

pai». O funeral realizou-se na Hackney Road a 16 de março de 1972. De regresso a Colchester, Stephen olhou por acaso para cima ao passar por um cartaz à porta de uma igreja espírita. Intrigado, anotou cuidadosamente a hora do serviço, mas mesmo assim chegou atrasado no dia. Abrindo a porta com hesitação, encontrou cerca de 40 pessoas lá dentro a cantar hinos.

Apenas mais uma igreja, provavelmente não é para mim, pensou, mas algo o impeliu a entrar. Encontrando uma cadeira vazia, ficou surpreendido ao sentir «um calor maravilhoso» assim que se sentou. «Parecia que estava no sítio certo, espiritualmente, pela primeira vez na vida. A única forma de o descrever é como "chegar a casa".»

Stephen não sabia o que esperar a seguir. À sua frente, num púlpito, estavam um homem e uma mulher. O homem parecia estar a dirigir os procedimentos e depressa se tornou claro que a senhora era uma oradora convidada e médium. Deu uma palestra de cerca de 20 minutos sobre espiritualidade e depois fez uma demonstração de clarividência.

Pensando que ninguém o tinha notado, Stephen ficou muito surpreendido quando ela apontou para ele e disse: «É a primeira vez que vens a uma igreja espírita. Os teus guias têm estado à tua espera para tomares uma decisão e agires de forma positiva. Tens estado em cima do muro há algum tempo. Não podiam fazer grande coisa até saltasses. Fizeste-o ao vires aqui hoje. Há um senhor chinês muito sábio ao teu lado. Diz que se chama Chan. Farás grandes coisas se te aplicares. O Chan está a dizer-me que, quando estiver pronto para trabalhar contigo, tirará o boné e pô-lo-á na tua cabeça. Não estará pronto até tu te preparares. Tens de te aplicar e progredir antes que ele transfira o boné.»

Stephen voltou para casa muito entusiasmado com esta experiência. Tinha sido algo perturbador, porém, e não tem a certeza do que o levou a voltar na semana seguinte. Mas gostou da forma como foi tratado e do facto de, pela primeira vez na vida, se sentir em casa num ambiente espiritual: «A atmosfera de chávena de chá e bolachas era um grande ponto a favor e senti-me simplesmente atraído pela ideia toda.»

Decidiu aprender a meditar e começou a ler tudo o que conseguia sobre assuntos espirituais. Depressa descobriu que parecia saber muito disso por instinto. Reservou um período todos os dias para meditar. Ia para o quarto às 18h todas as noites e sentava-se em silêncio de olhos fechados.

«Era muito parecido com adormecer.» Depois acordava exatamente às 19h20 e ia jantar. Fazia isto todos os dias da semana, incluindo fins de semana, durante um ano inteiro.

Quase imediatamente, uma gama muito mais ampla e intensa de fenómenos começou a acontecer à sua volta. Aprendeu na igreja espírita que, como ele próprio dizia, «Deus é como a eletricidade e as pessoas são como lâmpadas. Quando decides ligar-te, a luz acende-se. Quanto mais vezes te ligares, mais brilhante fica a luz.»

Durante este período inicial de fenómenos intensificados, Jean também teve algumas experiências e descobriu-se que ela própria era muito sensível ao mundo espiritual. Numa noite, viu um brilho intenso no canto do quarto. Do brilho formou-se uma névoa. Da névoa saiu um nativo americano que «fez qualquer coisa à cabeça de Stephen» enquanto ele dormia. Este evento em particular tornou-se regular e uma vez Jean chegou a relatar ter visto o nativo americano tirar Stephen do corpo e desaparecer com ele enquanto ambos se afastavam a pé para dentro da névoa.

Disseram a Stephen que os fenómenos eram as suas «cenouras», sinais de que estava no caminho certo. Continuou a voltar à igreja e recebia mensagens diferentes todas as semanas para o encorajar e guiar. Um dia, um médium visitante que nunca tinha encontrado disse-lhe do púlpito coisas muito intrigantes.

«Sabias que podes ser um grande curandeiro? Tenho um senhor chinês contigo que está a tirar o boné e a pô-lo na tua cabeça. Diz-me que há grandes planos para ti se escolheres o caminho da cura. Isto significa alguma coisa para ti?»

As mensagens seguintes disseram a Stephen que estava pronto para começar a curar e deram-lhe algumas orientações. Depois, com a ajuda das pessoas da igreja, «comecei simplesmente a pôr as mãos nas pessoas e a pedir a Deus que as ajudasse.»

Aos 25 anos, Stephen estava estabelecido em Witham com mulher, dois filhos, casa e carro. Subira até ao cargo responsável de contramestre de marcenaria e, na prática, geria uma pequena oficina de marcenaria. As suas funções incluíam supervisionar novos trabalhos e um dia teve de ir à Corn Exchange em Londres verificar obras de remodelação. Enquanto estava numa das salas, sentiu um surto de energia incrível, os braços

ergueram-se e foi fisicamente levantado vários centímetros do chão. Primeiro ficou muito assustado, mas este e outros fenómenos tornaram-se mais regulares. Foi então que as pessoas à sua volta começaram a notar que havia algo «diferente» nele.

Em 1974 nasceu a segunda filha de Stephen, Zoë. Alguns meses depois, tendo feito cura por imposição de mãos durante cerca de dois anos, a sua capacidade foi reconhecida como especial pela primeira vez. Uma rapariga local, Lynne Saunders, de nove anos, fora diagnosticada com uma forma rara de cancro. Após operações em Chelmsford e testes extensos e tratamento de radioterapia em Londres, estava a fazer tratamento medicamentoso especializado. Uma amiga sugeriu à mãe, Carol, que levasse Lynne a casa de Stephen. A Sra. Saunders admitiu o seu cepticismo inicial a Eve Sweeting, do Witham Evening Gazette:

Fui tão cética como a maioria das pessoas em relação à cura espiritual. Fui com a Lynne ver o Stephen. Nessa altura, após os tratamentos hospitalares, ela estava magra, sentia muito frio e perdera todo o cabelo. Sabia que crianças na sua enfermaria tinham morrido. Mas todos os médicos foram maravilhosos e só temos elogios para eles. O Stephen deu-lhe uma ajuda tremenda com a cura espiritual. Não havia nada a temer. Ele simplesmente pôs as mãos na Lynne.

«As mãos dele pareciam quentes em mim», disse Lynne. «Depois de o ver todas as semanas, comecei a sentir-me realmente bem. Ganhei peso e o cabelo começou a crescer gradualmente, muito melhor do que antes. Deixei de sentir frio o tempo todo.» Pouco antes do Natal, disseram-lhe que a doença estava em remissão. Manteve-se bem e em 1990 estava casada com dois filhos, apesar de lhe terem dito anteriormente que talvez nunca pudesse tê-los.

Quando lhe pediram para comentar na altura, Stephen disse que tinha uma taxa de sucesso de 85 por cento:

Antes de a ver [à Lynne], meditei sobre o caso dela. Quando a conheci pela primeira vez, senti que podia ajudar. Pedi o poder e ele veio. Às vezes, quando imponho as mãos, ficam muito quentes. Queimei duas pessoas por engano… A cura espírita foi cientificamente comprovada. Sinto que tenho um dom que devo usar em benefício dos outros. A maioria das pessoas vem ter comigo quando os hospitais e os médicos já não podem fazer mais.

O fenómeno da cura por imposição de mãos começava a ganhar alguma aceitação científica inicial nos EUA nessa altura. Dois anos antes, fora publicado o primeiro estudo de Dolores (agora Professora) Krieger, que parecia demonstrar que o Toque Terapêutico, um método sistemático de cura por imposição de mãos desenvolvido para uso por enfermeiras em hospitais americanos, aumentava os níveis de hemoglobina em voluntários. Mais tarde, após mais provas, o Toque Terapêutico foi incorporado no currículo de enfermagem em vários estados.

Entretanto, o próprio Stephen voltou a adoecer, desta vez com meningite. Mais uma vez, porém, após sofrer durante um período relativamente curto, recuperou muito rapidamente.

Durante os cinco anos seguintes, Stephen trabalhava no emprego durante o dia e dava cura até tarde da noite, após a meditação. Exposições e demonstrações de cura eram realizadas aos fins de semana.

O caminho da cura não é, no entanto, o mais fácil e pode certamente pôr à prova uma relação em que um dos parceiros não está tão envolvido como o outro. Stephen e Jean afastaram-se durante estes anos e em 1980 decidiram separar-se.

No ano seguinte, Stephen conheceu uma mulher chamada Kathy, que também se separara há pouco tempo. Para ganhar algum dinheiro extra, começara a trabalhar num pub à noite após um longo dia na empresa de distribuição onde era gerente. Compreensivelmente, os seus níveis de energia estavam muito baixos e assim estavam há meses. Ela e a mãe, Elisabeth, tinham visitado várias vezes um cirurgião psíquico chamado George Chapman enquanto ele realizava as suas cirurgias em Aylesbury. Quando ele se mudou para o País de Gales, era longe demais para viajar, por isso, quando Kathy ouviu falar de Stephen, resolveu imediatamente vê-lo o mais rápido possível. Mas após as duas primeiras sessões, não houve qualquer alteração nos seus níveis de energia.

«Desculpa, Kathleen», disse Stephen apologeticamente. «Simplesmente não entendo. Parece que estás a ser drenada de toda a cura que te ponho.»

Na visita seguinte, Kathy teve uma surpresa à sua espera.

«O que estás aqui a fazer?» exigiu o homem grande quando ela entrou pela porta.

«Eu, eu vim para a minha consulta», gaguejou Kathy, perguntando-se o que teria acontecido ao geralmente jovial Stephen.

«Não, não és tu, ÉS TU!» gritou ele, apontando acima do ombro esquerdo dela enquanto avançava na sua direção. Assustada, Kathy pensou em sair a correr.

«Não te preocupes, Kathleen, agora vejo a causa dos teus problemas», disse Stephen num tom mais reconfortante. «Tens uma sanguessuga na tua aura. Um velho sem nada melhor para fazer do que andar por pubs e saciar-se agarrando-se a ti.»

Stephen segurou o vampiro da aura numa jaula mental e falou com ele, enquanto simultaneamente chamava o seu guia espiritual, Chan, que por sua vez convocou outros guias especializados num certo tipo de trabalho de resgate. Chan perguntou ao velho o nome e começou a explicar-lhe que fora infeliz por não ter recebido orientação adequada na sua transição para o mundo espiritual porque escolhera inconscientemente uma vibração que correspondia aos seus pensamentos inferiores e, por isso, se perdera ao passar para o outro lado.

«Vês, meu amigo», continuou Chan, «há milhões de estados vibracionais que correspondem à qualidade dos teus padrões de pensamento. Há muitos estados muito mais satisfatórios do que aquele que escolheste ao passar. É sempre uma boa altura para avançar e subir, mas tem de ser escolha tua. Não posso determinar a taxa do teu progresso espiritual por ti. O que achas do que eu disse?»

Cara a cara com o poder do amor puro que emanava dos seres altamente evoluídos que agora o rodeavam, o velho começou a compreender e sorriu um pouco, perguntando se sabiam como podia encontrar os irmãos e irmãs mais velhos que tinham passado muitos anos antes dele. Chan ficou visivelmente deliciado enquanto ele e o séquito espiritual desapareciam com o seu mais recente resgatado, deixando Stephen a preencher as lacunas para uma paciente muito confusa.

«Basicamente», disse ele, «um homem que levara uma vida de bebedeiras e devassidão na Terra passou para o mundo espiritual nesse

estado de espírito e, sem orientação de seres superiores, decidiu que devia ser bastante natural continuar do mesmo modo. Como já não tinha os atributos físicos necessários para desfrutar de uma bebida da mesma forma que na Terra, teve de encontrar um "hospedeiro" suficientemente esgotado para poder invadir e sair do seu campo de energia, a aura, à vontade. Esse hospedeiro também teria de beber regularmente, por isso esperava por pubs até encontrar as circunstâncias certas e tu foste a escolhida. Nas duas primeiras vezes que vieste ver-me, ele fugiu antes de chegares, mas desta vez estava enredado no teu campo de energia e não conseguiu sair antes de chegares.»

Achando tudo isto um pouco estranho, Kathy arranjou rapidamente uma desculpa e foi para casa. Mas no dia seguinte sentiu-se fantástica. Perguntou-se se realmente teria havido um velho espírito a sugar o seu campo de energia. O filho, Mark, tinha um problema de rim «torcido» e todas as vias convencionais tinham sido esgotadas. Levou-o a Stephen.

«O Mark disse que parecia que a mão de alguém entrou, agarrou o rim e torceu», relata ela hoje. «Só sei que o meu filho melhorou quando todos os outros tratamentos não nos levaram a lado nenhum. Comecei a acreditar que o Stephen estava mesmo a falar a sério quando falava de dimensões diferentes e da ajuda que podemos receber de seres que vivem noutros níveis de realidade. Voltei para ele. Uma coisa levou à outra e começámos a ver-nos regularmente.»

Em 1982, o divórcio de Stephen foi concedido e o de Kathy no mesmo dia. Pouco depois, casaram-se. Mudaram-se para o número 81 de West Belvedere, em Danbury, e Stephen continuou o emprego e a fazer cura à noite, com Kathy a ajudá-lo.

Depois, após três anos desta relativa tranquilidade, as suas vidas deram uma volta incrível.

4 CRESCIMENTO:

O CIRURGIÃO PSÍQUICO

Há um princípio que é uma barreira a toda a informação, que é prova contra todo o argumento e que não pode deixar de manter um homem na ignorância eterna. Esse princípio é a condenação antes da investigação.

HERBERT SPENCER

Era 1 de julho de 1985 e o dia começou como qualquer outro para Stephen. Levantou-se, preparou-se, foi trabalhar e voltou para casa para comer e depois preparar-se para as consultas de cura da noite. No entanto, já ao fim da tarde, Linda, uma amiga de Southend, ligou a pedir ajuda urgente.

Ao início da noite, quando Stephen e Kathy chegaram, ela estava num estado terrível. «Graças a Deus. As minhas costas estão horríveis. Como vês, mal consigo estar de pé.»

Estava obviamente com dores. Deitaram-na na mesa da cozinha e Stephen começou a cura por contacto. Como de costume, o calor gerado pelas suas mãos curadoras aliviou as costas doridas de Linda. Depois, quando estava prestes a terminar, «Daqui a 20 minutos, vamos operar!» disse uma voz germânica severa na sua cabeça. Linda e Kathy pareceram perplexas enquanto Stephen parecia estar a ouvir alguém que não estava lá.

«Um espírito muito poderoso acabou de me dizer que vamos operar daqui a 20 minutos. Vou ter de entrar em transe. Está tudo bem para todos?»

Linda conhecia Stephen há algum tempo e confiava nele completamente. Ela e Kathy viram-no preparar-se para um transe profundo. Sentado numa cadeira, os olhos fecharam-se lentamente e a cabeça caiu para a frente até não poder cair mais. Ali ficou o corpo, flácido e imóvel, exceto pelo ocasional suspiro profundo e pesado. Passados alguns minutos, parecia que lhe estavam a dar choques elétricos. O Dr. Kahn começara a remover Stephen do corpo. De repente, o cirurgião espiritual tomara o controlo.

«Não vou trabalhar nas costas, mas no estômago», declarou.

«Isso faria sentido», concordou Linda, «acabei de estar no hospital e o médico diagnosticou um quisto ovárico.»

«Está correto», disse o bom doutor. Continuou a explicar que era o quisto que estava a causar a dor nas costas, exibindo um domínio da medicina que Stephen definitivamente não tinha.

Fazendo um gesto para que ajudassem Linda a voltar para a mesa, o doutor austero mas bondoso usou os dedos para imitar as ações de dar uma injeção. Isso fez surgir um caroço do tamanho de uma uva. Este começou imediatamente a ficar cor de malva e Linda ficou sonolenta. Todo o quarto começou a cheirar a éter, uma substância que, como souberam mais tarde, era usada nos blocos operatórios quando o Dr. Kahn trabalhava na Terra.

Stephen estava sentado de olhos fechados, a respirar ruidosa e nasalmente. «O Dr. Kahn parecia estar a ter alguns problemas em controlar o corpo de Stephen», contou-me Kathy. «Não parava de resmungar baixinho e de mexer a cabeça de Stephen como se estivesse à procura de algo.» (O Dr. Kahn consegue «ver» mesmo com os olhos de Stephen fechados.) Depois, o Dr. Kahn recostou-se e esticou-se para o escorredor. Escolheu casualmente uma faca afiada de cozinha e Kathy assistiu horrorizada enquanto ele começava a realizar uma operação em Linda.

Terminada a operação, o Dr. Kahn abandonou o corpo de Stephen da mesma forma que entrara. Quando Stephen abriu os olhos, Linda rebolava-se na mesa, a gemer e a segurar a barriga. Afinal, isso deveu-se a choque e nervosismo atrasado, e não a qualquer desconforto real.

«Como te sentes?», perguntou Kathy.

«A dor nas costas desapareceu», respondeu Linda.

Uma visita subsequente ao hospital confirmou que o tumor também desaparecera.

Assim começou uma das parcerias mais bem-sucedidas em cirurgia psíquica – numa mesa de cozinha em Southend-on-Sea!

As operações continuaram. Em 1986, Stephen começou a trabalhar aos sábados à tarde na casa do Dr. Billie Mansfield, em Cranbrook Road, Ilford. Nessa altura, realizava, em média, 10 operações por sessão.

Nos primeiros tempos, Stephen tinha de se sentar numa cadeira a maior parte do tempo e Kathy ajudava-o a deslocar-se à volta da mesa, auxiliando ao passar os instrumentos quando o Dr. Kahn os pedia. Os olhos de Stephen estavam sempre fechados no início, até a equipa espiritual encontrar uma forma de os abrir. Mas, para começar, Stephen limitava-se a fitar intensamente, sem pestanejar. Isso era algo assustador para os pacientes e também mau para Stephen.

Foi neste período inicial que o Sr. James foi mencionado pela primeira vez pelo Dr. Kahn. Um dia, Kathy estava ao lado de Stephen, que estava sentado num banco à cabeceira do paciente deitado.

«Passa-me o espeto», ordenou o Dr. Kahn. «Vou fazer uma lobotomia frontal.» Kathy esticou-se para o «espeto», mas, antes que conseguisse lá chegar, começou a aparecer um buraco no meio da testa do paciente.

«Tens de ser mais rápida, Katerina», sorriu o Dr. Kahn. «O Sr. James está a trabalhar muito depressa hoje. Tens de tentar acompanhar, minha querida.»

Nos primeiros dias, os Turoff faziam muitas perguntas à equipa espiritual e sobre ela, mas geralmente era-lhes dito que a informação seria fornecida numa base de «necessidade de saber». Tanto Stephen como Kathy decidiram há muito que, desde que a cura esteja a ajudar as pessoas, tentar descobrir todos os pormenores é um exercício irrelevante e perda de tempo. Talvez mais informação fique disponível no futuro.

Cerca de um ano depois de o Sr. James ter sido apresentado pela primeira vez, os olhos de Stephen estavam abertos, mas ainda não pestanejavam. Isso deixava-os muito irritados, mas depois a equipa espiritual conseguiu fazê-los pestanejar e ativar os canais lacrimais para que ele pudesse estar em transe profundo até oito horas por dia. Hoje em dia, a técnica avançou tanto que um controlo de transe leve é suficiente; Stephen está totalmente consciente e qualquer um ou mais dos 18 membros da equipa espiritual entram e saem do seu campo de energia à vontade, dependendo das necessidades do paciente.

Uma das razões para este desenvolvimento é o elevado número de pessoas a serem tratadas. Outra é que o progresso espiritual do próprio Stephen não seria favorecido se continuasse a abandonar o corpo durante o trabalho de cura.

Ao longo da primeira parte de 1987, o esforço de trabalhar como carpinteiro durante o dia e realizar cura em transe profundo todas as noites começava a afetar a saúde de Stephen. Numa noite, em oração, pediu orientação e, duas semanas depois, foi inesperadamente despedido. Isso obrigou-o a considerar a cura a tempo inteiro. Duas semanas mais tarde, ganhara um total de 10 libras e perguntava-se o que raio o levara a considerar ganhar a vida com o seu dom de cura!

Ainda assim, perseverou e, mais tarde nesse mesmo ano, teve uma grande oportunidade quando lhe ofereceram o uso de salas de tratamento no Barbican, em Londres, às quintas-feiras. Isso aconteceu através de uma conhecida chamada Mitzy, que ficara impressionada com a cura de Stephen e tinha uma amiga, uma médica americana chamada Linda Chard, que tinha as salas. A Dr.ª Chard manteve registos detalhados da cirurgia psíquica e publicou mais tarde vários historiais clínicos no seu livro *Dr Kahn: The Spirit Surgeon* (Elmore-Chard, 1992). Estudou o fenómeno da cirurgia psíquica de perto durante quase cinco anos e concluiu:

Sabemos que Stephen não está a fingir. É tomado por um ser, identificado como Dr. Joseph Kahn do Mundo Espiritual, que realiza cirurgia psíquica com instrumentos físicos alimentados por energias de um tipo ainda desconhecido para o homem… Vi um médico, morto para o plano terreno, realizar operações que desafiam a interpretação científica normal.

Quando conheci Stephen pela primeira vez, não tinha experiência pessoal de cirurgia psíquica… Agora, após mais de quatro anos, percebo que a minha mente «educada» ainda me limita a visão e inibe uma compreensão plena do que acontece…

A minha compreensão do que o Dr. Kahn faz ao desmaterializar tecido doente é que, alterando a energia subatómica dentro da estrutura celular do tecido, é capaz de o dispersar em matéria reciclável. O leitor pode acreditar que a «desmaterialização» é algo saído diretamente da ficção científica; mas, seja qual for a sua realidade, fez parte da cura para muitos dos nossos pacientes.

O inverso da desmaterialização é a «materialização». Isso também vimos na nossa clínica.

Stephen e a equipa espiritual estavam a obter resultados consistentemente bons, a ponto de os media começarem a interessar-se seriamente pelas clínicas de Danbury e do Barbican. No verão de 1988, na sua edição de 25 de junho, o *Psychic News* publicou alguns dos testemunhos recebidos independentemente de pacientes que tinham ido ver Stephen e o Dr. Kahn. O artigo intitulava-se: «A mão do curandeiro penetra nos corpos até aos nós dos dedos – dizem os pacientes» e começava:

A mão de um curandeiro britânico em transe «parecia desaparecer até aos nós dos dedos diretamente no corpo do paciente, através das costas». Este é apenas um dos testemunhos espantosos recebidos sobre o mais recente desenvolvimento no trabalho de Stephen Turoff. Dois pacientes, independentemente, disseram ao PN: «Parecia que a mão dele estava mesmo dentro do meu estômago.» Outro testemunhou que viu a mão do médico espiritual passar «através da carne e para dentro do meu corpo». Os pacientes sentiram «injeções», e muitos falaram de sentir algo frio a ser «vertido» neles.

Stephen disse ao jornal que uma vez pedira ao seu guia se podia assistir à cirurgia espiritual:

Conseguia ver tudo a acontecer na minha cabeça – a cores. Isso deixou-me mesmo impressionado! Uma vez usámos água e materializou-se um pouco de sangue nela. Não gosto de sangue e pedi ao Dr. Kahn para parar com isso. Agora os pacientes dizem que sentem uma sensação pegajosa à volta do local da operação. Aparecem cicatrizes; e desaparecem em cerca de três dias.

Devido à forma única que a cura parecia assumir, o *Psychic News* pediu testemunhos manuscritos de pacientes que a tinham experimentado. Entre os que responderam estavam alguns que tinham sido tratados pelo cirurgião espiritual algum tempo antes. T. M. Watt, de Basildon, Essex, enviou uma carta a certificar que acompanhara um paciente e assistira a duas operações psíquicas:

A primeira foi para remover um coágulo de sangue do seio esquerdo de Dot Keefe, feito através da roupa. Deram-lhe uma injeção, que ela não sentiu, e o Dr. Kahn pareceu abrir-lhe o peito. Depois de remover o coágulo, disse que ia verter algo nela que poderia sentir frio.

Na segunda operação espiritual, Dot sentiu a injeção, e ficou uma marca como um furo de alfinete no braço. O médico espiritual operou na pele nua para dores lombares. Desta vez não fez qualquer movimento para a cortar, mas, com um movimento circular dos dedos, a mão pareceu desaparecer até aos nós dos dedos diretamente no corpo dela, através das costas.

[Dot pediu ao Sr. Watt para olhar para as costas dela no dia seguinte.] Duas cicatrizes eram claramente visíveis e duraram aproximadamente uma semana.

Escrevendo para agradecer a Stephen, a paciente deu um testemunho glowing:

Agora estou completamente livre de dores nas costas. Senti a injeção no braço. Quando o Dr. Kahn disse que ia verter algo nas minhas costas que poderia sentir frio, certamente senti.

S. N. Burley, de Chelmsford, também escreveu a contar as suas experiências:

Tive várias operações espirituais do Dr. Kahn, todas realizadas no corpo etérico, mas este último encontro foi bastante diferente. O Dr. Kahn informou-me que agora operava inteiramente no corpo físico. [A injeção] não foi propriamente dolorosa, mas sabia-se que uma agulha fora inserida.

[O cirurgião espiritual avisara-o de que a operação causaria algum desconforto.] Isso era bem verdade. Por vezes era quase insuportável, mas parte da dor poderia dever-se ao medo ao perceber o que o Dr. Kahn estava a fazer.

Após a incisão, que foi indolor, a mão dele pareceu penetrar diretamente através da minha carne e músculo. Parecia que a mão estava mesmo dentro do meu estômago. Torceu e sondou, e depois verteu plasma na zona, que disse que seria frio – e foi.

A operação durou pelo menos 10 minutos. Quando desci do divã, sentia-me realmente fraco e dorido. Esperava sentir-me pior, mas várias horas depois, quando o efeito do anestésico passou, estava mesmo com dores. A cicatriz era muito pronunciada e a carne estava vermelha e com hematomas.

Segundo o Sr. Burley, durante três dias as dores foram «muito más, mas foram aliviando gradualmente». Depois, escrevendo quatro dias após a operação espiritual, afirmou: «Sinto-me muito melhor», e terminou a carta:

Isto deve ser uma nova dimensão na cura espiritual, e sinto-me altamente honrado por saber que sou uma das primeiras pessoas a experimentar uma operação física tão única.

Hilda Ferris, de Danbury Common, também testemunhou ter visto a «mão operatória do Dr. Kahn passar através da carne e para dentro do meu corpo. Depois procedeu a remover algo fibroso do meu pâncreas.» Atestou: «Nunca experimentei este tipo de manipulação física em operações antes.»

J. Cullen, de Gidea Park, disse a Stephen: «Parecia que a mão do Dr. Kahn estava mesmo dentro do meu estômago. Na verdade, a amiga que me acompanhou disse durante a operação que não via a maior parte da mão dele, que parecia ter penetrado diretamente dentro de mim.»

Em 1988, Karen Menzies, do *London Evening Standard*, foi a Stephen para ser tratada de uma lesão por chicote e a história da sua experiência apareceu na edição de segunda-feira, 27 de junho, sob o título «O doutor está fora de série – o à-beira-da-cama deste curandeiro vem diretamente da zona crepuscular». O artigo foi escrito num estilo ligeiramente sensacionalista, mas era óbvio que a jornalista tivera uma experiência interessante, no mínimo:

A irmandade do XR3 descreveria sem dúvida Stephen Turoff, de 40 anos, como «um bom tipo». Um cockney robusto e carpinteiro de profissão, vive em subúrbios arrumadinhos em Chelmsford, gosta de uma cerveja e faz uma chávena de chá excelente. É uma risada, o Stephen. Imensamente simpático, terra a terra, um pouco disléxico, mas de modo nenhum estúpido, e certamente não o tipo que se esperaria saber muito sobre quistos ovarianos. Nem se imaginaria que entraria subitamente em transe, assumiria um sotaque alemão (muito convincente) e realizaria operações psíquicas. Mas Stephen é exímio nas três coisas. É um canalizador, através do qual os espíritos podem contactar-nos, meros mortais.

Foi pouco depois disto que conheci Stephen e fiquei fascinado pelo seu trabalho e modo de vida. Não estou sozinho. Muitas, muitas pessoas foram inspiradas pelo trabalho e palavras de Stephen. Ele explica-o assim:

Se Deus decidisse tomar uma ação afirmativa positiva na Terra para pôr as coisas nos eixos e quisesse atrair a atenção de qualquer alma disposta a ajudar, que melhor forma do que criar um centro de intensidade que atraísse ajudantes potenciais como um íman? Aqueles que vêm e vão embora pensando que tiveram algo menos do que uma experiência espiritual podem livremente escolher essa resposta. Para as almas atraídas pelo nosso trabalho, há uma oportunidade de descobrir mais e uma escolha de contribuir com o seu tempo e esforço para qualquer tarefa que Deus então lhes atribua.

No meu caso, quase imediatamente comecei a levar carregamentos de pessoas de carro para a clínica para cura. Após cerca de quatro anos disto, perguntei a Stephen por que parecia tão atraído por tudo aquilo. Ele limitou-se a dizer: «Provavelmente podias ser um bom curandeiro. Talvez devesses tentar.» Claro que, imediatamente, comecei a pôr as mãos em quem me deixasse e a minha cabeça inchou quando um ou dois relataram sentir-se um pouco melhor depois. Mas, com o tempo, aprendi que cada um de nós tem habilidades e atributos diferentes, e Deus deu-nos os dons do livre-arbítrio e da autodeterminação para que possamos escolher como usar os nossos vários talentos. Os meus próprios talentos podem ser melhor aplicados a promover o trabalho do que a tornar-me cirurgião psíquico, como era a minha esperança inicial.

Toda esta conversa sobre cirurgia psíquica, experiências espirituais e afins é muitas vezes demais para assimilar de início. Mas só posso explicá-lo como me aparece a mim e a inúmeros outros. É assim que é. E por que não haveria coisas de que não temos conhecimento nem experiência? Quando começamos a fazer perguntas sérias, talvez devêssemos preparar-nos para respostas surpreendentes.

No início de 1989, o casal George e Joan veio de Reading ver Stephen. Ficaram satisfeitos com a cura e recomendaram amigos que viviam em Fuengirola, Espanha. Esteban Molina era agente imobiliário e de viagens e organizara locais para reuniões espíritas na região de Málaga. George e Joan marcaram uma consulta para ele e a mulher inglesa, Eileen, virem a Danbury em fevereiro de 1989. Eileen tinha problemas no joelho. Esteban perguntou ao Dr. Kahn: «Estaria interessado numa viagem a Espanha?»

O Dr. Kahn sorriu a Kathy. Apenas alguns dias antes, dissera-lhe: «Mantém as malas prontas e o passaporte atualizado. O meu médium vai trabalhar no estrangeiro dentro de oito meses.»

Esteban voltou para Espanha para fazer os preparativos e organizar a publicidade. Conseguiu gerar grande interesse na viagem.

Entretanto, Stephen foi destaque num programa da BBC Radio chamado *Under the Christian Carpet*, uma série em que os entrevistadores George e Trish Target visitam pequenas igrejas que recebem pouca publicidade. Stephen foi o médium convidado numa igreja no coração de Norwich e foi descrito como «uma mistura interessante de homem, num minuto a vir com força, como um comediante de stand-up, a contar piadas e a fazer-nos rir, e no seguinte, sério, a falar de coisas espirituais… Embora obviamente não pudesse trazer a todos uma mensagem de conforto, faria o seu melhor por tantos quanto possível.»

Na quarta-feira, 4 de outubro de 1989, exatamente oito meses após o Dr. Kahn o ter previsto pela primeira vez, Stephen estava a dar o seu melhor em Espanha. Ele e Kathy eram convidados da Associação Espiritual da Andaluzia. Houve sessões de cura, palestras e demonstrações de fenómenos psíquicos. Foram entregues zaragatoas aos pacientes para exames e análises médicos adicionais.

A meio da viagem, o Dr. Kahn ergueu subitamente os olhos da mesa de operações, disse «Preciso de algo mais afiado!» e mandou Kathy às lojas comprar o canivete mais afiado que encontrasse. O abre-cartas que estava a usar era demasiado rombo para o número de pessoas a serem atendidas e para a velocidade com que tinha de realizar as operações se quisesse terminá-las no tempo atribuído. Os horários eram difíceis – das 9h às 14h em transe, depois sesta, e das 16h30 às 20h em transe outra vez. Isto era fisicamente muito difícil de suportar e Stephen ficava exausto após cada sessão.

Evidências da perícia médica do Dr. Kahn eram aparentes quando tratou um reflexologista local de um problema de que o paciente tinha consciência, mas não contara a ninguém. Mike Churchill, de Benalmádena Pueblo, procurava ajuda para um pulso doloroso, mas o curandeiro começou a tratar-lhe o peito e um dos rins. O Sr. Churchill confessou que sofria muito de asma – «Causava-me um desconforto extremo todas as

manhãs ao acordar» – e foi tratado perante 300 testemunhas de olhos esbugalhados.

«O doutor disse-me que inserira um tubo no meu pulmão», acrescentou. «E agora é absolutamente maravilhoso. Não tenho asma nenhuma.» A operação envolveu grandes incisões no peito e no lado do paciente e durou cerca de cinco minutos no total. Mais tarde, quando amigos sugeriram que devia ter imaginado tudo, mostrou-lhes a cicatriz. Cicatrizes de operações são difíceis de explicar como imaginação!

Nesse mesmo mês, numa entrevista ao *Psychic News*, publicada sob o título «Curandeiro britânico "opera" em Espanha», o Señor Molina explicou o propósito da visita:

Durante o último ano, o principal objetivo da associação espanhola tem sido angariar fundos suficientes para um centro espiritual. Vivemos num país onde é muito difícil promover o Espiritismo. Vai exigir muito esforço para elevar as coisas ao padrão que muitos espíritas dão por adquirido no Reino Unido. O país precisa de igrejas espíritas e de mais curandeiros e clarividentes… Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos. A associação espera agora mudar-se para um centro permanente. A visita de Stephen angariou cerca de 350 000 pesetas que serão aplicadas num novo centro.

Entretanto, o interesse no trabalho de Stephen em casa ia aumentando gradualmente. No final de 1989, um artigo do jornalista Charles Yates, do jornal *Sport*, apareceu ao lado de fotografias do desenho psíquico da Enfermeira Grace, de um paciente curado de um tímpano perfurado e de Stephen/Dr. Kahn a realizar «cirurgia invisível». Embora o artigo fosse inevitavelmente tabloide na abordagem e escrito com um tom ligeiramente irónico, levantou um ponto bastante interessante sobre a «mais recente ameaça privada ao SNS britânico».

Stephen e o Dr. Kahn não quereriam ser uma ameaça a pessoa ou organização alguma, mas o Dr. Kahn aparece em vídeo, na clínica da Dr.ª Linda Chard, a prever que esta forma de cooperação médica espírito/humano se expandirá grandemente no futuro e proporcionará uma forma completamente nova de olhar para o diagnóstico e tratamento da doença. Aparentemente, trata-se tanto de o mundo espiritual aprender a baixar as suas vibrações e acertar na ciência do seu lado como de nós na

Terra aprendermos a elevar as nossas vibrações e acertar em todas as condições do nosso lado. Quando chegar a altura certa, prevê o Dr. Kahn, esta nova forma de medicina «holística», barata, que dispensa anestésicos e fármacos potentes, juntamente com os seus efeitos secundários indesejados, inaugurará uma nova era de técnicas médicas.

Apesar do sucesso na cura, os anos noventa começaram para a família Turoff com problemas financeiros contínuos. Há algum tempo que Kathy e Stephen estavam preocupados com a sua situação; viam muitas pessoas, mas muitas sem qualquer cobrança e outras por muito pouco. Numa conversa com o Dr. Kahn, Kathy mencionara as suas preocupações e ele dissera-lhe para não se preocupar, pois receberia «um presente de anos bastante agradável». Ela não conseguia entender isso, pois mal tinham o suficiente para o essencial, quanto mais para presentes luxuosos!

O presente chegou efetivamente no dia a seguir ao aniversário de Kathy. Um repórter do *News of the World*, Trevor Kempson, que telefonara e pedira cura, contribuiu para um artigo intitulado: «O carpinteiro que cura doentes com um canivete», publicado no domingo, 7 de janeiro de 1990. O artigo foi tão favorável ao seu trabalho de cura que milhares de pessoas quiseram saber mais.

«O telefone não parou de tocar», diz Kathy. «A central telefónica local chegou a avariar, devido ao volume de chamadas que foram desviadas para toda a zona. O correio era entregue em grandes sacos dos correios. Foi certamente um presente surpresa do Dr. Kahn e da equipa de cura espiritual – mas já esperamos o inesperado deles hoje em dia.»

Onze dias depois, os Turoff partiram para Fuengirola na sua segunda visita a Espanha. Enquanto lá estavam, o *Psychic News*, na edição de 20 de janeiro, relatou a excitação causada pelo artigo do *News of the World* no início do mês. Mais uma vez, «o telefone não parou quando chegámos a casa».

As notícias das curas milagrosas de Stephen espalharam-se ainda mais. Em abril, os Turoff partiram para uma terceira viagem a Espanha e, em junho, viajaram para a Suécia como convidados da Associação Espírita Sueca. Esta viagem incluiu uma demonstração de transfiguração, na qual imagens dos «mortos» e «divindades» aparecem no rosto de Stephen, muitas vezes perante grandes audiências. Ele fez isto muitas vezes para

indivíduos e grupos tão diversos como um psicólogo criminal, um bispo que testemunhou o quarto «a iluminar-se e Jesus a aparecer no rosto de Stephen» e líderes religiosos hindus, muçulmanos e outros que relatam visões relacionadas com as suas próprias tradições. Inúmeros outros testemunhos falam do aparecimento de vários parentes e guias espirituais. Eu próprio testemunhei este fenómeno incrível e assistir a uma transfiguração só pode ser descrito como uma experiência comovente.

Stephen estava em transe perante os 43 espíritas na igreja. O seu guia chinês, Chan, falou-lhes em inglês quebrado. Vários entes queridos dos membros da congregação foram trazidos para sobrepor as suas feições ao rosto do médium.

«Um era um rapaz na casa dos vinte que "morrera" num acidente de carro», explicou Stephen. «A cabeça estava esmagada. Tinha um buraco nela. Quando me transfigurou, mostrou o buraco na cabeça com sangue a correr dele.»

Outros comunicadores espirituais vieram e mantiveram conversas com a audiência em sueco. Stephen não fala uma palavra dessa língua!

Mais tarde, Chan voltou para explicar que havia muitas «crianças espirituais» presentes. «Se ficarem em silêncio», acrescentou, «vão ouvi-las.» Um silêncio espalhou-se pela congregação e eles conseguiram ouvir vozes de crianças. A seguir, Chan pediu que trouxessem uma mesinha para o gabinete onde Stephen estava sentado. Pediu a Kathy que se levantasse e pusesse as mãos na mesa e também a um dos espectadores que viesse e tocasse na mesa. Esta moveu-se para cima e para baixo, dançou e fez todo o tipo de coisas diferentes para entretenimento da audiência.

A demonstração de transfiguração continuou depois. Manifestou-se uma mulher que disse ser Helen Duncan. Helen foi uma das médiuns «físicas» mais proeminentes e respeitadas da Grã-Bretanha. Foi presa e condenada ao abrigo da Lei dos Médiuns Fraudulentos durante a Segunda Guerra Mundial porque militares mortos em ação comunicavam nas suas sessões – antes de a notícia da sua morte ter sido divulgada publicamente. Tanto Kathy como a mulher do presidente da igreja conheciam livros sobre a médium e testemunharam que reconheceram o seu rosto. Helen disse que ia mostrar algum do seu trabalho. Ectoplasma saiu da boca de Stephen e pousou no peito. Não era denso, mais como uma nuvem branca. Ficou ali

dois ou três minutos e depois pareceu ser sugado de volta para a boca. A entidade comunicante falou durante uns minutos para a audiência e depois deixou o médium. Mais tarde, disseram a Stephen que a entidade falara com sotaque escocês, tal como a Sra. Duncan. Ele disse: «Não sou um médium físico como tal, por isso estes fenómenos eram todos um pouco novos para mim.»

Stephen estava, no entanto, encantado com o rápido desenvolvimento da mediunidade de Kathy e o Dr. Kahn instou Kathy a sentar-se para desenvolvimento, mencionando que receitas seriam transmitidas. «Tive trabalho para a convencer a sentar-se», disse Stephen. Contudo, da primeira vez que Kathy se sentou, já de volta à Grã-Bretanha, a mesa moveu-se imediatamente. Embora não levitasse, começou a disparar para todo o lado. Isto acontece não só no escuro, mas também à luz do dia. O poder de Kathy estava a crescer. Começou a receber receitas. Embora em escrita automática, pareciam notas manuscritas normais, não com as palavras ligadas como normalmente acontece. Os olhos de Kathy estavam fechados e a cabeça virada enquanto a mão se movia pelo papel. A escrita vinha espessa e furiosa. Stephen ficou encantado, vendo isto como um complemento à sua missão de cura.

Alguns pacientes suecos mandaram aviar as receitas e muitas revelaram-se homeopáticas. O guião era completamente diferente do de Kathy e mensagens de entes queridos dos destinatários estavam no seu próprio punho. A precisão do conteúdo foi confirmada em todos os casos.

Quando o Dr. Kahn realizou operações espirituais na Suécia, auxiliado pelo presidente da igreja e pela mulher, viram-se grandes coágulos de sangue, foram fotografados e levados. Vários mediam 8 cm de diâmetro. O Dr. Kahn cravou uma faca de 15 cm no nariz de um paciente masculino para extrair um grande coágulo. Um doente cardíaco teve um objeto metálico enfiado no peito e coágulos de sangue materializaram-se com a incisão.

«O corpo fechou em minutos», disse Stephen. «O Dr. Kahn limita-se a pôr a mão sobre a incisão e ela fecha-se.»

As notícias do que acontecia espalharam-se rapidamente pela Suécia. «A imprensa perseguiu-me», disse Stephen. Embora convidado para a TV, recusou. «Disseram-me que seria preso, porque estou a usar facas.»

Em casa, o movimento da mesa de Kathy continuou e desenvolveu-se em danças ocasionais da mesa com um «Sr. MacPherson», que nos conta que morreu numa grande batalha escocesa há centenas de anos. Stephen limita-se a pôr a jig highland favorita do Sr. MacPherson e, em segundos, ele está lá. Eu vi-o materializar-se no rosto de Stephen durante a transfiguração. Tem uma grande cabeleira e uma barba enorme e espessa. Kathy carrega a mesa e ela sai a dançar pela sala. Para quem acha que ver é crer, esta vale a pena ver!

Precisamente porque os fenómenos metafísicos e paranormais são difíceis de aceitar sem experiência em primeira mão, Stephen e Kathy viajavam para muitos locais aos fins de semana para demonstrar a cirurgia psíquica. Um sábado, 13 de julho de 1990, revelou-se muito azarento para um homem que obviamente tinha dificuldade em aceitar o que via com os próprios olhos.

Stephen e Kathy tinham chegado ao Toftwood Hall, em East Dereham, Norfolk, com tempo de sobra e montaram a mesa de operações e todos os instrumentos na frente do salão. Tudo correu bem inicialmente até acontecer uma coisa muito lamentável. Um jovem, obviamente cético, correu do fundo do salão, arrebatou um coágulo de sangue que fora removido do pulmão de um dos pacientes e que agora estava a ser passado para inspeção, e pô-lo na boca num protesto de que tudo era um espetáculo. Presumivelmente, não estivera presente quando Stephen explicara, como de costume, que todo o tecido removido dos pacientes podia ser levado para análise por qualquer médico ou laboratório, desde que uma pequena amostra ficasse com os Turoff para evitar trocas e falsificações.

«Seu rapaz estúpido!», exclamou o Dr. Kahn. «Esse tecido está doente e engoliste-o. Vai ao teu médico o mais rápido possível e conta-lhe o que fizeste.»

Escusado será dizer que o manifestante ficou um pouco mais convencido e saiu apressadamente do salão. Tanto quanto se sabe, porém, nada de grave lhe aconteceu depois.

Quando uma senhora levou sangue removido pelo Dr. Kahn ao seu próprio médico, o clínico de família mandou-o analisar. A paciente foi depois chamada para ver o médico muito confuso.

«Onde arranjaste este sangue?»

«Foi tirado do meu corpo durante cirurgia psíquica.»

«Mas isso é impossível. Está literalmente cheio de cancro!»

«Bem, foi o que aconteceu», insistiu a senhora. O médico prometeu investigar o assunto, mas parece que nada resultou disso.

Isto resume a reação de muitos médicos. Inicialmente, ficam chocados e passam por um processo de negação. Quando testemunham a cirurgia psíquica por si próprios ou não conseguem fazer o paciente mudar de história, tendem a deixar o assunto e a continuar a praticar o que sabem – medicina alopática ocidental ortodoxa. Alguns tentam comparar as técnicas inspiradas espiritualmente usadas pelo Dr. Kahn com a prática da medicina moderna. Mas isto é como comparar a «trepanação» – perfuração do crânio praticada por povos primitivos cerca de 4000 a.C. – com a cirurgia cerebral moderna. Ambas são aparentemente uma operação realizada na zona da cabeça, mas são muito diferentes e, por conseguinte, não comparáveis, em muitos aspetos importantes.

Um médico moderno tende a ver os pacientes como máquinas físicas com peças avariadas. O propósito da medicina é isolar, rotular e depois atacar o sintoma com fármacos, radiação ou cirurgia. A causa subjacente da «doença» é muitas vezes relegada para segundo plano na escala de importância.

Em contraste, o Dr. Kahn aprendeu a ver os pacientes como uma massa rodopiante, vibratória e caleidoscópica de energia subatómica que incorpora, e é o veículo de expressão para, o «átomo cósmico viajante primário», a consciência individual. Ele consegue ler o teu registo akáshico, a «cassete de vídeo» de tudo o que fizeste nesta vida e antes, o que lhe dá uma indicação de para onde as condições atuais que criaste para ti próprio te levarão nos próximos anos desta experiência de vida terrena presente. A sua medicina atua nos níveis mental, espiritual e emocional, bem como físico. Usa conhecimento de outro mundo de biologia, química e física para equilibrar e harmonizar o teu «todo», que pode estar num estado de desequilíbrio devido às condições que criaste para ti (ou que podem ter sido criadas para ti) como parte do teu livro de casos de experiências de construção de caráter.

Uma consulta com este ser altamente evoluído e benevolente pode levar a um avanço para a tua alma que, de outro modo, demoraria muitas

vidas a alcançar. Ele pode ajudar-te a criar condições para ti em que o caminho em que estavas pode ser alterado para teu benefício eterno e o da consciência universal única.

Dizem-nos que nunca é acidente ou coincidência encontrares-te em consulta com o Dr. Kahn. Se a experiência parece boa ou má na altura é irrelevante. Estavas destinado a estar lá e recebeste o que precisavas para o teu progresso inexorável para Casa… para a tua Mãe e Pai Divinos, para Deus.

A meio de julho de 1990, as exigências de cura tinham atingido tais proporções que Kathy fora forçada a deixar o emprego como gerente de uma empresa de distribuição para se concentrar em ajudar Stephen com a clínica de cura. Sem descanso para os bons ou os maus, parece!

A 6 de agosto, Stephen e Kathy aceitaram um convite para serem filmados durante uma demonstração em Pitsea, Basildon. Um ex-colega de Kathy na empresa de distribuição, Simon Eakins, estava «curioso» em captar os eventos com a sua própria câmara de vídeo.

O vídeo resultante é um exemplo muito gráfico de cirurgia psíquica a ser realizada perante uma audiência. Numa operação, o dedo do cirurgião entra claramente na órbita ocular cerca de 2,5 cm de profundidade, sem qualquer desconforto relatado pelo paciente. Um aspeto notável deste vídeo é que, embora o Dr. Kahn e a equipa permitissem que tudo o resto fosse mostrado, parece que editaram paranormalmente uma parte de uma operação. Foi uma secção em que uma mulher que sofrera de dores de cabeça terríveis durante muitos anos se submeteu a ter um abre-cartas de 15 cm inserido na passagem nasal e rodado para libertar um «enorme coágulo de sangue» que depois cuspiu para uma bacia de rim quando se sentou perante a grande audiência de testemunhas.

Todos viram o que aconteceu. Deram-lhe até o tecido doente para levar para casa. Isto certamente ajudou a persuadir Simon Eakins do poder impressionante à disposição da equipa espiritual. Mas este e muitos outros eventos semelhantes em torno do «fenómeno Turoff» levantam mais perguntas do que oferecem respostas. Talvez seja esse o ponto. Talvez Deus esteja a aumentar a nossa exposição a coisas que não conseguimos explicar para «abrir as nossas mentes» para o que está para breve?

Em novembro de 1990, o *Psychic News* cobriu mais uma vez a mais recente visita dos Turoff à Costa del Sol e a viagem foi também relatada numa reportagem ilustrada de seis páginas na *Pronto*, a revista mais vendida de Espanha, e numa dupla página no *El Sol*, que circula no sul de Espanha. Dois jornais das Ilhas Canárias também publicaram relatos. Stephen disse aos repórteres: «Às vezes sinto medo deste dom. Tornou-se cada vez mais físico. Mas o Dr. Kahn faz-o porque diz: "Ver para crer. No vosso mundo de hoje, precisam de ver."»

Um dos jornais espanhóis enviou dois jornalistas que ficaram tão impressionados com o que viram que voltaram com um cameraman a pedir permissão para tirar fotografias de perto. Stephen, como de costume, concordou. Foram publicadas várias fotografias, incluindo uma que mostrava as lâminas de 10 cm de um par de tesouras a desaparecerem nas narinas de um paciente.

«Às vezes», disse Stephen, «o Dr. Kahn tira coágulos dos corpos dos pacientes. Uma bacia de rim fica cheia de sangue e pedaços. Outras vezes, envolve gaze à volta de um par de tesouras e empurra-as diretamente para dentro das narinas. Ou pode fazer um corte diretamente no corpo e as pessoas veem sangue a correr. Muitas vezes usou um espeto para extrair coágulos de sangue que são pretos e irregulares. Estas coisas são aceites muito mais facilmente nalguns países estrangeiros do que na Grã-Bretanha.»

Os Turoff terminaram as entrevistas contando do novo Centro de Cura Dr. Joseph Kahn que fora criado perto de Fuengirola e dos seus planos a longo prazo para proporcionar alojamento a pacientes que viajaram longas distâncias. Um dia, concluíram, esperavam criar um orfanato ao lado do centro de cura.

Stephen foi depois televisionado no trabalho para o programa da ITV *First Tuesday*. «Depois de verem as operações, desistiram», comentou. «Parecia demasiado fora de série.»

Nessa altura, quase em proporção direta com o sucesso de Stephen, parecia haver um aumento na quantidade de animosidade para com ele por parte de outros médiuns e curandeiros. Stephen não conseguia entender. «Todos trabalhamos para o mesmo Patrão para propagar o que acreditamos,

que há sobrevivência após a morte», comentou a um jornalista, «por isso não vejo por que as pessoas têm de me atacar por o provar dia após dia.»

Também em 1990 houve uma nova partida para o Dr. Kahn. Decidiu que as técnicas cirúrgicas tinham avançado o suficiente para uma demonstração pública de abertura do corpo sem usar instrumentos. Dizem-nos que a equipa espiritual está a trabalhar muito para desenvolver as suas habilidades. Aparentemente, é altura de o plano terreno ser abençoado com os primórdios iniciais de cooperação médica com entidades espirituais. Mas isso significa que as pessoas espirituais também têm de trabalhar arduamente para acertar como parte do seu próprio desenvolvimento. Cada um da equipa espiritual ainda está a desenvolver-se como indivíduo, tal como todos nós.

O local improvável para a primeira destas operações sem instrumentos foi um pequeno sítio chamado Peacham Hall em Chingford, Londres E4. O *Psychic News*, como sempre, cobriu a história sob o título «Médico "morto" remove quisto durante a sua demonstração»:

Pela primeira vez, o cirurgião espiritual Dr. Kahn… demonstrou perante uma testemunha a sua técnica de abrir o corpo sem usar instrumentos.

… Sandra Coombs… consultara um médico no último ano por causa de um quisto na bochecha direita. O Dr. Kahn passou o meu dedo pela cara dela, após o que apareceu uma pequena abertura. O quisto foi completamente removido. Quando a operação terminou, só restava uma ligeira mancha. Pedaços de matéria estranha foram cuidadosamente recolhidos num copo e a paciente afastou-se uma mulher muito feliz. Em momento algum durante a operação sentiu dor.

Eu estava neste evento e a paciente tratada estava a duas cadeiras de distância. Quando voltou ao seu lugar, estava radiante. O pus do quisto cheirava horrivelmente e foi oferecido à paciente para levar num frasquinho. Pediram a outros psíquicos o que viam enquanto o Dr. Kahn trabalhava e relataram várias cores a toda a audiência. As pessoas da frente tiveram a oportunidade de pedir o seu perfume natural favorito.

«Jasmim, por favor», pediu uma senhora.

«Certamente», disse o Dr. Kahn. Em segundos, a água que esfregara nas mãos ficou com cheiro a jasmim.

Deve mencionar-se aqui que, dependendo da mentalidade do observador, o que se vê durante a cirurgia psíquica pode parecer completamente diferente a duas pessoas no mesmo evento. Isto pode, infelizmente, dar origem a alguma confusão.

No Dia dos Namorados de 1991, Stephen e Kathy viajaram pela primeira vez para o México. Conheceram uma mulher espanhola – chamemos-lhe «Sallie» – em 1990, numa das suas viagens a Espanha. Sallie trouxera então pessoas do México para o Reino Unido para cura e cirurgia psíquica. O apartamento espanhol onde ficava era propriedade de um mexicano rico que estava muito doente e era uma das pessoas que Sallie convidara para Inglaterra para receber cura de Stephen. Apareceu novamente na viagem seguinte a Espanha e perguntou se Stephen iria ao México trabalhar. Stephen concordou imediatamente. Sallie fez todos os preparativos e, pouco depois, os Turoff encontraram-se a chegar ao México, completos com casacos de inverno, camisolas, roupa interior quente e calçado, no meio de uma onda de calor sul-americana!

Sallie estava toda sorrisos no aeroporto. Mas o sexto sentido do mestre psíquico começou a fazer soar alarmes e os eventos provariam que ele tinha toda a razão. Descobriu-se que Sallie aparecera dois meses antes e começara muito amavelmente a receber grandes quantias de dinheiro por consultas em nome de Stephen!

Stephen soube que o organizador mexicano da sua viagem estava chateado com ela por muitas razões e, por sua vez, com Stephen porque Sallie era a sua «representante». Stephen normalmente certifica-se muito de que ninguém o representa sem sanção específica, mas resolveu trabalhar, sob uma nuvem, durante a primeira semana até poder resolver tudo com os organizadores.

Depressa descobriu que eles estavam ansiosos por conhecê-lo pelo mesmo propósito. Foi levado para um enorme escritório que era «mais como aquela biblioteca em *O Padrinho*» e a porta foi batida atrás dele. Ora, o carpinteiro de Brick Lane é um homem muito grande. Mas os dois homens de fatos de mil dólares e óculos escuros que estavam a bloquear a saída de braços cruzados eram homens muito, muito grandes. Hmmm, são

um pouco mais formais do que me lembrava, pensou Stephen, perguntando-se quão longe era a queda pela janela aberta.

De repente, um saco castanho aterrou na grande secretária entre ele e um mexicano de cabelos prateados e cara muito vermelha que estava claramente chateado com algo.

«Por que prescreveste estas pílulas?», berrou o homem. «A Sallie disse-nos que disseste que tínhamos de as ter e cobrou-nos 7000 dólares por elas.»

Outro saco aterrou na secretária.

«E cobrou-nos ainda mais por estas para o meu rapaz!»

As «pílulas milagrosas» tinham sido testadas e revelaram-se açúcar. Muitas pessoas tinham sido enganadas. Pior ainda, o rapaz estava muito doente e fora-lhe dada falsa esperança pelas histórias de cura total de Sallie. No fundo, o cavalheiro mexicano rico era um homem razoável, mas esta sequência de eventos testaria a paciência de qualquer um.

No final, o problema resolveu-se quando Stephen sugeriu que contactassem Esteban Molina em Espanha. Ele garantiu a honestidade de Stephen e o ambiente aliviou. Os dois grandes bibliotecários entreolharam-se, sorriram e descruzaram os braços. O cavalheiro mexicano estendeu a mão.

Com este pequeno soluço ultrapassado, a viagem continuou a ser muito agradável. Kathy e Stephen passaram dois dias muito agradáveis na Cidade do México como convidados de honra dos seus anfitriões latino-americanos. Foram tratados aos melhores clubes e restaurantes, e uma saída especial para ver as pirâmides antigas «forneceu o toque final e completou uma experiência maravilhosa de forma muito agradável».

As sessões de cura foram realizadas na suíte diplomática do Hotel Impala, em Tampico. Mais de 200 pacientes foram tratados pelo Dr. Kahn, incluindo dois padres católicos romanos e um chefe de polícia. Os anfitriões mexicanos disseram que todos os pacientes ficaram completamente satisfeitos. Stephen comentou que a quantidade de pessoas que o visitaram no México e a reação que recebeu foi «incrível».

Stephen também estava ocupado em casa. Pessoas viajavam de todo o Reino Unido para receber cura. Nancy Haigh, uma clarividente conhecida

de Yorkshire e aromaterapeuta qualificada, contou como viu o Stephen em transe remover um «enorme coágulo» das costas do marido:

Pegou num bisturi e fez uma incisão na base da coluna de Peter. Vi o sangue a começar a sair. A mulher de Stephen, Kathy, acendeu algo, colocou-o sobre a incisão e pôs um copo por cima. Isto era aparentemente para trazer o coágulo à superfície. Uma toalhinha foi colocada sobre o copo. Kathy mantinha as mãos na toalha de cada lado.

Quando o Dr. Kahn pegou no pano mais tarde, o copo estava três quartos cheio de sangue. Havia um enorme coágulo dentro dele. Depois disse a Peter: «Isto vai curar.»

Kathy usava uma técnica conhecida como «cupping ou copo carregado». Era-lhe pedido que «carregasse» um copo para trazer o coágulo de sangue à superfície do corpo. Concentrava-se em enviar uma carga positiva pelo braço direito, com o esquerdo a atuar como polo negativo. Um formigueiro ocorria na nuca, depois viajava pelo braço direito, terminando por fluir pelo centro de energia da palma direita, fazendo a mão vibrar rapidamente na toalha colocada sobre a superfície do copo.

A energia criada auxilia o processo de extração de alguma forma, mas Kathy não tem a certeza do mecanismo exato pelo qual funciona. O Dr. Kahn diz que é um pouco cedo para uma explicação, mas um dia veremos que esta habilidade perfeitamente natural e científica, como todas as outras técnicas usadas na cirurgia psíquica, é de uma simplicidade de tirar o fôlego na essência. Talvez um dia entendamos o suficiente sobre matéria, energia, espaço, tempo e as outras dimensões da realidade para fazer o entendimento científico atual parecer neandertal em comparação. E, dada a evidência que aponta para a existência de seres de outras dimensões, não faria sentido dedicar recursos a encontrar uma forma de os contactar para ajudar a nossa compreensão?

Quanto dano poderíamos evitar com este atalho simples para a verdade em oposição ao método longo, laborioso e árduo chamado «científico» que a ciência ocidental passou a favorecer?

Um cientista, Harry Oldfield, já concebeu instrumentos com os quais poderemos comunicar com seres de outras dimensões. Este aspeto metafísico do seu trabalho é um uso potencial interessante, embora totalmente não intencional, para as suas invenções, que foram concebidas

para investigação médica. Para mais sobre o trabalho de Harry, ver pp. 130–135.

Em abril de 1991, Stephen e Kathy estavam novamente em Espanha, a convite do Congresso Mundial de Medicinas Naturais. Numa demonstração, mais de 60 médicos testemunharam o Dr. Kahn transformar água em óleo para tratar um paciente. Os instrumentos foram dispostos numa mesa para inspeção por três dos médicos. Pediu-se também uma taça de água, colocada na mesa e examinada.

O primeiro paciente de Stephen era um homem na casa dos cinquenta que sofrera um ataque cardíaco.

«Pediram-lhe que tirasse a camisa e se deitasse no divã de cura», explicou Stephen. «Fui então tomado pelo Dr. Kahn, que pediu a um dos médicos que viesse da audiência. O Dr. Kahn entregou-lhe as palmas das minhas mãos para provar que não havia nada nelas. Provou também que a água não fora adulterada. O Dr. Kahn colocou uma das minhas mãos na água, retirou-a e esfregou a água no peito do paciente. Transformou-se imediatamente em óleo.»

O médico que atuava como testemunha examinou o óleo. Outros foram chamados da audiência para confirmar que não havia truque. No final do tratamento do homem, havia mais de 10 médicos à volta do divã.

Duas médicas tiveram água colocada entre as mãos pelo cirurgião espiritual. Pediram-lhes que pensassem no perfume que desejavam enquanto esfregavam as mãos, e descobriram que este se materializara após três minutos.

O paciente seguinte era um homem com um problema nas costas. Despiu-se e deitou-se de barriga para baixo no divã. O Dr. Kahn colocou uma toalha branca sobre a parte inferior das costas e disse aos médicos que solidificaria a cor de cura para que fosse vista. Todos testemunharam uma luz rosa a emanar das palmas das mãos de Stephen. O médico espiritual removeu um coágulo de sangue da base das costas do paciente, que foi estudado pelos médicos. Depois, o paciente conseguiu tocar nos dedos dos pés «sem dor» e estava «muito feliz».

Com outra doente de costas, a água foi novamente esfregada na paciente, uma mulher, mas desta vez com resultados diferentes. O Dr. Kahn

disse que estava a materializar «osso calcificado e algum veneno». A água nas costas da mulher podia ser vista a tornar-se castanha com pequenas partículas brancas. Foi colhida com uma colher e examinada por um médico enquanto a paciente se levantava, capaz de se mover livremente.

Esta presença no Congresso Mundial de Medicinas Naturais abriu várias portas para os Turoff. As viagens ao estrangeiro continuaram, incluindo uma a Portugal em que mais de 170 pessoas foram tratadas, e foi feito um vídeo do Dr. Kahn a realizar uma operação em que o dedo entra na órbita ocular até cerca de 2,5 cm de profundidade. Ele olha para cima e diz: «Não tentem isto em casa! Não é tão fácil como parece.»

Nem tudo era fácil para Stephen. Na sexta-feira, 12 de abril de 1991, deu uma demonstração de cirurgia psíquica para estudantes de cura em Stansted Hall, Essex. Gordon Higginson, o falecido, muito amado e respeitado Presidente da União Nacional Espírita (SNU), convidara-o para o dia.

Infelizmente, a demonstração pode ter sido um pouco gráfica demais e Gordon publicou posteriormente uma questão sobre se este era o caminho «espiritual» a seguir, crítica que perturbou Stephen profundamente.

Depois, o repórter do *Daily Star*, Steve Purcell, visitou Stephen com o fotógrafo Tony Sapiano e o artigo apareceu na sexta-feira, 5 de julho de 1991. Descrevia como uma nova série televisiva sobre o paranormal, *James Randi: Psychic Investigator* da Granada, que começaria mais tarde nesse mês, «criticava duramente» Stephen e o seu trabalho. O programa apresentava James Randi, um mágico que investiga fenómenos psíquicos. Expressou espanto por Stephen ter permissão para operar pessoas e um porta-voz da Associação Médica Britânica disse: «Isto parece uma prática muito perigosa.» Um especialista em sangue acrescentou: «Não se pode dizer que removeu um coágulo só mostrando sangue coagulado num copo. Isto parece-me uma treta.»

Três dias depois, apareceu uma dupla página central no *Daily Star* em que o Sr. Randi dava um relato completo das suas dúvidas sobre todos os aspetos do paranormal e sugeria que muitos pacientes «curados» nunca tiveram qualquer evidência médica de que alguma vez tiveram algo errado.

No final, claro, cada um tem de formar a sua própria opinião e pessoas como o Sr. Randi contribuem para o debate ao apresentar o argumento

oposto, mantendo os curandeiros genuínos alerta e expondo fraudes que podem trazer mais dor e miséria a quem já sofre. Por isso, deve ser elogiado, mesmo que possa ser difícil concordar com algumas das suas conclusões.

O Sr. Randi não visitara efetivamente Stephen antes de atacar os seus esforços de cura na televisão nacional, embora uma equipa de investigação, um médico e uma equipa de filmagem tivessem ido à clínica. Stephen e Kathy foram depois convidados a viajar para os estúdios de TV em Manchester para «se defenderem». Significativamente, o médico que acompanhara a equipa de filmagem à clínica e ficara impressionado com o trabalho foi deixado de fora do programa a favor de outro que nunca lá estivera, nunca conhecera Stephen antes do dia da gravação e nunca vira o cirurgião psíquico em ação. Apesar destas condições bastante hostis, e talvez devido a alguma forma de justiça poética universal, Stephen saiu-se admiravelmente e resultou um número incrível de novas consultas desta exposição nacional não solicitada.

Pacientes chegavam mesmo de autocarro da Turquia. Uma jornalista turca, Nevsal Elevi, telefonara do nada e marcara uma entrevista com Stephen. Estava agendada para remover o útero num hospital turco, mas o Dr. Kahn ofereceu-se para ajudar e ela descobriu mais tarde que o problema desaparecera. Escusado será dizer que, dada esta experiência, o artigo subsequente, publicado a 19 de julho de 1991 no jornal turco *Hürriyet*, desencadeou uma verdadeira avalancha de visitantes dessa parte do mundo.

Um aspeto muito triste desta afluência do Médio Oriente foi o grande número de curdos com feridas de faca, bala e estilhaços do conflito nessa região. Muitos tinham sido torturados e os Turoff e os seus amigos espirituais fizeram tudo o que podiam por estas pessoas, cujos problemas iam de trauma psicológico a lesões muito físicas, como testículos queimados causados pela aplicação de elétrodos vivos durante interrogatórios.

O final de julho de 1991 trouxe uma série de problemas para Stephen e Kathy. Como muitos curandeiros, têm uma afinidade muito próxima com os animais e ficaram tristes quando, a 25 de julho, o gato Sam morreu. Depois, na manhã seguinte, Stephen torceu as costas ao sair de uma cadeira. Com pacientes à espera, trabalhou com dores durante o dia e

depois partiu, com Kathy, para Bath, onde iam dar uma demonstração de fim de semana. Após a longa viagem, mal conseguia estar de pé. Trabalhou no sábado, mas à noite as dores eram tão excruciantes que teve de ser levado para o hospital.

«Provavelmente puxaste um músculo», disse uma jovem médica enquanto ia buscar os resultados da radiografia.

«Não se mexa, Sr. Turoff!», gritou um médico diferente, de aspeto muito sénior, ao entrar apressado na sala, com as radiografias na mão. «As costas estão partidas! Se se mexer um centímetro, pode cortar a medula espinal e ficar paralisado para o resto dos dias.»

Não surpreendentemente, Stephen não se mexeu um milímetro até lhe colocarem um aparelho e pensos para manter as costas firmemente no lugar. Só conseguia pensar na sua agenda de cura.

«Quando poderei sair do hospital e voltar ao trabalho?»

«Não o posso deixar mexer, quanto mais sair do hospital», respondeu o cirurgião ortopédico com firmeza.

«Quanto tempo ficarei aqui?»

«Oh, seis a 10 semanas em tração e depois decidiremos se podemos arriscar operar.»

«Ótimo. Simplesmente ótimo.»

Com muito na cabeça, Kathy viajou de volta para Danbury no dia seguinte para ser confrontada com mais más notícias: a avó morrera poucas horas antes.

No hospital na quarta-feira seguinte, com dores e a sentir-se em baixo, Stephen ligou a TV para ver James Randi. Era o próprio programa que o criticava. Isso fê-lo sentir-se ainda pior e perguntou-se qual era o propósito de todos estes problemas. Stephen é muito como o resto de nós ao desesperar com o que a vida lhe atira. Embora esteja 100 por cento convencido de que o propósito maior e superior de Deus está a ser servido em todos os tempos e lugares, ainda se pergunta como durante aqueles períodos em que nada parece correr bem ou fazer sentido.

Para aumentar os problemas de Stephen, o *Psychic News* publicou então detalhes de críticas veladas que agora eram feitas ao seu trabalho por

pessoas do seu próprio campo. O título dizia «Cirurgião defende uso de instrumentos» e o artigo começava:

O curandeiro Stephen Turoff defendeu na semana passada o uso de instrumentos durante a sua cirurgia psíquica. Na reunião anual da União Nacional Espírita (10 de agosto), o presidente Gordon Higginson falou contra o uso de instrumentos ao tratar pacientes. Stephen não foi nomeado na altura.

Uma semana depois, William Lang, o guia do curandeiro em transe George Chapman, também expressou preocupação, comentando: «Sinto que as pessoas que praticam cura devem fazê-lo da forma espiritual.»

Stephen disse: «Embora o meu nome não tenha sido mencionado, é bastante óbvio a quem se referiam. Atualmente, sou o único cirurgião psíquico a trabalhar com instrumentos neste país. Embora esteja consciente dos dois médiuns notáveis, Sr. Chapman e Sr. Higginson, e da sua contribuição para o movimento espírita, isso não lhes dá o direito de atacar outro médium cujo trabalho foi testado em todo o mundo.»

Quando acabariam todos estes problemas?

Como se em resposta, apenas cinco dias após entrar no hospital, Stephen estava de pé e a andar. Os médicos não conseguiram oferecer qualquer explicação médica para esta recuperação milagrosa.

Ainda assim, 1992 começou como 1991 terminara – com mais críticas. Um artigo na primeira página da edição de 18 de janeiro do *Peterborough Evening Post*, intitulado «Médico morto cobra 3 libras por cura», dizia:

Líderes da Igreja lançaram hoje um ataque feroz a um grupo psíquico que cobra 3 libras às pessoas da cidade para serem curadas por um médico espiritual – que morreu há 80 anos. A exibição de cura espiritual realizar-se-á na cidade em março por um médium de Essex e envolve operações «psíquicas» realizadas sem anestesia…

Os líderes da Igreja em Peterborough avisaram que os métodos eram altamente perigosos. O ministro da Igreja Batista de Bretton, Chris Doig, disse: «A única pessoa que pode realmente libertar as pessoas é Jesus Cristo. Não estamos a dizer que estes tipos de poderes não são reais, mas são muito perigosos e podem causar problemas físicos e psicológicos.»

Como em todas as coisas da vida, há diferenças de opinião. Mas um clérigo que efetivamente experimentou a cirurgia psíquica realizada pelo Dr. Kahn foi Dennis Saint-Pierre, um bispo da Antiga Igreja Católica Romana, que Stephen carinhosamente chamava «Padre Dennis». O irmão do bispo contactara o curandeiro em desespero quando o clérigo estava num hospício com cancro no estômago e fora-lhe dado apenas duas semanas de vida. Depois, o próprio Bispo Saint-Pierre pediu ajuda ao Dr. Kahn. «Preciso de 18 meses para terminar a minha missão aqui e resolver os meus assuntos», disse. «Pode dar-me tanto tempo?»

«Como sabe, meu caro Bispo, é Deus, e só Deus, quem lhe pode dar mais tempo. Farei o que puder e, se Deus quiser, o seu desejo será concedido.»

O Bispo Saint-Pierre sobreviveu posteriormente mais 24 meses com dores muito reduzidas. Stephen conheceu-o durante esse período e ocorreram alguns desenvolvimentos verdadeiramente espantosos. Exorcismos, a Transfiguração de Cristo no rosto de Stephen e o aparecimento independentemente verificado de estigmas nas mãos e pés do clérigo foram alguns dos eventos mais importantes que tiveram lugar. Mas houve também um grande número de ocorrências menos significativas que garantiram que as suas experiências com o Bispo deixariam Stephen com memórias duradouras.

O Bispo Saint-Pierre ordenou Stephen como ministro de cura da Antiga Igreja Católica Romana. Queria ajudar na sua missão de cura e fez o que pôde para contribuir. Um dia, estava a auxiliar na clínica quando trouxeram um jovem muito perturbado, na casa dos vinte anos, para cura. Este pobre infeliz estava possuído por uma entidade muito sombria que Stephen reconheceu imediatamente como requerendo a sua atenção conjunta e especial – para um exorcismo.

Isto é um assunto muito sério e, com Stephen à cabeceira do jovem e o Padre Dennis aos pés, a entidade começou o seu ataque. O grande crucifixo de madeira pendurado numa corrente ao pescoço do Bispo começou a girar lentamente, para trás e para a frente, para a frente e para trás. A vítima começou inicialmente a tremer até que, de repente, começou a vibrar incontrolavelmente e, à medida que o crucifixo girava mais rápido, também o tremor do corpo. Um vento gelado rodopiou pela sala e Stephen e o Bispo olharam-se em busca de apoio. Stephen fechou os olhos e concentrou todo

o esforço na Luz. O Bispo rezou. Durante 10 minutos, o vento rodopiante, o tremor do corpo e o girar do crucifixo continuaram. Depois, tudo parou simplesmente, morrendo tão rapidamente como começara. O paciente estava calmo, relaxado… e curado.

«Olha para mim», gritou o Padre Dennis, abrindo as palmas das mãos para Stephen e o paciente verem. «Sou um homem marcado.»

Feridas de cerca de 0,6 cm tinham aparecido nas mãos e, descobriu mais tarde, também nos pés. Muitos outros viram estas marcas e elas permaneceram com o Bispo até ele partir.

A partir do dia em que conheceu o Bispo Saint-Pierre, as coisas começaram a melhorar para Stephen. Teve um propósito renovado e mais energia para continuar perante a adversidade contínua:

É quase como se o Padre Dennis tivesse sido enviado para mim, num ponto muito baixo da minha vida, após uma sucessão de golpes me ter abatido, e ele me pôs de volta no caminho certo.

Stephen e Kathy ergueram-se e continuaram o trabalho de cura. No sábado, 18 de agosto de 1992, demonstraram cirurgia psíquica para a igreja espírita de Sutton, na zona de Birmingham. A jornalista local Pam Thompson escreveu um artigo, «Mãe afirma: "Tumor foi curado por cirurgia espiritual"», que contava como uma jovem mãe com um tumor cerebral era considerada pelos médicos como tendo vencido o cancro após ser tratada por Stephen. Chamava-se Val Brown e queria que outras pessoas doentes experimentassem a cirurgia espiritual.

«As pessoas não acreditam em mim quando conto e eu própria quase não acredito. A minha mente lógica não consegue compreender e, no entanto, estive lá e vi o que ele fez», disse ela.

A afirmação de Val foi apoiada pela companheira da igreja espírita de Sutton, Sue Brotherton, que disse que o Sr. Turoff a curara de uma grave doença interna. «Vi tantas pessoas ajudadas ao longo dos anos que não tenho dúvida na minha mente de que Stephen é genuíno», disse.

A Dr.ª Sylvia Gyde, Diretora de Saúde Pública da Autoridade de Saúde do Norte de Birmingham, disse: «Acho que a fé pode fazer grandes coisas psicologicamente.» Mas avisou: «Se este homem vai cortar pacientes e efetivamente tirar sangue, as pessoas devem ter muito cuidado.

Os instrumentos devem estar limpos e esterilizados, pois temos problemas de Hepatite B e o vírus da SIDA a espalharem-se através de instrumentos sujos.»

Segundo o Dr. Kahn, a equipa de cirurgia espiritual esteriliza os instrumentos a um nível etérico e, por isso, nunca existiu risco de infeção para os pacientes que estão a ser cortados, mas os comentários da Dr.ª Gyde apontaram o caminho para uma decisão posterior da equipa espiritual de desmaterializar o sangue e outros tecidos corporais para que potenciais críticas à cirurgia psíquica no ambiente moderno consciente da SIDA pudessem ser minimizadas.

Quaisquer que fossem os comentários da profissão médica, a satisfação dos pacientes com a Clínica de Cura de Danbury era enorme e houve mais atenção mediática favorável. Um artigo da jornalista Victoria Freeman na edição de 31 de agosto de 1992 da revista *Woman* criou grande interesse. A publicidade e a recomendação pessoal de pacientes satisfeitos garantiram um crescimento constante no número de pessoas que vinham ter com Stephen. Ele nunca fez publicidade.

Em 1992, rebentou uma história que Stephen fora um pouco tímido em mencionar. Três anos antes, recebera uma condecoração de cavaleiro do Governo Polaco no exílio por «serviços prestados à humanidade através da cura espiritual, trazendo esperança e conforto àqueles que mais precisam». Stephen fora apresentado ao Conde Julius Sokoliniki, Presidente da República da Polónia, representando o governo polaco no exílio. A mulher dele estava muito doente com um tumor cerebral e Stephen ajudara-a imenso. Em honra do seu trabalho de cura e caridade, fora feito cavaleiro e a mulher dele foi feita Dama. A primeira ideia de Stephen foi recusar, mas vários amigos encorajaram-no a aceitar e o Dr. Kahn concordou, por isso a honra foi concedida.

Já não estranhos a trabalhar no estrangeiro, a próxima viagem dos Turoff foi de volta ao Centro de Cura Dr. Kahn em Fuengirola, Espanha. Fora agora criada uma instituição de caridade registada e o centro era gerido pelo diretor Esteban Molina e uma equipa crescente de ajudantes voluntários. O centro tornara-se enormemente popular e por vezes a polícia fora chamada para acalmar motins quase à porta.

«Quando as linhas telefónicas estavam abertas para a minha visita anterior, foram feitas 1000 marcações em três horas e muitos mais tiveram de ser recusados», explicou Stephen. «Infelizmente, isso não impediu as pessoas de aparecerem sem marcação.» As marcações para o centro estavam a ser vendidas no mercado negro por 500 libras ou mais, enquanto muitas pessoas ofereciam presentes às raparigas na receção.

«Não queríamos este tipo de coisa», acrescentou Stephen. «Tudo o que fazemos é gratuito. É simplesmente uma questão de donativos.»

Há dias no centro «em que os aleijados e acamados andam», disse Stephen. «O Dr. Kahn, sendo o tipo jovial que é, muitas vezes leva o paciente lá fora para a multidão à espera e atira as bengalas e muletas ao ar.»

Como o centro em Fuengirola estava a ficar pequeno demais, estavam a ser feitos planos para outro na zona de Coín, Málaga, bem como para o orfanato proposto. Como Stephen disse ao *Psychic News*:

É um projeto enorme, deve ocupar quatro hectares e meio de terreno e conter cinco salas de cura, dez quartos, uma área de conferências, sala de jantar, cozinha e, espera-se, uma capela.

Há também esperanças de construir um orfanato na mesma área. Dedicado puramente à cura espiritual, o novo centro será localizado em terreno que comprámos a bom preço através de um amigo. Só mais tarde, após ouvir histórias de velhos da zona e verificar na câmara municipal, descobrimos que o terreno à volta do novo centro era conhecido como «A Colina do Milagre».

Parece que fomos guiados até aqui pelo mundo espiritual. Água brotou do terreno onde não deveria ser possível. Um poço no lado da colina encheu-se imediatamente. Há relatos de pessoas a esfregar esta água na pele e a curarem-se de muitas doenças.

O Bispo Saint-Pierre abençoou o terreno, um evento que foi filmado por um grupo que faz parte da Paramount Pictures. Depois, quando foi erguida uma grande cruz branca no local, houve relatos de um cordeiro a materializar-se ao lado dela.

«Havia um matagal junto à cruz branca para onde o cordeiro correu», disse Stephen. «Isto foi revistado, mas o cordeiro simplesmente desaparecera. Não havia mais nenhum sítio para onde ir.»

Um fenómeno adicional foi a visão de luzes estranhas que apareceram sobre a cruz. Segundo Stephen, «esta informação veio da mulher de um dos membros da equipa de filmagem que visitou a colina. Ela não era espírita. O local era bastante inacessível, mas agora foi colocada uma ponte sobre o rio no vale abaixo. Também foram construídos postes elétricos no terreno. Era como se as pessoas tivessem sido manipuladas para fazer algo.» Muitos na aldeia próxima prometeram o seu apoio ao centro planeado.

Visitei Fuengirola em agosto de 1995 para entrevistar Esteban e ver o progresso do novo Centro de Cura Dr. Joseph Kahn. No momento da escrita (julho de 1996), está meio concluído. Tem cinco salas de cura, uma grande área de espera e espaço alocado para um orfanato de 60 camas. É um terreno de 1,2 hectares encostado à encosta. À volta da frente há um passeio ladeado de árvores que será dedicado às principais religiões do mundo. Um santuário dedicado ao «Nazareno» ficará no fim do passeio. O local oferece vistas panorâmicas das montanhas circundantes e da costa mediterrânica. Procuro uma palavra adequada para descrever tudo: bíblico.

A água será fornecida por um poço encontrado por António, um zahorí que diz ser «guiado pela Virgem». É usado pelo governo local quando querem procurar água em vários locais. Escolheu um ponto. Perfuração a 30 metros e encontraram água. Disse para perfurar mais fundo. A 70 metros, tocaram num segundo veio. O zahorí disse para perfurar ainda mais fundo. A 90 metros, encontraram um terceiro veio. Meio litro por segundo de abastecimento de água é considerado bom nesta região árida do sul de Espanha. Graças ao zahorí, o Centro de Cura Dr. Joseph Kahn beneficiará de 5 litros por segundo! O Dr. Kahn disse a Esteban Molina que o centro será enorme, «maior do que Lourdes» um dia.

No entanto, como Stephen disse em 1992:

Espanha é um país problemático para curandeiros. Sinto que muitas pessoas não se apercebem dos perigos de praticar aqui. É aconselhável ser uma instituição de caridade. Não se pode trabalhar sem licença de trabalho. Pode-se ser preso por curar em Espanha. Se alguém vem e não fica

satisfeito, pode ir à polícia e denunciar-te. Depois tens de provar a tua inocência.

Isto revelou-se uma visão profética.

Em fevereiro de 1993, foi recebida uma queixa oficial da Associação Médica de Málaga. Tinham interpretado vários artigos de jornais e revistas como evidência de que Stephen se fazia passar por médico. Uma fotografia na imprensa local, de tesouras totalmente inseridas no nariz de um paciente, foi a gota de água. Stephen estava no país na altura e foi convocado para comparecer perante um juiz local para responder às alegações.

«Tem tomado drogas, Sr. Turoff?», perguntou ela. «Bateu com a cabeça recentemente?»

As coisas não pareciam boas quando ela decidiu que Stephen teria de se submeter a testes com o psiquiatra da polícia. Ficaria detido até o psiquiatra o certificar apto para praticar. Entretanto, havia mais de 900 pessoas na agenda para a semana seguinte. Deviam chegar de toda a Espanha. Muitos tinham reservado alojamento para pernoitar.

Finalmente, após muitas horas em tribunal e entrevistado pelo psiquiatra da polícia, Stephen foi informado pelo juiz que estava livre para ir e que não seria tomada qualquer ação nessa altura.

Stephen e Kathy saíram do tribunal e contrataram um bom advogado, que os aconselhou a não praticar até o tribunal concordar que podiam continuar. Regressaram a casa, deixando todos os pacientes por tratar.

Curiosamente, o Dr. Kahn disse a Esteban para começar a curar e preparar-se para fazer a cirurgia psíquica ao mesmo tempo que Stephen estava a ser impedido de o fazer. O dom de Esteban desenvolveu-se rapidamente, quase da noite para o dia.

O artigo seguinte, da edição de Natal de 1993 do *Psychic News*, dá alguma ideia dos problemas de trabalhar em Espanha:

15 MILHÕES VEEM CIRURGIÃO PSÍQUICO RESTAURAR VISÃO Paciente Produz Registos Médicos para Desmentir Acusações de Fraude

Uma mulher que recuperou a visão do olho esquerdo após cirurgia psíquica foi forçada a produzir registos médicos na televisão para esmagar acusações de fraude.

Isabel Duran, de Madrid, teve uma operação espiritual no programa de discussão televisivo espanhol *Otra Dimensión*. Apresentado por Felix Gracia, o programa incluiu entrevistas com o curandeiro de Danbury, Essex, Stephen Turoff e o Dr. Joseph Kahn, o médico espiritual que trabalha através do corpo em transe de Stephen.

Também apresentou uma demonstração extensiva de cirurgia psíquica. O Dr. Kahn foi visto a usar vários instrumentos em pacientes. Era por vezes uma visão macabra, mas os sofredores claramente não sentiam dor durante as operações.

Isabel foi uma das primeiras a ser tratada. Era cega do olho esquerdo. Mas após a cura, conseguia ver com ele e foi mais tarde filmada – com o olho direito tapado – a ler um jornal.

Infelizmente, parece que nem todos os estimados 15 milhões de espectadores que viram o programa acharam a demonstração inspiradora.

Falando da sua clínica em Danbury, Stephen disse ao PN que o programa desencadeou novas tentativas da profissão médica espanhola para proibir o seu trabalho.

«Para além disto», acrescentou, «os jornais estavam cheios de alegações de que eu pagara à mulher para dizer que era cega antes de embarcar na operação espiritual.»

De facto, só quando Isabel regressou ao programa e ergueu registos médicos que provavam a sua condição é que as acusações de fraude pararam…

Ao descrever os eventos que levaram à sua aparição, o Sr. Turoff admitiu que precisava de forte persuasão à luz da forma injusta como fora tratado no passado.

«Há algum tempo, uma revista espanhola sobre o paranormal tem publicado artigos sobre mim», explicou o curandeiro. «Organizaram um teste para a cura do Dr. Kahn, mas trouxeram apenas crianças com deficiência mental como pacientes, por isso não foi justo.

«No entanto, os resultados foram bons e mais tarde pediram-me para entrar em transe no *Otra Dimensión*.»

Devido à procura popular, esta edição do *Otra Dimensión* foi repetida seis vezes na televisão nacional espanhola.

Na Grã-Bretanha, os registos médicos até recentemente não estavam disponíveis para os pacientes, tornando difícil mostrar a diferença antes e depois da cura. Agora as pessoas podem ter acesso aos seus registos, talvez um dia vejamos um estudo sério dos efeitos da cirurgia psíquica. No interesse de promover o conhecimento, Stephen está pronto e disposto a participar neste tipo de estudo. Só precisa de um grupo igualmente disposto de pacientes e médicos.

De volta a Espanha, em novembro de 1993, o advogado de Stephen e Esteban Molina chegaram ao tribunal com o livro de Stephen, vídeos de cirurgia psíquica em progresso e outra evidência em apoio do direito de Stephen praticar. O juiz não viu razão para Stephen não oferecer cura e cirurgia psíquica ao público e o caso foi arquivado. Stephen regressou em fevereiro de 1994 para retomar onde parara.

Em 1995, quando pedi a Esteban para estimar o número de pacientes que tinham passado pelo centro desde o início, ele respondeu: «Muito mais de 20 000.»

Entretanto, a Clínica de Cura de Danbury parecia estar a influenciar outros curandeiros. Além de receberem cura, pareciam ir embora com maior entusiasmo para dar cura a outros. Um curandeiro, o autor de *This Gift Is Not for Me*, escreveu:

Caro Stephen e Kathy, Muitos obrigados por uma tarde maravilhosa passada convosco e com o Dr. Kahn… Tendo eu próprio embarcado na cirurgia psíquica, Stephen, a demonstração do Dr. Kahn mostrou-me um lado… que nunca testemunhara antes! Todo o poder para vós e para todos os nossos maravilhosos ajudantes e guias espirituais! … Quem sabe, Stephen, talvez um dia trabalhemos juntos (tendo-me sido dito há muitos anos que trabalharia em Espanha)? Gostei muito do vosso livro. Fico contente por saber que gostaste do meu, Kathy. Duvido que Stephen tenha muito tempo para ler. Todos os bons pensamentos & Deus vos abençoe Margaret Collier

No entanto, as pessoas que viviam no cul-de-sac de West Belvedere, na aldeia de Danbury, estavam a ficar um pouco cansadas de hordas de pessoas a descerem na zona e a estacionarem nas bermas e esquinas. Embora muitos locais fossem solidários com a situação desesperada de alguns dos pacientes que vinham ter com Stephen para ajuda, e muitos fossem pacientes eles próprios, é talvez compreensível que a invasão diária irritasse os vizinhos.

Numa ocasião, as autoridades locais enviaram uma equipa de vereadores para inspecionar o que se passava. Eu levara alguns amigos à clínica nesse dia e pediram-me para garantir que os visitantes estacionassem no sítio certo. Ao ver um carro parar e estacionar mesmo à frente na berma, desci o caminho e pedi educadamente ao condutor: «Importa-se de estacionar ao longo da estrada, pois a câmara está a fazer uma inspeção hoje?»

«Somos a equipa da câmara», disse o condutor e, de forma bastante estranha, optou por deixar o carro exatamente onde os vizinhos provavelmente se queixariam! Escusado será dizer que a minha contribuição não ajudou a causa e nunca mais me pediram para ser responsável pelo estacionamento.

A câmara sugeriu que usar outro local poderia ser uma boa ideia e, algum tempo depois, o volume de pacientes vindos de todo o mundo tornou necessário o arrendamento de uma suíte de salas no Hotel Miami em Chelmsford. Os visitantes têm agora o benefício do parque de estacionamento do hotel, restaurante e instalações de alojamento, se necessário. Por vezes, grupos inteiros vêm ficar no hotel. Podem simplesmente atravessar o pátio quando chega a hora da consulta.

Apesar de todos os sucessos aparentes, nenhum curandeiro afirma poder ajudar toda a gente e, por vezes, os mais próximos do curandeiro são aqueles que menos consegue ajudar. Kitty, a mãe de Stephen, sofrera dores consideráveis com úlceras nas pernas durante 12 anos, mas, embora Stephen fizesse tudo o que podia para ajudar, a condição continuou a atormentá-la até à sua morte, no início de 1994, de um ataque cardíaco.

No serviço fúnebre, realizado no crematório de Enfield, as irmãs de Stephen contaram-me que elas e Stephen partilhavam o banco da frente. Tudo correra como esperado até um raio de luz branca brilhante atravessar

as janelas altas e banhar os três, exatamente quando o caixão desaparecia pelas portas. Este evento, num dia por outro lado cinzento e sombrio, foi suficientemente notável para merecer comentário.

Pouco tempo depois, começaram os fenómenos fotográficos do «dedo de Deus». Stephen orara para que Deus mostrasse a sua luz na clínica de cura e, a partir do dia seguinte, belas luzes pastel começaram a aparecer em fotografias tiradas lá. Pessoas comuns tiravam fotografias comuns com câmaras comuns, mas as luzes nas imagens eram bastante extraordinárias. Mais tarde, começaram a aparecer em fotografias onde quer que Stephen viajasse pelo mundo.

Estas luzes extraordinárias marcaram o início de outra fase na vida e trabalho de Stephen Turoff. Ele acredita que as luzes, e todos os outros fenómenos à sua volta, são causados por, e diretamente atribuíveis a, o seu guia e mentor espiritual sempre presente, Sathya Sai Baba.

Stephen conheceu Sai Baba pela primeira vez aos vinte e poucos anos. Este «tesouro nacional da Índia» é, à primeira impressão, um homem pequeno com uma grande coroa de cabelo preto encaracolado. Raramente dorme. Tem um sentido de humor incrível. Aos 13 anos, declarou ser um avatar, uma encarnação de Deus na Terra. As suas tarefas claramente declaradas são simples: evitar a destruição, pela humanidade, da nossa casa física, a Mãe Terra, e mostrar-nos o caminho de volta à nossa verdadeira Casa, a Deus. Tem agora muitos milhões de devotos na Índia, juntamente com milhares de Centros Sai, bem como colégios, universidades e hospitais, e há Centros Sai em praticamente todos os países do mundo ocidental.

Sai Baba realizou muitos milagres, que chama meros «cartões de visita», brinquedos e truques para ganhar o nosso interesse e demonstrar a ilusão dos nossos corpos físicos e do mundo material a que todos estamos tão apegados. Estes milagres incluem produzir cinza sagrada, que chama vibhuti, do ar ou de urnas vazias. Espalha-a sobre os seus seguidores e visitantes e diz às pessoas para a comerem para curar doenças. Hoje, milhões de pessoas tiveram experiências de vibhuti a formar-se nos seus locais de culto ou mesmo em casa. Agora manifesta-se constantemente na clínica de Stephen, onde ele a esfrega na área afetada dos pacientes ou a dá às pessoas para comerem.

O número e gama de milagres de Sathya Sai Baba aumentaram ao longo dos anos. Estes fenómenos são, no entanto, nada comparados com a sua capacidade de ensinar e espalhar uma mensagem espiritual, cujo princípio subjacente é o Amor Divino.

Esta mensagem influenciou profundamente a própria vida de Stephen.

5 MUDANÇA:

O PROFESSOR ESPIRITUAL

Se um aluno é mau, só esse aluno é afetado. Mas se um professor é mau, centenas de alunos estragam-se. SAI BABA

O bom professor ensina de forma constante e cuidadosa: os pensamentos afetam o Carma; as palavras afetam o Carma; as ações afetam o Carma. DR. KAHN

O ensino vem através de mim, não de mim.

STEPHEN TUROFF

«Morri na Batalha do Somme», disse James Legget, um soldado da Primeira Guerra Mundial, ao surgir alto e claro para a audiência de Stephen no final de 1985. Era uma manhã fria de novembro, Domingo da Memória, e Stephen estava a demonstrar clarividência na igreja de Sudbury, em Suffolk. Nos dois anos seguintes, James comunicou com Stephen regularmente e o resultado foi *Seven Steps to Eternity* (Elmore-Chard, 1987), um livro que conta a história da morte do soldado e da sua vida posterior no espírito. Stephen diz que acha difícil escrever – «Não consigo juntar duas palavras, quanto mais duas frases» – e, no entanto, considera juntar o livro uma das suas experiências mais gratificantes.

O crítico Danny Ansell, na edição de 4 de novembro do *Psychic News*, concordou:

Embora literalmente recheado de verdades e ensinamentos espirituais, a história mantém-se consistente e iluminadora ao longo de todo o livro… mantém-se um sentido de humor refrescante… Um dos melhores livros deste género que passou pela minha secretária há algum tempo, o seu estilo

fácil será igualmente apelativo para leitores experientes e novatos em assuntos espirituais.

Seven Steps to Eternity marcou provavelmente o início do desenvolvimento de Stephen como professor espiritual. Como ele explica no prefácio:

Como psíquico, tive o privilégio de ter inúmeros encontros com almas que habitam no astral. Iluminaram-me em todos os sentidos da palavra sobre as suas experiências nos planos após a morte.

Quando uma alma deixa o corpo pela primeira vez, cai num estado semelhante ao sono e acorda no plano do mundo astral adequado para ela. Sou frequentemente questionado sobre este termo «plano» e a resposta mais próxima é um «estado» de vibração. Por exemplo, ondas sonoras; ondas ultravioleta do sol; raios de uma lâmpada elétrica; todos estes são invisíveis, cada um interpenetrando, mas não afetam nem interferem uns com os outros. Assim é com os planos no mundo astral.

Habitantes de cada plano são as almas apropriadas para viver e operar lá de acordo com a sua evolução espiritual: «Na casa de Meu Pai há muitas moradas.»

… Um dia [James] perguntou se consideraria escrever um livro sobre a sua vida, não a tragicamente curta no nosso plano, mas nos planos por que passou desde que partiu.

Após a «morte» de Jim, é recebido por «oficiais» que o ajudam a habituar-se ao novo ambiente. Oficiais, claro, seriam familiares para um soldado e isso reduziria o choque inicial e ajudaria a transição para o mundo seguinte. Algum tempo depois, Jim está pronto para começar a aprender sobre a sua nova vida e é levado para um edifício «semelhante a uma igreja»:

Entrámos e sentámo-nos. À nossa frente havia um altar, mesa e duas cadeiras… De repente, apareceu do nada uma névoa rodopiante. Começou a moldar-se na forma de um homem e tremeluziu da cabeça aos pés enquanto se solidificava. À nossa frente estava um homem onde momentos antes havia apenas espaço vazio…

«Obviamente, tenho a vossa atenção», disse o professor. «Não consigo pensar numa forma melhor de a obter do que uma entrada impressionante.

Primeiro, quero falar-vos sobre o vosso novo ambiente. Estão no quarto de sete planos astrais. Cada plano difere dos outros pela manifestação, densidade e velocidade da sua essência básica. O vosso corpo físico varia de forma a determinar o vosso crescimento espiritual, que é o que a vossa alma procura sempre. Muitos de vós literalmente matam de fome as vossas almas e, por exemplo, permitem que as vossas mentes se tornem inteiramente absorvidas e dominadas pelo materialismo.

«A alma é sempre chamada a olhar para cima, não para trás. Deve levar esperança e amor ao leme da vossa vida. Isto nem sempre é fácil… mas fazer um esforço é sempre um passo na direção certa.

… Disseram-vos que há sete planos. Da mesma forma, têm sete corpos. Um destes era o corpo físico que descartaram quando deixaram o plano terreno. Aqui no quarto plano astral, o vosso corpo astral está a aprender a vibrar de acordo com as vibrações aqui. Estas são mais finas e rápidas do que as do plano terreno. Isto explica por que as coisas aqui são tão tangíveis e reais como na Terra… Como o terceiro e quarto planos são apenas ligeiramente mais finos do que o plano terreno, o nosso esforço é que passem para o quinto plano. Isto ocorrerá quando refinarem as vossas vibrações mentais e emocionais. Venho do sétimo plano onde a matéria vibra mais rápido e é mais refinada do que aqui.

«Podem perguntar-se como consigo visitar o vosso plano… Aprendi a reduzir as minhas vibrações para trabalhar nos planos inferiores… pelo poder do pensamento.»

Depois, o capitão respondeu a perguntas da audiência.

«Há um Deus, senhor?»

«Sim, há um Deus e explicaremos mais tarde sobre a força de Deus que está em todas as coisas.»

«Poderei ver a minha mulher e falar com ela, senhor?»

«… Ser-lhe-á atribuído um guia especial que lhe ensinará como comunicar com os seus entes queridos.»

Pouco depois, Jim conhece o seu guia, um cavalheiro chinês de 800 anos que, como o guia de Stephen, se chama Chan:

Olhei-o de cima a baixo e admirei as suas esplêndidas roupas. As cores eram vivas como se estivessem vivas. Perguntei-me de onde era. «Do sexto plano, onde vivo, claro», disse ele.

«Ei, nunca falei. Como soubeste o que estava a pensar?»

«Consigo ler os teus pensamentos», respondeu. «Aqui não é necessário falar. Tu também aprenderás a usar os teus sentidos superiores para a fala… És levado pelos planos astrais em etapas. Cada um educa-te para o próximo. Terás de reajustar a tua velha ideia de escolaridade terrena, mas eu serei o teu professor…

«A tua primeira lição será aprender a focar os teus pensamentos concentrando a tua força de vontade. Podes então comunicar com outras almas mentalmente. A forma como isto funciona é que um Pensamento se torna a Linha, e a Vontade se torna o Impulso.

… Agora, Jim. Quero falar-te sobre os teus hábitos de sono… Encontrarás muitas mudanças benéficas aqui. Uma é que não precisarás de dormir… Muitos pensam que todos os seus problemas desaparecem com uma noite de sono. Nada está mais longe da verdade. Sabes que passaste um terço da tua vida a dormir? Por vezes, acharás necessário descansar para digerir o que aprendeste, mas o sono como o conheceste será desnecessário.»

… Perguntou se tinha mais perguntas.

«Sim», respondi. «Onde posso arranjar algo para comer? Estou morto de fome.»

«Estava à espera disso», provocou. «Lembras-te do que disse há um momento, sobre o sono? Bem, o mesmo se aplica à comida… Há uma boa razão para isto. As condições de vida nas esferas superiores dependem mais do poder mental do que as do plano terreno…»

Tens um corpo que é uma duplicata daquele que tinhas no plano terreno… mas [é] não usado da mesma forma que no plano terreno porque aqui não comes alimentos grosseiros que precisam de ser processados… Aqui absorvemos comida ou combustível através dos poros da nossa pele, bem como através da respiração. Isto é totalmente adequado para o nosso bem-estar.»

Inicialmente, todos os ensinamentos do Dr. Kahn, Jim e Chan eram ideias e pensamentos «canalizados». Nessa altura, o Dr. Kahn tomava completamente o corpo de Stephen até oito horas por dia. Nesse estado de transe profundo, era o Dr. Kahn e não Stephen quem falava com as pessoas, dava palavras de sabedoria, ocasionalmente transmitia mensagens de parentes «mortos» e assim por diante.

Após sair do transe, Stephen ia para casa, jantava e sentava-se na cadeira para meditar. Isto permitia que Jim e Chan «colocassem imagens» na sua cabeça, todas as noites, durante dois anos enquanto escrevia o livro. Assim, Stephen estava a ser usado como um «instrumento» para o ensino que vinha através dele da mesma forma que era um instrumento para a cura.

O Dr. Kahn continuou com o controlo de transe profundo até 1991, quando o Dr. Kahn mais jovem conseguiu vir através. O segundo Dr. Kahn conseguia usar o corpo de Stephen num «transe leve». Isto permitia que Stephen estivesse no comando total das suas próprias faculdades e significava que podia dar conselhos às pessoas ele próprio, com o benefício da capacidade da equipa espiritual de comunicar com o eu superior do paciente. Como já mencionado, era essencial para o desenvolvimento do próprio Stephen participar conscientemente no processo de cura e ensino.

Em novembro de 1992, a revista *Options* entrevistou Stephen e cinco outros psíquicos bem conhecidos. Nesta entrevista, Stephen explica algo do seu desenvolvimento:

Inícios «Costumava ouvir vozes e ver cores à volta das pessoas… Ouvira vozes a dizer-me coisas. Fui a médicos e optometristas para obter ajuda. As pessoas pensavam que eu era esquizofrénico. Mas encontrei uma igreja espírita e explicaram-me que estava em sintonia com outra dimensão.»

Desenvolvimento das Habilidades

«O poder de cura começou assim que aceitei que as vozes existiam e que o que diziam era real. Disseram-me que era curandeiro e comecei a curar pessoas. Não tinha formação formal em saúde…»

Como Funciona

«Sou diferente de outros curandeiros, pois realizo efetivamente cirurgia… Uma personalidade externa toma-me… Nem sei o que estou a fazer.»

Guias Espirituais

«Temos um guia geral – um anjo da guarda, se preferires – e os outros aparecem de tempos a tempos para potenciar os teus dons particulares. O Dr. Kahn potenciou o dom de cura e tenho um cavalheiro chinês a dar-me filosofia…»

Uma Explicação Lógica?

«O mundo médico estabelecido preferiria esquecer-me. Enviaram um médico aqui que me viu desmaterializar o olho de uma mulher, fazer algum trabalho na órbita e rematerializá-lo novamente. Nem eu consigo explicar isso, por isso como esperas que um médico consiga? Não sei – a ignorância é uma bênção para mim.»

Uma Bênção ou uma Maldição?

«Tem sido uma bênção, mas não sei por que fui escolhido. Na maioria dos aspetos, sou apenas uma pessoa comum.»

Para esclarecer ainda mais as pessoas sobre o trabalho e missão da equipa de cura, o Dr. Kahn realizou uma sessão de perguntas e respostas com um jornalista do *Psychic News* em setembro de 1992. Contou como fisicamente «encolhe» o seu médium para tratar pacientes e Stephen corroborou isto, comentando que, em comparação com a sua própria estatura grande, «o Dr. Kahn é um homem muito pequeno. Quando saio do transe, pode ser muito doloroso.» O Dr. Kahn explicou que o trabalho esgotava o corpo físico de Stephen, por isso precisava de tomar vitaminas e suplementos minerais diariamente. Outros cirurgiões espirituais também procuravam «instrumentos» com quem trabalhar no plano físico, mas precisavam de ser pessoas com grande força de caráter e capacidade para se tornarem cirurgiões psíquicos. A sensibilidade era importante.

Quando lhe perguntaram como era a vida no mundo espiritual, disse:

Venho do sétimo subplano do mundo astral, mesmo antes da Parede de Fogo onde a matéria deixa de existir. Estou a usar o corpo do Dr. Kahn. Mantenho o Dr. Kahn vivo deixando uma porção da minha consciência dentro da sua estrutura. Se retirasse toda a consciência desse corpo astral,

ele voltaria aos elementos naturais e eu não conseguiria comunicar convosco. O resto de mim é espírito. Não quereria voltar à Terra permanentemente. Não conseguiria lidar com isso agora. Quando vierem para o meu lado da vida, compreenderão porquê. Têm muitas palavras a dizer quão belas são as nossas esferas, mas não o saberão até virem aqui.

Acrescentou: «Há muitas mudanças a acontecer no vosso mundo e vão ser mudanças drásticas. Já começaram.»

O Dr. Kahn também partilhou algum do seu conhecimento e pensamentos com Mark, o filho de Kathy, que estava muito interessado no trabalho realizado:

Dr. Kahn, pode lançar alguma luz sobre o tema da reencarnação e em que fase a alma entra no corpo?

«Vou responder primeiro à segunda parte da tua pergunta.

Quando o óvulo ou célula germinativa feminina é fertilizado pelo esperma masculino, há uma formação instantânea de protoplasma de tamanho microscópico. É esta formação, como compreenderias, que se chama vida física. A alma não entra após esta formação, porque a essência da alma já se estabeleceu na primeira formação. A característica mais marcante do protoplasma é a sua capacidade de mudar de forma e posição, por algum poder intrínseco. A causa disto é através de uma matriz nuclear. A matriz é um corpo minúsculo, embutido no protoplasma, dando ao protoplasma as suas ordens para forma, tamanho e inteligência. Desde o instante em que o óvulo é fertilizado pelo esperma masculino, ocorre um contraparte etérico da estrutura celular. Assim, as células formam-se num feto com o feto etérico a ser formado da mesma maneira.

… Quanto à reencarnação, há apenas um diamante com muitas facetas… Somos todos partes de um todo, todos a trabalhar em uníssono. Não há um "eu" pessoal. A tua "persona" ou máscara de ator será largada com a tua atual vestimenta de carne quando deixares a Terra. Mas a tua entidade – o teu caráter individual, independente, distintivo – permanecerá, não como uma "coisa" separada, mas como uma qualidade relacionada com o todo.»

… Como é que algumas pessoas conseguem lembrar-se do que chamam de «vidas passadas»?

Estamos todos consciente ou inconscientemente a esforçar-nos por encontrar o caminho de volta ao Divino de onde brotámos. A matéria tem o seu próprio estágio de desenvolvimento e é portanto "espiritualizada" por almas entrantes passadas que deixaram um conhecimento de como gerir a transição.

«À medida que o teu espírito toma mais controlo do seu novo corpo, também toma controlo do processo de registo de experiências passadas nas suas expressões anteriores… por isso, na verdade, quando uma pessoa diz que viveu antes numa vida anterior como chinês ou princesa, isto está um pouco incorreto.

«O que descobriram é a verdadeira arte da psicometria, a arte de segurar um objeto e "ler"-o…»

Como corresponde isto a dificuldades físicas? Ouvi dizer que as deficiências se relacionam com «Carma».

A matriz atrai automaticamente protoplasma para si que corresponderá à informação passada para ela pelo estado superior de expressão, a atividade de grupo da alma e a necessidade de aprendizagem… [Por isso] não deves olhar de cima para aqueles com uma deficiência porque eles próprios participaram no seu design.»

Então, como podem curar os doentes se é o destino deles sofrer?

«Primeiro temos de ver se a doença faz parte do padrão Cármico, ou se é uma doença entrante. Se for o primeiro, então… temos de falar com o eu superior do paciente para ver em que estágio chegou no seu desenvolvimento. Se o paciente ainda não aprendeu com a sua condição, então não podemos intervir, mas isso não significa que tudo está perdido. Pois, na verdade, é o paciente quem, através de oração profunda e meditação, pode chegar a termos com a sua deficiência física e permitir que Deus entre na sua vida…

«Agora, quanto àquilo a que chamam "doença". Uma das maiores causas de desequilíbrio hoje é o stress… Quando a "desarmonia", em qualquer sentido da palavra, perturba as vibrações harmónicas dos sentidos, o cérebro começa imediatamente a reagir… e ocorre stress.

«Para compreender como estas vibrações funcionam, temos de olhar para a operação da… Lei da Respiração Rítmica e a sua influência

correspondente no corpo físico. A corrente universal de vida, ou força vital, que permeia todo o espaço e é comumente reconhecida no corpo como respiração, é composta de átomos, ou eletrões, que são diferenciados pelos seus movimentos característicos em cinco formas de vibrações.

«Os vossos cientistas até agora reconheceram apenas dois destes éteres subtis e ainda não descobriram a sua profunda influência em todas as coisas vivas. Mas ao dizer isto, os cientistas estão agora à beira de uma descoberta muito maior; e essa é a física subatómica. Isto provará eventualmente sem dúvida a existência da próxima dimensão.

«… Cada uma das cinco vibrações é uma força de movimento e cada uma é tanto "substância" como "força". Dar-vos-ei os seus nomes comuns para referência futura: a vibração sonora [que podemos ouvir]; a vibração tangífera [que podemos tocar]; o éter luminífero [que podemos ver]; o éter gustífero [que podemos provar] e o éter odorífero [que podemos cheirar].

«Cada uma destas cinco energias tem as suas fases positiva e negativa por todo o cosmos. Em saúde normal, o seu fluxo e proporção variam de tempos a tempos com precisão rítmica absoluta. É apenas quando este ritmo é perturbado que vemos o seu efeito para o bem ou para o mal. Toda a doença é qualquer influência que perturba o equilíbrio intricado mas simétrico da natureza destas forças vitais etéricas…

«Para ganhar um corpo e mente equilibrados, deves aprender a controlar a respiração e as forças vitais que fluem para dentro e por todo o corpo físico e permitir apenas que energias harmónicas sejam transmutadas em força vital positiva.»

Se o eu superior aprendeu com a sua deficiência, o que acontece então se essa pessoa não entrar em contacto com um curandeiro?

«Primeiro deixa-me dizer que não há coincidências na vida.»

Então, onde entra o livre-arbítrio, Joseph?

«Deixa-me responder à tua primeira pergunta. Se tens uma deficiência, e estás pronto para ser curado, não importa o que o eu inferior decida, o eu superior porá em movimento o caminho correto que deves tomar. Se não tens a certeza de como agir, não te preocupes com isso. Não deixes a tua mente perturbada e inquieta por dúvidas. Pega simplesmente na dificuldade ou na pergunta, coloca-a perante o Poder Superior e ora para

que te seja mostrado o caminho certo. É aqui que o teu livre-arbítrio entra em operação – usar a tua força de vontade como um implemento positivo na tua busca pela saúde.»

Que atitude devemos ter quando nos aproximamos do fim dos nossos dias?

«Felicidade. A felicidade é uma força elevadora apenas igualada pelos raios do sol. É sol no coração! E move-se com um ritmo alegre que canta pelo corpo. Portanto, nenhum medicamento na farmacopeia possui a virtude curativa da felicidade.»

A nossa atitude perante a morte física deve então ser de expectativa e antecipação pelo grande dia da nossa libertação?

«A tua alma já se está a preparar para a sua transição. Todas as noites a tua alma deixa o seu corpo físico quando te deitas para descansar e junta-se àqueles do meu mundo… O espírito vai para as regiões superiores e reúne forças vitais e magnetismo com que regressa e revive o corpo.»

O que acontece então à cabeceira da morte?

«A separação do corpo etérico do corpo físico inerte… O duplo etérico é a forma à volta da qual o corpo físico é construído e é feito da matéria etérica que viverá e respirará no mundo etérico. A separação é um alívio dos átomos etéricos. Estes dois corpos estão ligados pelo Cordão de Luz. Quando a morte ocorre, a consciência física é transferida através do cordão para o cérebro etérico. Depois, e apenas na separação completa destes dois corpos, o Cordão de Luz deixa de existir.»

Então, por que algumas pessoas que tiveram experiências de quase-morte dizem que se sentiram a passar por um túnel e viram uma luz no fim dele?

«A consciência é transferida através do cordão para o cérebro etérico. Esta transferência é o túnel de que falas. Os olhos etéricos são a luz no fim do túnel que se liga à onda etérica à medida que se ajusta ao seu novo mundo.»

Antes de terminarmos, Joseph, podes dar-nos algumas palavras de encorajamento?

«Falamos convosco em palavras mais uma vez, mas muitas vezes falámos convosco no silêncio do vosso próprio santuário. Quando a batalha da vida e o ruído do mundo ressoam à vossa volta, estamos a ajudar-vos a guiar o vosso navio pelas águas agitadas. Quando por vezes a lona é recolhida e o vosso navio corre com mastros nus perante o vento, não está deserto; as tempestades e ondas que o atingem são apenas as forças instrumentais para o aproximar do porto.»

Tal como o resto de nós, Stephen está a crescer, a desenvolver-se e a mudar espiritualmente. Aqui estão alguns dos seus pensamentos, que são excertos de um discurso proferido no domingo, 13 de agosto de 1995, em Wolverhampton, para 1600 devotos de Sathya Sai Baba:

Devemos ouvir quando o nosso coração e a nossa consciência nos dizem a verdade. Pois quem é que nos fala nessa voz interior tranquila, senão Deus?

Deus dá-nos 24 horas por dia. Devemos reservar 24 minutos de cada dia: oito minutos de manhã, oito minutos à tarde e oito minutos à noite para ouvir a nossa voz interior tranquila… Experimenta e vê o que acontece.

Quando sentires a distração do mundo ou das pessoas a perturbar o teu equilíbrio, para um momento, respira fundo e reclama rapidamente a força do divino dentro de ti. Isto dar-te-á equilíbrio e renovará o teu poder para superar a dificuldade… É pretendido que ganhes força ao conquistar dificuldades…

Se permitires que qualquer condição te irrite, deixas de ser o mestre e isso não deve ser. Estas experiências aparentemente irritantes e aparentes obstáculos são para superares; são ajudas ao teu desenvolvimento espiritual.

Se por vezes sentires que o teu ambiente dificulta o teu próprio avanço espiritual, esse pensamento ou sentimento é um erro. Se fores tentado a pensar que falhaste em seguir o teu ideal… permanece no teu lugar; és forte o suficiente para te elevares acima até das tuas falhas mais fantasiosas. As maiores lições… na escola da vida terrena vêm através das chamadas falhas.

… Pelo exercício do teu livre-arbítrio, fecha as portas da tua natureza a todas as forças subdesenvolvidas. Não admitas… medo ou dúvida, amor-

próprio, inveja, ódio, ciúme, indolência ou ignorância. Estas são forças destrutivas que derrubam e destroem. Põem-te fora de sintonia para que não vibres em harmonia com o plano de Deus.

… Se não conseguires lidar com pessoas que parecem estar sobrecarregadas pelas forças destrutivas, deseja-lhes o bem e devolve-as a Deus. Pois Ele é o Mestre todo-vidente, todo-sabedor e é Ele sozinho quem as pode pôr de volta no caminho certo.

Sai à rua entre as pessoas, levando a poderosa atmosfera de amor que conforta e cura os doentes e sofredores. Irradia paz e felicidade… ensina aqueles que ainda não encontraram o amor, a verdade e a paz que é o conhecimento de Deus.

… Deus quer-te, precisa de ti, como instrumento na tua própria esfera, para levar outros a um despertar para a vida da alma.

A mensagem espiritual de Stephen parece basear-se numa premissa simples: as ações falam mais alto do que as palavras. Como diz Sai Baba: «Mãos que ajudam são mais sagradas do que lábios que rezam.» Stephen age de acordo com isto, enviando, por exemplo, uma percentagem do seu rendimento diretamente para várias causas. Agricultores indianos receberam equipamentos agrícolas e muitas outras pessoas beneficiaram de ajuda direta. Stephen também se apresenta a si próprio e ao seu trabalho a qualquer um e a todos os que estejam dispostos a tirar algum tempo para ouvir ou ver. Todos os fenómenos à sua volta ocorrem diariamente na Clínica de Cura de Danbury e pelo mundo onde quer que visite. Todos são bem-vindos para ir ver, experimentar e decidir por si próprios.

Stephen simplesmente acredita que está a fazer o trabalho de Deus e fá-lo, dia após dia, da melhor forma que consegue. Admite prontamente que o seu melhor às vezes é tristemente insuficiente, mas está a trabalhar nisso. Muitas vezes termina um dia a perguntar-se se conseguirá lidar com a manhã seguinte, quando mais cem ou mais pessoas muito doentes virão ter com ele à espera de soluções milagrosas, mas continua. Dos seus detratores diz: «Haverá sempre aqueles que criticam e zombam. É tudo parte da ilusão, da experiência, do mistério. Ninguém está certo ou errado, simplesmente são o que são. Cada um de nós está a ter a sua própria experiência de vida individual e é parte da experiência dos críticos ou zombadores ser e fazer exatamente como são e agem.»

Os «críticos e zombadores» também poderiam considerar duas leis que os ajudantes espirituais de Stephen ensinam frequentemente. A primeira é a Lei do Carma, que é resumida bastante bem pela analogia de «semear e colher». O que pões lá fora, recebes de volta. O que vai, volta.

A segunda lei a considerar é a Lei da Perfeição. A única pessoa que podemos aperfeiçoar somos nós próprios. Essa é a nossa tarefa. Stephen pergunta: «Por que desperdiçar tempo, literalmente vidas inteiras, a criticar os melhores esforços de outra alma quando nem estás a tentar aperfeiçoar-te primeiro? Não dificultes os esforços dos outros. Não sejas rápido demais a julgar. Por outro lado, faz tudo o que puderes para ajudar os outros e descobrirás que estás a ajudar-te a ti próprio. Se compreendes o objetivo final e as regras simples do jogo, jogar é muito mais divertido, muito mais recompensador e muito mais fácil.»

«Qual é o conselho mais simples que podes dar para equilibrar o Carma e alcançar a perfeição?», pergunto num momento calmo com Stephen. Ele recosta-se e pensa cuidadosamente…

«Vê o bem, faz o bem, sê bom.»

6 A CURA ACONTECE

«Milagre»: um evento maravilhoso que ocorre dentro da experiência humana que não poderia ter sido provocado por poder humano ou pela operação de qualquer agência natural, e deve portanto ser atribuído à intervenção especial da Divindade ou de algum ser sobrenatural: principalmente um ato (ex.: de cura) que exibe controlo sobre as leis da natureza, e serve como evidência de que o agente é divino ou especialmente favorecido por Deus.

DICIONÁRIO INGLÊS DE OXFORD

A palavra «cura» deriva de um termo anglo-saxão antigo que significa «tornar inteiro». Muitos curandeiros acreditam que esta inteireza é composta pelos quatro aspetos do ser humano – o físico, o mental, o emocional e o espiritual. Nesta visão, todos estes aspetos interagem e só quando estão todos em equilíbrio e harmonia uns com os outros e com o seu ambiente é que a «cura» ou «inteireza» é alcançada.

Muitas outras pessoas acreditam que somos meros seres físicos, a ordem mais elevada dos animais num mundo mecânico, e que as nossas capacidades mentais, emocionais e até espirituais derivam dos nossos sistemas e processos bioquímicos de uma forma ainda não totalmente compreendida.

Independentemente das suas visões, é espantoso o número de pessoas que declararão interesse em milagres de cura em geral, e em cirurgia psíquica em particular, se lhes derem meia oportunidade. Quando sugeri ao meu cunhado, Rob Bennett, que ele e a mulher Veronica poderiam gostar de uma noite de vídeos de cirurgia psíquica, fui bastante hesitante e esperava «Estás a brincar» ou, conhecendo o Rob, algo menos educado.

«Por que não?», disse ele. «Tem de haver mais na vida do que compreendemos. Deve ser interessante.»

Erguendo-me do chão, fui para casa e, poucas horas depois, a minha mulher Jane e eu voltámos à casa deles com um saco do Tesco cheio de vídeos e instalámo-nos com uma cerveja e um caril para levar. Excetuando as operações oculares bastante gráficas, que simplesmente não conseguiram continuar a ver, tanto o Robbie como a Ronnie ficaram fascinados.

Na manhã seguinte, estávamos a tomar chá na casa dos pais de Jane e disseram-nos que o Robbie andara a descrever os vídeos a um cliente na loja. Para sua surpresa, o cliente disse que efetivamente fizera cirurgia psíquica pelo brasileiro Lourival de Freitas muitos anos antes. Nunca precisara de mais tratamento para o problema.

Isto fez-me perguntar quantos mais entusiastas secretos de cirurgia psíquica poderia haver por aí, pessoas que estariam interessadas em tratamento se um amigo ou familiar fiável dissesse que valia a pena tentar. Afinal, é uma ideia atraente – sem lista de espera no hospital, sem anestesia, sem fármacos, pouco ou nenhum sangue, relativamente pouca dor, sem efeitos secundários, sem cicatrizes desfigurantes, sem longa recuperação e sem tempo fora do trabalho. Apesar de todas estas vantagens, no entanto, pode demorar algum tempo até as pessoas escolherem rotineiramente complementar o seu tratamento médico ortodoxo com cura e/ou cirurgia psíquica. Uma razão para isto pode ser a atitude de muitos na instituição médica.

Como mencionado anteriormente, toda a cura e outros fenómenos à volta de Stephen Turoff e da sua clínica estão abertos a escrutínio por qualquer um que se dê ao trabalho de ver. Parece infeliz que alguns médicos, incluindo vencedores do Prémio Nobel, escolham não investigar a cura e outras terapias «holísticas», mas mesmo assim falem contra elas.

Prémios Nobel, instalações de investigação abrangentes e enormes financiamentos industriais e governamentais continuam a ser atribuídos a cientistas ortodoxos, enquanto ideias e métodos menos convencionais de aliviar a doença e sofrimento humanos não foram, pelo menos na história recente, dotados das mesmas vantagens. No entanto, está a ser feito muito investigação em medicina complementar em geral e cura em particular. Como já mencionado, no início dos anos setenta, quando Stephen estava a desenvolver o seu trabalho de cura pela primeira vez, a eficácia da cura estava a ser investigada cientificamente pela Professora Krieger nos Estados Unidos. Em 1993, o respeitado *Nursing Times* do Reino Unido delineou o Toque Terapêutico da Professora Krieger:

O Toque Terapêutico tem uma estrutura teórica concebida por Martha Rogers, também enfermeira. Baseou-se… em investigação bem documentada por bioquímicos, que examinaram os resultados inexplicáveis que os «curandeiros» produziam em animais feridos, e o crescimento de cevada em condições estritamente controladas. (O Dr. Robert Miller ficou espantado ao descobrir que quando os «curandeiros» se concentravam na cevada a 600 milhas de distância, crescia 840% mais rápido do que a cevada de controlo.)

Os praticantes… consideram que os seres humanos são campos de energia, e uma parte integral de uma «força vital universal» que se estende para além do corpo físico e interage com tudo no ambiente. Acreditam que a saúde é uma manifestação do fluxo livre desta energia vital pelo corpo, e que, inversamente, a má saúde resulta quando há problemas com o fluxo de energia. Os praticantes de Toque Terapêutico afirmam poder sintonizar-se com esta energia e ajudar a alterar o seu fluxo para restaurar a saúde. Embora a palavra «toque» seja usada… o contacto pele a pele não é necessário para os campos interagirem, pois estendem-se para além da superfície da pele.

Após o primeiro estudo da Professora Krieger, que, como já mencionado, parecia demonstrar que o Toque Terapêutico aumentava os

níveis de hemoglobina, publicou outro estudo em 1975. O primeiro estudo fora criticado até certo ponto no seu design e controlos por outros cientistas e o segundo estudo teve em conta as suas sugestões. Também mostrou a eficácia do Toque Terapêutico. No seu livro *The Therapeutic Touch* (Prentice-Hall, 1979), Krieger dá historial clínicos que incluem condições tão variadas como «dor devido a um tornozelo fraturado», «artrite reumatoide», «bebés a chorar» e «temperatura elevada».

Outros estudos de investigação olharam para o valor do Toque Terapêutico no alívio de ansiedade, dor pós-operatória, dores de cabeça de tensão, stress em recém-nascidos (que, presumivelmente, são incapazes de fé no processo de cura) e em adultos, e também o seu uso em enfermagem de saúde mental.

A Professora Krieger continuou a investigar se era necessário um curandeiro nascer com a capacidade ou se poderia ser ensinada. Eventualmente provou que as enfermeiras podiam ser treinadas para fazer cura, mas algumas eram naturalmente melhores do que outras. O Toque Terapêutico captou a imaginação das enfermeiras nos EUA e está agora em prática mainstream. Tem sido mais lento a encontrar favor no Reino Unido e na maioria dos outros países ocidentais e muitos médicos e cientistas parecem desconhecer o trabalho que foi feito.

No decurso da investigação deste livro, deparei com inúmeros exemplos de médicos e cientistas – e uma grande variedade de «céticos» auto-nomeados – preparados para afirmar categoricamente que não há evidência de que a cura funcione. E se esta condenação antes da investigação é o caso na profissão médica, o que dizer da população em geral?

Podes ser uma daquelas pessoas que pensam que os milagres são responsáveis pelos resultados alcançados pelos curandeiros. Podes acreditar que a cura é apenas a operação de uma ciência natural que ainda não compreendemos ou que esquecemos como usar. Podes rejeitar tudo fora do teu conhecimento ou experiência, ou que não consigas compreender fácil e imediatamente, e decidir que a cura não pode funcionar antes de rever qualquer evidência. Alternativamente, a ideia toda de cura pode ofender alguma convicção ou crença profundamente arreigada. Jesus é relatado como dizendo: «Estas coisas que eu faço, vós também fareis, e mais.» Isto não está realmente aberto a muita má interpretação, mas muitos cristãos

rejeitam a ideia de que alguém além de Jesus poderia potencialmente ser um curandeiro da mente, corpo e alma dos outros.

No entanto, as crenças não são necessariamente verdades. E certamente a melhor hipótese de chegar a verdades é considerar a evidência com uma mente aberta. Por isso, seja qual for a tua posição inicial, só posso pedir que leias a seguinte breve introdução a curandeiros e ao seu trabalho com uma mente aberta.

HARRY EDWARDS & LORD LISTER/LOUIS PASTEUR

Harry Edwards era considerado por muitos como um dos maiores curandeiros espirituais do mundo e certamente um influente. De cabelo branco e robusto, no seu fato escuro elegante dava a impressão de um homem de negócios da cidade. No entanto, por todas as contas, era algo muito diferente.

Harry era aparentemente guiado pelos espíritos de Lord Lister, o fundador da cirurgia antissética, e por Louis Pasteur, o famoso cientista francês. Os seus pacientes iam dos muito pobres à realeza, governantes estrangeiros, ministros do governo, comandantes do exército, juízes e bispos. Lady Baden-Powell, mulher do fundador do movimento dos Escuteiros, era uma visitante regular do seu santuário de cura espiritual em Shere, no coração do campo de Surrey. O mesmo acontecia com a Princesa Marie Louise, neta da Rainha Vitória. O famoso maestro Sir Adrian Boult recebeu cura dele, tal como uma ex-Rainha de Espanha.

Harry parecia alcançar milagres ao acalmar a dor, remodelar membros torcidos e restaurar tanto a visão como a audição. Por vezes tinha resultados com o que chamava «cura ausente», quando estava a centenas de quilómetros do paciente. Não tinha absolutamente nenhuma formação médica ou cirúrgica.

Harry nasceu em circunstâncias humildes em Islington em 1893 e começou a trabalhar como aprendiz na indústria editorial aos 14 anos. Na Primeira Guerra Mundial serviu no Regimento Real de Sussex e foi promovido a major interino. Enquanto estacionado na Pérsia (agora Irão) a construir caminhos-de-ferro e outros projetos, testemunhou acidentes e doenças entre os seus trabalhadores. O seu kit de primeiros socorros consistia em pouco mais do que iodo, ligaduras e óleo de rícino, mas mesmo assim descobriu que conseguia curar até as condições mais terríveis

apenas administrando uma mistura de primeiros socorros e encorajamento tranquilo.

Um dia, um xeque local decidiu trazer a mãe idosa para tratamento. Harry via que ela estava a morrer, mas não ousava dizer ao xeque. Em vez disso, orou por orientação, preparou uma poção de pó dentário carbólico e deu-a à mulher. Quando o xeque regressou poucos dias depois, com a sua guarda de tribos a gritar e a disparar para o ar, Edwards pensou que estava em sarilhos. No entanto, a velha recuperara completamente e o xeque trazia presentes luxuosos. Harry teve de os recusar, mas quando pressionado para aceitar algo, disse que «uns ovos» seriam bem-vindos. No dia seguinte, chegaram 300!

Após a guerra, Harry regressou a casa, mas manteve o interesse na cura. O seu primeiro contacto com o Espiritismo foi numa igreja em Clements Road, Ilford. Não foi de modo nenhum um converso fácil, mas os seus poderes psíquicos e de cura começaram em breve a desenvolver-se mais plenamente e em 1946 comprou uma casa em Shere para criar um centro de cura. Em dois anos, recebia cerca de 3500 cartas por semana e, à medida que o número subia para mais de 9000, teve de contratar mais pessoal. As suas demonstrações públicas cresceram para encher o Royal Albert Hall.

Harry foi instrumental na formação da Federação Nacional de Curandeiros Espirituais (NFSH), que agora tem mais de 7000 membros. A NFSH tem vindo há muito a desenvolver e estabelecer uma relação com a medicina ortodoxa e tem sido muito bem-sucedida. Existe agora uma rede nacional de referência médico/curandeiro e muitos médicos têm curandeiros nos seus consultórios. À luz das suas outras atividades, a cirurgia psíquica é ainda, talvez, um pouco controversa demais para a NFSH, no entanto. A cirurgia psíquica em transe é explicitamente proibida no Código de Conduta da NFSH.

Harry Edwards continuou a curar até à sua partida a 7 de dezembro de 1976. No seu livro *Life in Spirit* (The Healer Publishing Co. Ltd, 1976), delineia alguns dos seus pensamentos sobre cirurgia psíquica:

Nesta vida, se tentarmos dar um passo fora da nossa dimensão de vida, não podemos experimentar nada sobre isso porque «não é deste mundo». Um médico muito sábio apareceu uma vez com o autor num programa de

televisão quando foram mostrados filmes de cirurgia psíquica como praticada nas Filipinas. Nestes, o curandeiro filipino conseguia fazer uma incisão com o dedo no corpo do paciente e colocar a mão dentro, retirando um crescimento ou alguma outra substância carnuda. Quando a cirurgia terminava, o curandeiro tirava as mãos do corpo e a abertura via-se curada sem qualquer sinal de ter sido aberta… A substância carnuda estava disponível para inspeção. Depois disto, a ferida curava-se como por magia. Não havia nem uma costura na pele… O médico, ao observar isto, disse: «Vi isto, mas não posso acreditar, porque se acreditasse, seria contrário a todo o conhecimento e experiência que tenho em medicina e cirurgia durante a minha vida. Não ouso aceitá-lo.»

A atitude do médico é típica de tantos. Betty Shine, a conhecida autora e curandeira, dá outro exemplo no seu livro *Mind Waves: The ultimate energy that could change the world* (Bantam Press, 1993):

Houve alguns cirurgiões psíquicos incríveis. Tive o privilégio de ver um deles a realizar uma operação em Londres, durante uma demonstração pública.

… Estava ao lado de um grupo de médicos que falavam entre si. Um deles comentou que se ela tivesse realizado a mesma operação sem anestesia, o paciente estaria em agonia. No entanto, ainda assim não acreditavam no que tinham visto; tenho a certeza de que o descartaram como hipnose de grupo.

Ouvi dizer que algumas pessoas estão tão apegadas à «Terra da Limitação» da sua experiência terrena que, se um OVNI cheio de extraterrestres aterrasse no seu relvado da frente e uma equipa de exploração batesse à porta a pedir direções, não acreditariam. Se as pessoas realmente limitam as suas perceções a este ponto, pode revelar-se impossível convencê-las a alargar os seus horizontes. Essas pessoas podem, claro, ter escolhido esta limitação ao nível do seu eu superior, para que seja certo para elas terem esta experiência.

Aqui está a história de uma mulher cuja experiência foi muito diferente.

ROSE GLADDEN

Rose Gladden tinha apenas 19 anos quando entrou numa lavandaria em Londres e encontrou o dono desmaiado sobre o balcão. Ele conseguiu gritar por ajuda: «Tenho uma úlcera.»

Rose teve um forte desejo de o ajudar, mas não fazia ideia do que fazer. Uma voz disse: «Põe a mão aí», mas ela não sabia onde era o problema. Depois viu uma luzinha, como uma estrela, aparecer sobre o ombro esquerdo dele e flutuar para o lado direito do estômago. Colocou a mão na luz e depois sentiu outra mão invisível cobrir a sua e mantê-la firme. Desenvolveu-se um calor tremendo debaixo da sua mão e ela simplesmente não conseguia tirá-la. Após alguns segundos, o homem recuperou e disse-lhe que a dor desaparecera. Correu para o lado a contar às pessoas.

Rose nascera em Edmonton, Londres, em 1919 e tivera experiências invulgares desde os sete anos. Tornou-se agora claro que devia usar os seus talentos para cura. Procurou conselho de outro psíquico e desenvolveu gradualmente o seu dom até se tornar uma das curandeiras mais dedicadas e bem-sucedidas da Grã-Bretanha.

No início, Rose via toda a gente que aparecia à sua porta. Mais tarde, viajou milhares de quilómetros em ambos os lados do Atlântico. Na América e no Canadá, deu palestras a especialistas médicos, bem como ao público em geral. Foi convidada por professores de várias universidades americanas para cooperar em testes e investigadores da Universidade da Califórnia conceberam um sistema em que ela era ligada a um paciente, um rapaz com um distúrbio nervoso muito grave, para que pudessem registar o que acontecia durante o processo de cura. «Estou disposta a submeter-me a qualquer teste se ajudar as pessoas a compreender», disse Rose.

Maxwell Cade, um psicólogo que realizou trabalho pioneiro em meditação, relaxamento e estados alterados de consciência, também pediu a Rose para trabalhar com ele. Relatou encontrar padrões de ondas cerebrais distintos em curandeiros. A investigação demonstrou que os curandeiros tinham um efeito mensurável nos seus pacientes, que após alguns minutos captavam e imitavam os mesmos padrões de ondas cerebrais. Rose Gladden ficou fascinada com isto. Para ela, confirmava a importância de estar «sintonizada» com o seu paciente.

Como psíquica natural, Rose afirmava conseguir ver a aura, que descrevia como «o círculo protetor de luz e cor que rodeia cada ser humano». Aparentemente, conseguia ler a aura para má saúde. Um dia descobriu que também conseguia ver pontos e linhas prateadas por toda a superfície do corpo. Só anos depois percebeu que estes eram os pontos e meridianos usados na acupuntura. As pessoas descreviam-lhe os sintomas, mas muitas vezes sentia que o problema não era onde pensavam. Muitas vezes via o problema «real» apontado por luz. «Punha a mão na luz e a dor desaparecia.»

Como mulher sensata e prática, Rose estava cheia de todo o tipo de conselhos. Uma vez disse a uma conferência de enfermeiras que deviam ter a certeza de tratar os mortos com dignidade, pois muitas vezes ficavam com os seus corpos descartados durante algum tempo. Também dava conselhos aos pacientes sobre como evitar a repetição do problema.

Rose sabia que muitos médicos não estavam interessados ou até eram antagónicos à sua forma de cura. No entanto, era sempre rápida a apontar aos seus pacientes que a cura não é um substituto para a medicina, apenas um complemento.

Chris Cole, uma curandeira australiana contemporânea e cirurgiã psíquica, comenta igualmente: «Pergunto sempre [aos meus pacientes] se tiveram um diagnóstico médico.» Também diz: «Não é bom para ninguém recusar tratamento ortodoxo. A cura e a cirurgia psíquica são complementares, não alternativas. A profissão médica faz um trabalho maravilhoso, mas por vezes é necessário um tipo diferente de ajuda.»

Quem poderia discutir isso?

MATTHEW MANNING

Um dos curandeiros modernos mais conhecidos é Matthew Manning. Desde muito cedo, experimentou vozes, aparições, objetos (como camas grandes de metal) a atirarem-se pelas janelas e uma série de outros fenómenos psíquicos. Consentiu em todo o tipo de testes científicos, mas eventualmente cansou-se de cada novo investigador – de países tão diversos como a Suécia e o Japão – querer realizar os mesmos testes que outros antes deles, porque simplesmente não conseguiam acreditar nos resultados relatados pelos seus pares.

Após alguns anos infelizes como curiosidade científica e mediática, Matthew sentiu que devia fazer algo mais positivo com as suas capacidades invulgares. Deixou tudo para trás por um tempo, fez uma viagem à Índia e uma peregrinação aos Himalaias. Foi lá, a olhar para as grandes montanhas ao nascer do sol, que começou a perceber que tinha capacidade para cura e decidiu dedicar a vida a ajudar os outros. Milhares de pessoas beneficiaram do seu dom de cura.

Na televisão recentemente, quando lhe perguntaram o que pensava estar por trás do poder de cura, disse simplesmente: «Amor.»

Todos os cirurgiões psíquicos genuínos parecem concordar que o poder de Deus, ou amor, trabalha através deles e que são puramente o instrumento.

Tais curandeiros têm estado em atividade ao longo da história, mas a cirurgia psíquica atraiu atenção internacional nos anos 1960 com o trabalho de um brasileiro, José Arigó.

JOSÉ ARIGÓ E DR. ADOLPHUS FRITZ

Vi-o pegar no que parecia um par de tesouras de unhas. Limpou-as na camisa desportiva e não usou desinfetante de espécie alguma. Depois vi-o cortar diretamente na córnea do olho do paciente. Ela não estremeceu, embora estivesse completamente consciente. A catarata saiu em questão de segundos… estava curada!

Este foi o testemunho notável do Juiz Immesi, testemunha de um dos muitos milhares de curas milagrosas realizadas pelo cirurgião psíquico brasileiro José Arigó – ou melhor, Dr. Adolphus Fritz, um médico alemão que, embora morto desde 1917, «operava» diretamente através dele.

O jornalista Roy Stemman contou ao *Psychic News* como começou. Um padre chegara para administrar a extrema-unção a uma mulher moribunda:

Acenderam-se velas e familiares e amigos reuniram-se à volta da cama dela na cidade de Congonhas do Campo, Brasil. A sua morte, de cancro do útero, era esperada a qualquer momento. De repente, um dos presentes correu do quarto, regressando momentos depois com uma faca grande da cozinha. Ordenou a todos que recuassem. Depois, sem aviso, puxou os lençóis da mulher e cravou a faca na vagina dela. Após vários

movimentos brutais da lâmina, removeu a faca e inseriu a mão na mulher, retirando um tumor enorme do tamanho de uma toranja. Deixou cair a faca e o tumor ensanguentado no lava-loiça da cozinha, sentou-se numa cadeira e começou a soluçar.

Um familiar correu para chamar um médico; o resto ficou em silêncio como se hipnotizado… A paciente estava imperturbável: não sentira dor durante a «operação» e o médico confirmou que não ocorrera hemorragia ou outros efeitos negativos. Confirmou também que o crescimento no lava-loiça era um tumor uterino.

… O homem que realizou a «cirurgia», José Arigó, viu-se muito procurado… mas não conseguia lembrar-se de «operar» a mulher.

Mais tarde, quando tal cirurgia surpreendente se tornou diária… percebeu-se que ele estava em transe quando tratava os doentes…

Na maioria dos dias, quando a clínica de Arigó abria às 7h, já havia uma fila de 200 pessoas à espera. Alguns tratava de forma rápida e muitas vezes brutal, empurrando-os contra uma parede, cravando uma faca não esterilizada, depois limpando-a na camisa. No entanto, não sentiam dor nem medo. Havia muito pouco sangue, e a ferida unia-se e curava em questão de dias.

Nem todos recebiam cirurgia psíquica. Para muitos, limitava-se a olhar para eles, diagnosticar os problemas sem perguntas, depois escrever uma receita rapidamente. Os medicamentos prescritos eram geralmente fármacos bem conhecidos feitos por empresas líderes, mas em doses grandes e combinações que eram surpreendentes segundo médicos convencionais.

José Arigó morreu em 1971 e Stephen acredita que agora se juntou à sua equipa de cura. Como explicou ao *Psychic News* em 1987:

Vi, de forma clarividente, um homem de pé ao lado da minha cama. As únicas palavras que disse foram: «Cirurgião com uma faca enferrujada», e mostrou-me a letra «A». Quando o Dr. Kahn foi questionado, respondeu: «Há um novo ajudante que se juntou à banda de cura.»

Nada disto fazia sentido para mim – até que por acaso li um artigo sobre José Arigó. Este curandeiro brasileiro, apelidado de «cirurgião da faca enferrujada», foi uma vez preso por 16 meses por praticar medicina

ilegalmente. Usava tesouras, facas ou bisturis não esterilizados – mas curou muitos milhares.

Talvez ainda esteja a curar muitos milhares…

Quanto ao Dr. Fritz, passou a usar um médico praticante como instrumento.

DR. EDSON QUEIROZ E DR. ADOLPHUS FRITZ

Trabalhando no Brasil nos anos 1970, o Dr. Edson Cavalcante Queiroz, um obstetra e ginecologista totalmente qualificado, também praticava cirurgia psíquica em transe profundo com o Dr. Fritz. Uma série documental, *The Psychic Connection*, escrita, produzida e realizada por Alan Neuman, mostra a cirurgia que ocorria diariamente enquanto radiologistas qualificados, cirurgiões oculares e patologistas (presentes para as biópsias de tecidos removidos) observavam.

O Dr. Fritz parece divertir-se no filme. Produz uma faca de caça de 30 cm, retirando-a lentamente da bainha à frente do paciente seguinte. O homem parece um pouco inquieto.

«Vou usar esta facazinha para fins de demonstração», diz o cirurgião com apenas um traço de sorriso.

Corre a ponta da faca aproximadamente 20 cm pelas costas do homem. Durante alguns segundos, nada. Depois, uma pequena quantidade de sangue sai enquanto a ferida se abre ao longo do corte. O cirurgião pega num bisturi cirúrgico. Faz sinal ao homem do som para aproximar o microfone. Os espectadores são presenteados com o som de esguichar, gorgolejar de metal a rodar, esfregar e raspar em carne e osso. O paciente parece alheio. Após remover o bisturi, o Dr. Fritz mostra a flexibilidade do instrumento fino como uma lâmina partindo-o entre o dedo e o polegar. «Olhem, parte-se facilmente», declara, «mas sob a influência magnética espiritual, era tão forte como alicates de corte.»

Entrevistado no filme sobre estes eventos, o Dr. Lee Poulos, na altura professor clínico assistente no Departamento de Psiquiatria da Universidade da Colúmbia Britânica, oferece um lembrete importante: «Avisaria contra ficar totalmente encantado com métodos de cura tradicionais, espirituais ou psíquicos. Da mesma forma, a medicina

moderna não tem todas as respostas. Preferiria sugerir que cada um tem o seu lugar.»

DONNA CICERA

Outra curandeira a trabalhar no Brasil nos anos 1970 era Donna Cicera, uma mulher negra que muitos acreditavam ser uma santa. Usando um velho par de tesouras e sem antisséptico ou anestesia, ministrava a dois ou três pacientes simultaneamente. Depois, após um dia de cura, ia para casa começar a cuidar das 14 crianças deficientes mentais e físicas que tinham sido deixadas à sua porta em vários momentos. Adotara cada uma destas crianças como sua.

Donna nunca recusava ninguém necessitado. A sua clínica era paga por donativos. Moscas estavam por todo o lado, cães entravam e deitavam-se a dormir debaixo das mesas de operações, e pacientes que tinham sido curados voltavam para ajudar outros. Donna não sabia ler nem escrever, mas mesmo assim realizava cirurgia complexa de ferida aberta diariamente. E funcionava.

A técnica de Donna era abrir feridas muito largas para operar. Nunca suturava. Em vez disso, entrava num transe mais profundo, punha uma mão de cada lado da incisão e as duas partes de pele juntavam-se. Depois limitava-se a dizer: «Podes ir agora.» As feridas levavam apenas alguns dias a curar em vez das habituais cinco ou seis semanas.

A sua marca registada era um tubo de plástico. Usava-o em todas as operações, afirmando que quando extraía material doente através dele era quando a cura real ocorria.

Noutro documentário de Alan Neuman, a Dr.ª Beverly Morgan, uma cirurgiã oftalmológica registada da Califórnia que estudara o trabalho da curandeira, comenta comentários:

Donna insistia sempre que uma oração fosse lida primeiro por um assistente. Comportava-se sempre de forma muito reverente. Explicou-me que ouvia uma voz no ouvido e esta voz dizia-lhe o que estava errado. Alguém disse que uma equipa de médicos a ajudava de outra dimensão. Vi-a realizar cirurgia torácica, neurocirurgia, cirurgia ortopédica e muito mais com a ajuda desta orientação «espiritual».

Disse-me: «Esta é uma encarnação muito curta para mim. Certifica-te, se vais filmar, de que obténs bom filme.» Um ano para o dia após dizer isto, morreu de um aneurisma cerebral.

A coisa mais impressionante que me marcou a mim e a outros sobre Donna Cicera foi o seu amor e compaixão por todos os que cruzavam o seu caminho.

Como o próprio Alan Neuman acrescentou: «Talvez esta seja a lição que podemos aprender dela e de outros como ela.»

LOURIVAL DE FREITAS

Um curandeiro sul-americano a praticar nos anos 1960 foi Lourival de Freitas. Na edição de Natal de 1993 do *Psychic News*, o jornalista Tim Haigh recordou a visita deste famoso cirurgião psíquico à Grã-Bretanha em julho de 1966:

Este psíquico sul-americano espantou uma audiência de 50 pessoas na Associação Espírita da Grã-Bretanha com alguma cirurgia espiritual muito gráfica.

O editor assistente do PN na altura, Roy Stemman, sentiu o estômago revirar ao ver os procedimentos.

«Acabara de ver uma faca aparentemente cravada por [de Freitas] no olho de uma mulher com catarata», escreveu.

«Preparei-me e vi com espanto enquanto, após pressionar a pálpebra, espremeu um pequeno objeto para a mão. Foi entregue a um médico, que o identificou [como uma catarata].»

As pessoas podem questionar as práticas de trabalho de Stephen Turoff, mas comparadas com as de Freitas, parecem bastante moderadas. Não só este último estava em plena posse das suas faculdades, i.e., não em transe, como também tinha o hábito de beber quantidades generosas de uísque antes de começar as operações!

Além da América do Sul, as Filipinas são conhecidas internacionalmente pelos seus curandeiros. Durante a minha investigação, tive a sorte de entrar em contacto «coincidental» com muitas pessoas a quem devo a sua ajuda, e uma delas, Edna Drake do Canadá, foi gentil o suficiente para me enviar um artigo sobre um curandeiro filipino conhecido

por ela simplesmente como Benji, mas para muitos outros como Irmão Benji Belacano.

IRMÃO BENJI BELACANO

O artigo foi escrito por uma jornalista ocidental inicialmente cética chamada Clare Downs. Tinha uma condição rara no fígado, mas inicialmente procurava uma entrevista com Benji, não uma operação:

Quase antes de ter tempo para ficar realmente aterrorizada, Benji olhou para cima e afirmou simplesmente: «Vamos fazer uma operação.» Isto não era o que eu queria. Estava prestes a falar quando percebi que algo entrara no meu corpo. A mão de Benji penetrara a minha pele tão facilmente que não conseguia conceber o que estava a acontecer… Contive-me. E simplesmente fiquei ali deitada. Aterrorizada. Depois ocorreu-me. Cura pela fé – tenho de ter fé… Nesse ponto, o meu intelecto lembrou-me que não acreditava em Deus…

Olhei para baixo, e os meus piores medos confirmaram-se. Benji estava a extrair uma massa de tecido à volta do meu fígado. O tecido foi depositado num copo e a abertura no meu estômago foi limpa com um pedaço de papel higiénico humedecido. Finalmente, Benji pressionou gentil mas firmemente na abertura e da próxima vez que olhei para baixo, tudo o que restava era uma cor rosada na pele…

Benji partiu logo depois, dizendo que voltaria para realizar outra operação na manhã seguinte… Durante esta operação, reparei que Benji enfiava muito algodão dentro de mim (pelo menos pensei que via, estava aterrorizada demais para olhar para baixo por muito tempo). Na manhã seguinte, após usar a casa de banho, olhei para a sanita e lá estava o algodão! Instantaneamente pensei nos cínicos, e perguntei-me como explicariam isto.

Clare estudara latim e grego e relatou que Benji falava ambas estas línguas fluentemente quando sob o controlo de espíritos diferentes. Aparentemente, não tinha conhecimento consciente destas línguas. Ela e os colegas também tiraram fotografias convincentes de operações. Clare conclui: «Em Manila, vi coisas que pensava que nunca veria, e senti coisas que não concebera. Só agora vejo quão limitadas eram as minhas visões do mundo antes.»

Uma breve revisão da cirurgia psíquica pelo mundo ilustra que parece ser muito diferente dependendo da época e do local. Isto pode ter algo a ver com o público-alvo. Como diz a Dr.ª Linda Chard no seu livro *Dr Kahn: The Spirit Surgeon*:

O filipino rural vive num… ambiente básico… A sua água provavelmente vem de um lago à vista da sua aldeia.

Europeus e americanos estão muitas vezes longe da fonte das suas comodidades… A ciência na Europa e América atingiu o estágio em que o seu equipamento terapêutico e diagnóstico examina e trata com raios invisíveis e sem tocar no paciente. As nossas mentes podem aceitar prontamente coisas que não vemos.

Estamos todos avançados de algumas formas e vulneráveis de outras. O Mundo Espiritual escolhe tratamento apropriado ao fundo cultural, mental e emocional de cada paciente. Um ocidental… pode aceitar… energias invisíveis porque o seu mundo já inclui serviços fornecidos por fontes invisíveis. O brasileiro ou filipino responderia melhor se o tecido doente fosse removido e posto de lado para ele inspecionar. O Mundo Espiritual responde às necessidades de cada cultura; a cirurgia psíquica nas Filipinas é extremamente física, enquanto a cirurgia psíquica ocidental é menos física.

ALEX ORBITO

Do outro lado da moeda, Alex Orbito, um cirurgião psíquico filipino, diz que são os ocidentais que precisam de ver o sangue e outros tecidos para serem convencidos.

Entrevistei Elisabeth Freeman, uma enfermeira e naturopata dos Estados Unidos, sobre as suas experiências com Alex. Contou-me que ele costumava visitar centros de cura e realizar demonstrações e sessões de cura.

Orbito abria todos os dias com uma oração e interrompia em vários momentos do dia para dar pequenos discursos sobre a missão de cura de Deus. Nunca estava em transe completo. Se um paciente fizesse uma pergunta, podiam ter a certeza de que falavam com ele e não com um guia espiritual. A mulher e outro ajudante geralmente auxiliavam. Interessantemente, a sobrinha de Orbito também é cirurgiã psíquica.

Membros da família de curandeiros podem ser mais propensos a tornarem-se instrumentos eles próprios.

Elisabeth explicou a técnica de Orbito:

Alex entrava no corpo com os dedos, em três pontos do corpo. Inicialmente havia uma pressão firme na pele e depois, de repente, as mãos escorregavam para dentro. Não doía. Tive e vi muitas, muitas operações.

Por vezes, eram removidos grandes pedaços de tecido. Explicou que nós ocidentais precisávamos de ver para acreditar. O mesmo resultado poderia ser alcançado apenas olhando para o paciente.

Originalmente, fora ter com Alex:

… com um gânglio linfático endurecido debaixo do braço. Após uma sessão, desaparecera. Um caroço do tamanho de uma noz-do-brasil fora removido em poucos segundos. Como enfermeira, achei isto difícil de explicar. Mas após um tempo decidi que não precisava de explicar, precisava de acreditar.

Um pensamento interessante…

Alex Orbito passou tempo na prisão por realizar cirurgia psíquica nos EUA, onde é ilegal.

JOSEPH MARTINEZ E OS KAHUNAS

Elisabeth Freeman também me falou de outro filipino que trabalha nos EUA. Chama-se Joseph Martinez e realiza «cirurgia psíquica mental». Isto mantém-no livre de qualquer ameaça de processo, pois não toca no paciente. Quando as pessoas têm tratamento com ele, relatam que «o quarto enche-se de energia e sentes as paredes a fechar-se à tua volta».

Aparentemente, tem 13 Kahunas – homens-medicina havaianos – na sua equipa espiritual e são eles que realizam a cirurgia enquanto o paciente se senta ao lado de Martinez. Elisabeth diz:

Os pacientes ou dão-lhe os sintomas ou não. Não se importa de uma forma ou de outra. É clarissenciente, o que significa que sente o problema do paciente no seu próprio corpo. Nalguns casos, diz ao paciente para evitar stressar a área tratada até seis meses, pois isto pode afetar o processo de cura. Também fala muito sobre cura magnética e as forças que controlam a «magia especial» da cirurgia psíquica.

Martinez viajou pelo mundo. Numa ocasião, no Irão nos dias do Xá, diz que foi raptado e levado para ver uma «princesa» que precisava de atenção. Foi-lhe deixado muito claro que a sua cirurgia tinha de ser bem-sucedida!

Quanto à «cura magnética», um ponto interessante é feito por Richard Gerber, um médico americano que estudou o que chama «medicina vibracional» durante 12 anos antes de escrever um livro, *Vibrational Medicine* (Bear & Co., 1988), no qual explica:

Um exemplo da falta de benefício a longo prazo dos tipos de cura magnética pode ser visto com certas curas feitas pelos «cirurgiões psíquicos» das Filipinas. Nalguns casos, pacientes com cancro regressaram com evidência laboratorial e clínica objetiva de remissão completa. No entanto, alguns destes indivíduos regressaram mais tarde ao mesmo cirurgião psíquico vários anos depois com um novo tumor num sistema orgânico diferente. Embora se possa argumentar que o tumor recorrente era meramente uma lesão metastática [secundária] que era microscópica na altura da cura original, há uma sugestão de que os padrões emocionais/mentais destes pacientes que podem ter contribuído originalmente para a formação do tumor nunca foram abordados pelo curandeiro magnético que trabalhava principalmente ao nível físico/etérico.

O Dr. Gerber parece reiterar que a doença no corpo humano tem a sua raiz em todos os níveis do eu: físico, mental, emocional e espiritual. O Dr. Fritz tem uma visão semelhante – que a doença se desenvolve noutro plano de existência e filtra-se para o plano físico. A cura verdadeira é alcançada quando todos os níveis do eu são tratados simultaneamente. Assim, limpar o nível físico do problema pode deixá-lo aberto a recorrência se a causa essencial não for abordada na sessão de cura original. Muitos dos cirurgiões psíquicos filipinos e outros afirmam trabalhar em todos os níveis, incluindo o espiritual. Dado isto, podem não concordar com a interpretação do Dr. Gerber.

No entanto, não é necessariamente justo dizer que o curandeiro «falhou» se a recuperação total e completa não for alcançada, especialmente se o paciente voltar a velhos hábitos uma vez que o curandeiro tentou corrigir os resultados de hábitos anteriores ruins.

Os curandeiros brasileiros e filipinos geraram muita publicidade. O Dr. Kahn disse que, por vezes, pessoas influentes, como jornalistas e celebridades, são atraídas para o trabalho de cura, muitas vezes pelos seus próprios problemas de saúde ou familiares, para que possam escrever ou falar sobre isso e assim encorajar outros a experimentarem por si próprios.

Um exemplo disto pode ser encontrado no trabalho de um curandeiro britânico, George Chapman.

GEORGE CHAPMAN E DR. LANG

George Chapman era o curandeiro que Kathy Turoff costumava visitar antes de conhecer Stephen. Um antigo bombeiro de Aylesbury, afirmava ser controlado pelo espírito de William Lang, FRCS, falecido do Middlesex e Moorfields Eye Hospital. Michael Chapman, filho de George, também é cirurgião psíquico.

Joe Bernard Hutton, um jornalista ameaçado de cegueira, foi curado por George Chapman e continuou a investigar mais. Realizou muitas entrevistas gravadas com o Dr. Lang, tanto em transe como no estado de vigília. Interrogou cruzadamente, questionou teimosamente e pediu prova de qualquer declaração feita. As suas descobertas são publicadas em *Healing Hands: The amazing true story of a spirit doctor* (W. H. Allen, 1966; Virgin, 1995), no qual escreve:

Viajei milhares de quilómetros na Grã-Bretanha para entrevistar aqueles dos pacientes de Lang que escolhera ao acaso dos ficheiros de historial clínico abarrotados de Chapman. À medida que o tempo passava, tinha rolo após rolo de declarações gravadas de pessoas que diziam que Lang as curara. Algumas pessoas afirmavam ter sido curadas completamente por Lang, de doenças que médicos hospitalares tinham dito serem incuráveis.

Além de entrevistar pacientes, também verifiquei as suas declarações e historial médico. Queria estar plenamente satisfeito de que estava na posse de factos e não relatos emocionais altamente coloridos (e possivelmente imprecisos).

… Desejo deixar abundantemente claro que não tenho a menor intenção de tentar influenciar ou converter alguém a uma nova forma de

pensar, [apenas apresentar] um relato objetivo da verdade do assunto em questão.

Qual é a visão de Stephen sobre tudo isto? Diz simplesmente:

O meu trabalho é… aproximar as pessoas de Deus mostrando-lhes que o que pensam ser ciência pode ser transcendido por Deus sempre que Ele escolher. A cirurgia psíquica é ciência espiritual em ação!

7 PERSPECTIVAS

Os milagres não acontecem em contradição com a natureza, mas apenas em contradição com aquilo que nos é conhecido na natureza.
SANTO AGOSTINHO

Uma grande variedade de pessoas encontrou Stephen Turoff. As suas experiências pessoais estão documentadas em várias revistas, jornais, livros, vídeos, notas de «obrigado», registos da clínica e entrevistas. Algumas das suas histórias seguem-se…

O CIENTISTA DA ENERGIA

Energia é a capacidade da matéria ou radiação para realizar trabalho.
Dicionário Conciso de Oxford

Se os fenómenos paranormais descritos ao longo deste livro forem «reais», então podem ser medidos. Quando os medirmos, tornar-se-ão ciência aceitável, parte da ordem natural das coisas. O que nos falta atualmente são os instrumentos. Isto não é invulgar na ciência. Antes do microscópio, muitos na profissão médica ridicularizavam a possibilidade de microrganismos serem a causa de mortes inexplicadas de operações.

Num sentido, nada «existe» até a instituição científica ocidental dizer que existe. Entretanto, todos temos medo de parecer tolos ao ir além dos limites do que pode ser provado. É-se rotulado de excêntrico, mal orientado ou mesmo mentalmente instável se se perseguir estas vias de investigação seriamente. Mentes racionais, analíticas, brilhantes que estão preparadas para cruzar as fronteiras da ortodoxia e suportar a pressão dos pares para procurar a verdade são poucas e raras.

Felizmente, há aqueles no mundo da ciência que mantêm um sentido de espanto e maravilha perante a enormidade e beleza dos muitos universos de Deus e são profundamente espirituais na sua busca por conhecimento.

Um desses é Harry Oldfield, biólogo de formação, «cientista da energia» por experiência.

Harry é um cristão terra a terra que incorpora a sua visão espiritual tanto na sua investigação como no tratamento de pacientes na sua prática em Ruislip, no noroeste de Londres. Inventa instrumentos destinados a ajudar a ciência médica a ganhar uma maior compreensão da energia em relação à condição humana. Um subproduto não intencional do seu trabalho é a possibilidade de usar as suas máquinas para investigar fenómenos paranormais.

A investigação revolucionária de Harry em «medicina de energia» apareceu nas capas da *BMA News Review*, *Medical News Weekly*, *Journal of Alternative & Complementary Medicine* e no *Lancet*, bem como nos jornais *The Times*, *Guardian*, *Independent* e *Daily Mail*.

Também fez várias aparições na televisão e é coautor de *The Dark Side of the Brain* (Element, 1988).

Harry foi em tempos o principal investigador mundial em fotografia Kirlian, um sistema de fotografar a atividade elétrica de objetos animados e inanimados que foi descoberto por acidente nos anos 1930 quando um engenheiro elétrico russo, Semyon Kirlian, passou por acaso a mão através de um campo eletromagnético durante experiências e viu um brilho ou «coroa» à volta dela.

Harry usou fotografia Kirlian para mostrar que a energia elétrica de uma folha inteira ainda estava presente quando a maior parte da folha física fora cortada e descartada. Isto parecia indicar que o corpo de energia era um modelo no qual moléculas físicas eram fixadas. Mostrou como certos alimentos naturais e orgânicos (ex.: muesli) tinham muita energia elétrica, enquanto alimentos processados (ex.: cornflakes) não tinham nenhuma. Em experiências em grandes hospitais de Londres, como o Charing Cross, reparou depois que certas doenças criavam coroas maiores do que a média em imagens Kirlian de pacientes (ex.: cancro), enquanto outras criavam coroas menores do que a média (ex.: artrite). Isto levou ao design de instrumentos e máquinas para o diagnóstico e tratamento do campo de energia de pessoas doentes.

Em 1981, o *Guardian* relatou, na sua secção de ciência, que Harry medira e registara o que chamou de «sete pontos de configuração de

energia» à volta do corpo. Isto levou-o a uma área completamente nova. Na teoria de cura tradicional, o corpo tem «canais de energia» (meridianos), «redemoinhos de energia» (chakras) e «cores áuricas» que têm sido usados como base para diagnóstico e tratamento há milhares de anos. A ciência ocidental moderna tem sido largamente desdenhosa deste «disparate». Teria Harry tropeçado numa forma de medir cientificamente estes canais, redemoinhos e cores no campo de energia? Muitas das evidências subsequentes sugeriam que sim.

Enquanto numa digressão de palestras nos EUA, Harry conheceu Richard Gerber, o autor de *Vibrational Medicine*. O Dr. Gerber sugeriu que tentasse usar a tecnologia informática emergente para conceber um scanner de campo de energia que pudesse realmente mostrar o campo em cores em movimento completo. Hoje, Harry usa o que chamou de fotografia de interface policromática (PIP) para exibir o campo de energia de uma pessoa num ecrã de computador.

Stephen Turoff vê as cores, canais e redemoinhos do campo de energia com os seus próprios olhos, por isso, no início de 1995, convidámo-lo a conhecer Harry para fins de investigação e troca de ideias. Presentes na sessão de investigação estavam eu, Jane, Harry Oldfield e Len Randall, um homem com interesse em todas as coisas metafísicas e paranormais. O que testemunhámos foi verdadeiramente espantoso e ainda estou a lutar para acreditar que realmente aconteceu.

No «estúdio PIP» de Harry, onde montou o seu equipamento de fotografia de campo de energia, Stephen pôs-se de pé contra o fundo branco que pende do teto ao chão. Harry operava a câmara de vídeo e pediu-me para ficar responsável pelo rato do computador. Jane e Len deviam observar Stephen e o ecrã do computador por qualquer coisa invulgar.

Stephen inclinou ligeiramente a cabeça para trás e começou a concentrar-se, colocando-se no que chama de «modo de cura». Após muito poucos segundos, apareceu um círculo de luz amarela acima da sua cabeça no ecrã do computador. Mudou de cor para rosa e depois branco.

«Podemos estar a testemunhar um portal para outra dimensão», refletiu Harry excitado.

«Ainda nem comecei a concentrar-me a sério», disse Stephen, sorrindo.

Nesse momento, Harry gritou-me: «Rápido! Apanha! Há uma cara no ecrã!»

Todos os olhos se voltaram para o ecrã. Uma cara estava a formar-se, como se viesse através do círculo de trás do ecrã. Era a cara de um homem. Tinha barba. Parecia o Dr. Kahn. Sorriu! Um sorriso maroto. Depois desapareceu.

Eu clicara no rato no momento exato e captara o círculo de luz branca no ecrã. Mas quando o imprimimos, não havia cara, apenas a luz. (A imagem está agora em exibição na Clínica de Cura de Danbury.) Embora desapontados por não termos uma imagem para mostrar ao inevitável exército de céticos, todas as cinco pessoas naquela sala sabiam que acabara de ocorrer um grande primeiro: a cara de uma pessoa de outra dimensão da realidade, outro mundo, fora vista com tecnologia moderna.

Isto significava que poderia ser repetido no futuro. Estávamos todos muito entusiasmados. Tal como o primeiro microscópio ajudou as pessoas a ver organismos minúsculos do «micro-universo», assim poderíamos agora ter uma máquina para nos ajudar a ver o «universo de energia».

Já sugeri que outros mundos poderiam ocupar o mesmo espaço que o nosso, mas operar em vibrações ou frequências muito mais altas. É viável que, se era o Dr. Kahn no ecrã, ele pudesse ter baixado a sua própria vibração ou frequência operativa para exatamente a certa para ser captada pela máquina de Harry?

Stephen também trouxera consigo alguma da cinza sagrada, ou vibhuti, que se formara nas imagens na sua clínica. A cinza foi posta num pequeno envelope castanho de topo aberto e fotografada com Len Randall a segurá-lo. Esta imagem PIP mostra energia, representada por luz rosa e dourada, a emanar da cinza supostamente morta. Outros investigadores aparentemente descobriram que esta cinza contém substâncias que não podem ser encontradas em mais lado nenhum no planeta.

Outro aspeto do trabalho de Harry é o desenvolvimento do que chama de «terapia eletrocristalina». Harry é um perito científico reconhecido nas

propriedades dos cristais, que afirma terem uma variedade de usos terapêuticos:

Os cristais causam mudanças nos padrões de ondas cerebrais que podem ser medidos em monitores EEG. Se segurares um cristal na mão, a frequência das tuas próprias macromoléculas, que ressoam uma forma de onda complexa, pode imprimir-se nas oscilações por outro lado regulares da rede cristalina. Assim, os eletrões do cristal mover-se-ão de forma regular, vibrando exatamente como as tuas próprias macromoléculas. O cristal parece copiar a tua própria forma de onda específica.

Se aqueceres um cristal, obténs energia elétrica. Se o apertares, obténs luz. Se introduzires uma certa impureza, obténs um comprimento de onda visível particular (cor). Mudanças subtis no revestimento de um cristal podem ser usadas para detetar mudanças muito pequenas em frequência causadas por ligar um anticorpo a um pesticida específico como a malation.

Cristais podem ser colocados sobre contadores em casas para regular a poluição de energias «negativas». Cristais são até usados para medir mudanças em comprimentos de onda de rádio e podem receber e amplificar formas de onda complicadas emanadas de transmissores de rádio a centenas de quilómetros de distância. Dadas estas fenómenos, não deve surpreender que os cristais sejam muito sensíveis às energias mais subtis.

Os cristais também podem trabalhar ao contrário, amplificando eles próprios harmónicos específicos; e nisto reside a base da terapia eletrocristalina. Dada a premissa de que a doença é causada por uma célula ou grupo de células a sair «de sintonia», então a ação de um cristal é receber o sinal «saudável» correto e retransmiti-lo, para que o comprimento de onda «normal» específico possa ser empurrado de volta para a célula e assim realizar uma função de reajuste.

Dada investigação como esta, parece que há muitos avanços médicos excitantes por vir. E muito recentemente, houve um novo desenvolvimento na cirurgia psíquica. Na edição de verão de 1996 da *Kindred Spirit*, o jornalista Chris Stoner perguntou a Stephen sobre isso:

Stephen pigarreia. «Durante o último ano, houve vários exemplos em que pacientes receberam órgãos novos. A equipa consegue criá-los no seu mundo e manifestar o órgão no físico. Só Deus sabe como o fazem.»

… Numa tentativa de lançar alguma luz sobre o assunto, visito primeiro Robin Foy, fundador da Fundação Nova Ciência Espiritual baseada em Scole.

«Durante os últimos anos, uma nova energia, ressoando a uma taxa vibratória mais alta, foi enviada para a Terra. Isto ajudou grandemente o Mundo Espiritual a trabalhar mais de perto connosco. Através da mediunidade física do grupo, já vimos mais de 100 fenómenos diferentes – pelo menos um terço dos quais são completamente novos. As técnicas usadas para materializar estes, e outros, objetos também são muito diferentes. O ectoplasma é agora coisa do passado.»

Robin acredita que, à medida que esta nova energia aumenta, ocorrerá uma porta entre as duas dimensões.

A comunicação entre nós e os mortos tornar-se-á um acontecimento normal, diário.

Stephen também acredita que este será o futuro e que aqueles incapazes de comunicar «naturalmente» poderão fazê-lo via máquinas.

A IGREJA ESPÍRITA DE SANDVIKEN, SUÉCIA

Em 1991, foi escrito um relato detalhado pela igreja espírita de Sandviken da visita de Stephen e Kathy lá. Isto dá uma ideia do que pode acontecer numa demonstração de cura psíquica.

Primeiro, veio o Dr. Gino, um médico espiritual italiano, e falou à audiência. Tratou um rapaz de 14 anos que era deficiente mental. (Podemos especular que esta é a sua especialidade, embora nada tenha sido dito nesse sentido.)

Depois veio o Dr. Kahn como de costume. O primeiro paciente – o relato usou nomes assumidos – foi Lotta de Gavle. Stephen foi auxiliado por Kathy e dois oficiais da igreja. Após uma oração, o Dr. Kahn examinou o seu paciente. O cirurgião espiritual explicou que realizaria uma operação no abdómen dela, dizendo também que uma injeção seria necessária. Embora a seringa hipodérmica não fosse visível, apareceu um pequeno buraco. O relato continuou:

Depois disso, o Dr. Kahn pegou num pedaço de algodão, que mergulhou numa taça de água. Todos nós vimos então as suas mãos, até aos nós dos dedos, desaparecerem no estômago de Lotta. Pelos

movimentos das mãos do Dr. Kahn, compreendemos que estava a limpá-lo. [Retirando as mãos,] o pedaço de algodão escorria fluido. Mais tarde, apareceram algumas marcas vermelhas no abdómen da paciente.

Após alguns minutos, estas desvaneceram-se e desapareceram totalmente. O Dr. Kahn disse que agora realizaria uma operação espiritual num dos ovários de Lotta, pois algo estava errado com ele. Apareceram pequenos coágulos de sangue vermelho-escuro. Embora uma pequena cicatriz fosse visível, desapareceu após três dias.

Mais tarde, Lotta disse que, embora sentisse as mãos do Dr. Kahn dentro do seu corpo, não fora doloroso. «Apenas a seringa hipodérmica espiritual… pareceu um pouco sensível.»

Outra paciente, Ingrid, que lesionara os joelhos há mais de 30 anos, disse que antes da visita de Stephen à Suécia, recebera uma mensagem do seu guia espiritual de que um homem chamado Joseph poderia ajudar a curá-la. Numa noite, viu três médicos espirituais de pé à volta da sua cama. Ingrid também reparou num homem com barba preta que erguia um pedaço de pano com as iniciais «J. K.». Mais tarde, numa revista sueca chamada *Utan Grans*, viu uma imagem do Dr. Joseph Kahn, que era idêntico ao homem com barba preta. Imediatamente ligou para a Associação Espírita e marcou uma operação.

Segundo o relato:

Quando finalmente conheceu o Dr. Kahn, ele disse-lhe que a visitara antes, à noite. Durante o tratamento, o Dr. Kahn endireitou a coluna gravemente torcida de Ingrid, notando que ela tinha uma condição sanguínea. Ingrid sentiu-se bem após a operação. A dor desapareceu totalmente dos joelhos.

A terceira paciente foi uma mulher chamada Rut que procurava ajuda para uma condição cardíaca. Era um problema raro, herdado do lado da mãe da família. Os médicos explicaram que nada podiam fazer por ela. O Dr. Kahn disse a Rut que não havia nada errado com o coração dela, mas detetou um bloqueio congénito na aorta. O cirurgião espiritual «removeu o bloqueio desmaterializando algumas pequenas células sanguíneas preto-vermelhas da aorta. Disse-lhe para levar estes coágulos consigo e analisá-los no hospital, para confirmar que era realmente o seu próprio sangue.»

Outra mulher sueca testada no hospital após cirurgia psíquica foi Lena, uma paciente com cólon ulcerado. Fora anteriormente internada no hospital, mas recusara permissão para remover todo o cólon. Após uma operação pelo Dr. Kahn, regressou ao hospital e fez um teste de sangue. Embora os médicos esperassem que a contagem sanguínea tivesse descido, «para sua grande surpresa» aumentara.

OS ISRAELITAS

Em março de 1993, um grande grupo de pessoas veio de Israel, após cobertura do trabalho de Stephen lá. Como resultado do sucesso desta viagem, convidaram Stephen a visitar o seu país.

Na segunda-feira, 28 de junho de 1993, Stephen e Kathy viajaram para Israel por uma semana. Ficaram numa casa israelita tradicional e foram muito bem recebidos. Uma família trouxe um homem numa cadeira de rodas. Sofrera um AVC grave. O hospital não podia fazer mais por ele. Não conseguia mexer-se nem falar. Tinha de ser alimentado à colher. O Dr. Kahn viu-o durante cinco dias por cerca de cinco minutos cada dia. No final da semana, estava a falar e a rir e conseguia alimentar-se sozinho.

Stephen visita agora Israel regularmente cerca de quatro vezes por ano. Devido ao número de pessoas tratadas em cada sessão, a equipa espiritual «aumenta a energia». «Deus não tem limitação», diz o Dr. Kahn. O poder usado é tão grande que alguns pacientes recebem apenas um sopro de ar e um toque na área problemática. Pessoas levantaram-se de cadeiras de rodas e foram para casa a andar após este tratamento.

A AMA

Jane e eu tínhamos dado cura por imposição de mãos a Ann Bradford, uma amiga da minha mãe que tem sempre a casa cheia de crianças. (Costumava cuidar de mim quando era pequeno, coitada.) Infelizmente, sofrera de cancro há algum tempo e sugerimos uma consulta com Stephen. Olhou para nós um pouco envergonhada e disse: «Espero que não se importem, mas uma amiga minha marcou para o ver e marcou-me ao mesmo tempo. Vou na próxima semana.»

Mais tarde, contou-nos o que aconteceu:

Fui com a minha nora Helen e a amiga dela, que tinha um coágulo de sangue no pulmão. Quando chegámos, sentámo-nos na sala de espera

durante um bocado. Havia um vídeo a passar. Sou cristã, mas foi lindo ver tantas pessoas e religiões diferentes representadas na clínica. Vimos o vídeo que mostrava Sai Baba a caminhar entre as multidões e depois fomos tomar um café no hotel. Ouvimos as pessoas à nossa volta a conversar animadamente sobre as suas experiências. O que diziam era um pouco difícil de assimilar. Não me desencorajou, porém…

«Desculpem a espera», disse Stephen quando entrámos na pequena sala. Não disse mais nada até a amiga da minha nora estar na mesa. Apontou o dedo para ela e perguntou: «O que esperas que eu faça por ti quando estás a abusar do teu corpo?» Helen e eu sentámo-nos no canto a olhar para o chão.

Quando chegou a minha vez, disse-lhe que tinha cancro da mama. Pôs as mãos planas nos meus pulmões. Depois puxou a minha camisola para cima e pegou num bisturi. Lembro-me de pensar: *Ai! Cortou-me*, mas não doía. Era como se me tivessem dado um anestésico local. Depois deixou cair algo no balde. Ouvi-o cair. Tinha os olhos fechados, mas sentia o sangue a correr por mim toda. Depois usou compressas para limpar tudo. Só conseguia pensar na sujidade que o sangue faria na minha camisola branca. Colocou uma mão no meu corpo e a outra na minha testa e, olhando para o teto, começou a murmurar um cântico, repetidamente. Abri os olhos e ele fitou-os. Os olhos dele eram como poços azuis profundos.

«Tente voltar a ver-me. Preciso de a ver outra vez. Por favor, tente.» Saiu da sala.

Saí da sala e pensei: *Pronto, estou curada.* Depois vi o aviso na parede: «Stephen Turoff é curandeiro, não médico. Não pare a medicação a menos que aconselhado pelo seu próprio médico.» Pareceu-me um bom conselho.

No caminho para casa, e nos dias seguintes, era como se estivesse em euforia. Não conseguia parar de falar da minha experiência. Marquei outra consulta.

Na vez seguinte, Stephen estava muito mais conversador. Enquanto impunha as mãos em mim, começou a falar com Helen como se a conhecesse.

«Como estão as tuas costas?», perguntou. Ela nunca tivera tratamento dele antes e ficou surpreendida por ele saber das costas dela.

«Tenho tido muitas dores.»

«Eu sei, a tua pedra no rim voltou. Toma azeite e sumo de limão, uma colher de sopa, durante três dias», aconselhou.

«Vou entrar aqui», disse, mudando subitamente o tom de voz. Cortou-me. Helen contou-me mais tarde que as mãos dele desapareceram no meu corpo. Deu-me uma injeção. Era uma seringa a sério – mas não tinha agulha! Senti o líquido a entrar. Limpou a sujidade como antes e pressionou o corte para o fechar. Depois pôs as mãos no meu corpo e na minha cabeça como antes. Quando me sentei, havia cinza cinzenta no meu cabelo. Sorriu e saiu. Não me disse para voltar, pensei. Esperei para falar com ele. Apanhei-o enquanto se movia entre as salas de operações.

«Estás a fazer tão bem», disse, «se quiseres voltar, ficarei contente por te ver.» Mas decidi não voltar porque não sinto necessidade. Sinto no meu coração que estou curada.

Poucos dias antes de a vermos para esta entrevista, Ann fizera uma cintigrafia óssea. Estava limpa. Estávamos quase a sair quando ela se lembrou de outra história e disse excitada:

Tenho de vos contar sobre uma amiga minha que foi ver Stephen. Estava deprimida e tinha várias coisas erradas.

«Não tens nada errado contigo», disse-lhe Stephen. «Se não parares de te preocupar e de ter todo este stress, vais ter um ataque cardíaco. O passado acabou, o futuro é incerto, agora é o momento para viver.»

A minha amiga não se convenceu. Depois, quando ia a sair pela porta, ele disse algo que a parou em seco.

«Quem é este homem que tenho aqui? Diz-me que o nome dele é Stanley. E há outro homem aqui também. Está a apontar para o anel dele e a dizer: "Anel, anel, anel." Isto significa algo para ti?»

A minha amiga percebeu que Stephen devia estar a ver o pai e o marido dela, que partiram. Ninguém poderia saber o que aquele anel significava para ela. Era entre ela e o marido. Não tinha outra explicação

senão que ambos deviam estar lá, a velar por ela. Isto foi um grande conforto. Saiu muito mais feliz.

OS PACIENTES INSATISFEITOS

A maioria dos pacientes que visita a Clínica de Cura de Danbury sente-se melhor com a experiência, mas há pessoas que saem infelizes. Uma senhora foi a Stephen com cancro. Os tumores eram numerosos, duros e grandes.

«Sua mulher tola», repreendeu o Dr. Kahn, «por que não foi ao hospital?»

A senhora em questão tinha medo de hospitais e recusara o tratamento ortodoxo normal. Não ficou nada contente por lhe falarem assim.

«Não me digas o que fazer!», retorquiu. «É o meu corpo e faço o que me apetece.»

Isto era, claro, prerrogativa dela e o Dr. Kahn deixou o assunto.

Outros que por vezes reagem mal à repreensão do Dr. Kahn são aqueles cujos hábitos de fumar, beber ou outros causaram ou contribuíram para os seus problemas.

O Dr. Kahn diz-nos que ele próprio não era de modo nenhum um santo quando vivia na Terra. Mas quando as pessoas vêm pedir cura, ele só pode fazer tanto por elas. São elas próprias as arquitetas do seu próprio desequilíbrio («distância» do «equilíbrio» que é a unidade com Deus). E é apenas através da mudança que o progresso para a saúde será alcançado. Mudança no bem-estar físico, mental, emocional e espiritual só será alcançada por mudança nas formas de ser física, mental, emocional e espiritual.

Dito isto, o Dr. Kahn e Stephen são muito eficazes na forma como transmitem esta mensagem. Esta pode ser uma razão por que, de cada cem pacientes vistos, apenas cerca de cinco têm o que consideram uma experiência insatisfatória.

A SOCIEDADE ARCA DE NOÉ

No final de janeiro de 1993, Stephen e o Dr. Kahn demonstraram para a Sociedade Arca de Noé durante uma semana residencial no Arthur Findlay College, Stansted Hall, Essex. O propósito da Sociedade é investigar fenómenos metafísicos e paranormais.

Tratamentos públicos e privados foram dados para uma variedade de maleitas. Perante mais de 100 pessoas, o Dr. Kahn pareceu remover um tumor de uma mulher que disse ter um crescimento no fígado. Um homem que sofria de dores nas costas pareceu ter um pedaço de osso removido da coluna. Durante esta operação psíquica, o Dr. Kahn afirmou que era um de uma equipa de 18 seres espirituais presentes.

Uma mulher preocupada se uma operação cardíaca convencional fora bem-sucedida foi diagnosticada com pulmões infetados. O Dr. Kahn disse-lhe que não estaria mais neste mundo em seis a 10 meses se continuasse a fumar. Dois pares de tesouras cirúrgicas foram usados para tratar o peito dela e podiam ser vistos a sair dele, mas ela disse que não sentiu dor. Observadores foram convidados para a plataforma para testemunhar a ferida a curar.

Uma operação psíquica num sofredor de costas que afirmava ter uma vértebra esmagada resultou no tratamento mais impressionante da tarde. Segundo o relatório da Sociedade dos procedimentos, o Dr. Kahn

… pareceu fazer uma pequena incisão com um bisturi aproximadamente 15 cm acima da base da coluna. Apareceu um pequeno corte. Ao lado, colocou uma moeda de cinco pence sobre a qual acendeu gaze. Cobrindo-a com um pequeno copo e depois uma toalha, recuou e explicou que estava a tentar extrair um coágulo de sangue, que, afirmava, se tornaria um tumor se não fosse removido. Após três a quatro minutos, a toalha foi retirada e o copo parecia cheio de sangue.

Um coágulo de sangue com cerca de 2,5 cm de diâmetro era «claramente evidente». O Dr. Kahn explicou que o vácuo criado no copo – devido à gaze a queimar todo o ar dentro – extraíra o coágulo pela coluna. Insistiu que o paciente o levasse para ser analisado.

Uma mulher que afirmava sofrer de fibromas no útero veio para tratamento e disse que «adoraria ter uma histerectomia». O Dr. Kahn

decidiu operar. Disse ao paciente que lhe ia dar uma injeção e, alcançando por trás, pareceu pegar numa seringa invisível. A mulher afirmou que sentia a agulha a entrar. Depois o Dr. Kahn colocou a mão sobre a cara dela e disse-lhe para respirar fundo.

Elizabeth Wheeler, secretária-geral da Sociedade Arca de Noé, que segurava a cabeça do paciente, também foi convidada a respirar na mão do cirurgião espiritual. Mais tarde, descreveu sentir-se «excecionalmente tranquila» como resultado. O médico espiritual começou o tratamento no estômago do paciente usando vários instrumentos. Quando lhe pediram para explicar como este procedimento beneficiava o paciente, disse simplesmente: «É uma questão de alterar a estrutura das células.»

A MÃE E FILHA DO CHIPRE

Quando foram ver Stephen em 1987, Semra Karahassan, do Chipre, e a filha, Paula, então com 25 anos, não ficaram com dúvidas sobre o poder de Stephen. Semra acredita que Stephen a curou de cancro cervical.

«Quando o conheci, pensei que não podia fazer milagres», disse. «Era demasiado normal e brincalhão.» Mas quando se deitou na mesa de operações, com Paula ao lado, o que aconteceu estava longe de ser normal.

Primeiro viram a mudança na voz e aparência de Stephen. Depois, após administrar uma injeção psíquica que deixou Semra sonolenta, o Dr. Kahn pegou num bisturi e fez uma incisão.

Tive tanto medo que gritei: «Ai, dói!» E ele disse com o sotaque alemão: «Minha boa mulher, posso assegurar-lhe, não está a sentir dor.» E tinha razão – não doía nada. Estava só em pânico. Meteu os dedos para abrir mais o corte e, usando um instrumento, puxou algo musculoso, do tamanho de uma noz inteira, com sangue.

Assim que chegaram a casa, Semra e Paula examinaram o corte e encontraram a cicatriz vermelha quase curada. Semra estava marcada para uma operação exploratória no hospital. Quando lá foi, a cicatriz desaparecera. Semra tinha a certeza de que Stephen Turoff não estava a fazer um ato ou truque de magia. «Não me cobrou», diz. «Por que se daria a tanto trabalho se não fosse para ganhar dinheiro? Sei que é extraordinário, mas prometo que tudo aconteceu.»

O JORNALISTA SUIÇO

Jaime T. Licauco é um jornalista suíço com interesse em cirurgia psíquica. Voou de Zurique para Londres para testemunhar a cura de Stephen, mas acabou por a ter feita a si próprio:

Tinha visto cirurgiões psíquicos brasileiros, como José Arigó, realizar operações psíquicas horrendas e sangrentas em pacientes com os seus instrumentos crus (ex.: facas rombas, tesouras, etc.) em vídeo antes e uma vez em pessoa em São Paulo, Brasil. Não conseguia suportar a visão. Nunca sonhara que experimentaria tal cirurgia realizada em mim, mas foi exatamente o que me aconteceu em Londres em outubro de 1990. Uma faca de aço de 12 cm foi totalmente inserida na minha narina direita.

[Tínhamos] pedido a Stephen Turoff se podíamos testemunhar ele entrar em transe e falar com o Dr. Kahn… Em poucos minutos estava em transe, os olhos a fitar em branco. Perguntámos quem era e recebemos a resposta: «Chamo-me Pafi. Sou um egípcio que deixou o vosso mundo em 1950. Esta é apenas a segunda vez que venho através deste instrumento» (referindo-se a Stephen). Pafi disse que também era curandeiro e apontou para mim como tendo um problema no nariz. Isto era verdade. Pafi disse que tinha um nódulo dentro do nariz que tiraria.

Anunciou: «Preciso de uma faca.»

… Rejeitou as primeiras trazidas da cozinha por serem largas demais. Precisava de uma faca com lâmina fina, disse. Pouco depois, alguém produziu uma faca de lâmina fina, cerca de 12 cm de comprimento. «Serve», anunciou mecanicamente.

… Fiquei realmente assustado… mas, por outro lado, estava curioso. Pafi (Stephen) fez sinal para eu me deitar na mesa… Em breve senti um forte desconforto enquanto toda a lâmina era inserida na minha narina direita. Gemi e lamentei-me de dor, mas não era uma dor normal que sentia. Era mais um desconforto por ter um pedaço longo e afiado de aço dentro do nariz. Queria que tirasse a faca, mas ele parecia estar a demorar o seu tempo e até rodou a faca dentro do meu nariz.

Pafi disse que realmente não havia dor, mas a razão de eu gemer era que tinha um limiar de dor baixo e que os meus medos tinham tornado os meus músculos tensos, o que era verdade. Estava realmente tenso e quem

não estaria nessas circunstâncias? As câmaras de vídeo, entretanto, gravavam todo o meu calvário.

Após um bocado, removeu a faca e saiu fleuma e algum sangue. Depois pediu-me para assoar o nariz num lenço de papel, o que fiz. Saiu mais fleuma. A minha respiração desobstruiu-se. Levantei-me da mesa e agradeci-lhe a cura. Vi toda a gente a olhar para mim. Disse que estava bem.

O EDITOR DO PSYCHIC NEWS

Na edição de 6 de fevereiro de 1993, o *Psychic News* fez uma declaração da posição oficial do jornal em relação à cirurgia psíquica de Stephen:

Stephen Turoff é talvez o curandeiro mais controverso a trabalhar hoje. Compreensivelmente, os seus métodos provocaram reações mistas ao longo dos anos…

Tendo testemunhado o trabalho de Stephen de perto, o PN acredita que o seu estado de transe é genuíno. O PN também conclui que a sua técnica de cura, embora por vezes algo perturbadora de ver, não apresenta risco para os pacientes.

A visão do jornal baseia-se em testemunhos daqueles que tiveram operações psíquicas às mãos do Dr. Kahn, de curandeiros experientes que testemunharam o trabalho de Stephen, e de ver com os nossos próprios olhos o que acontece no decurso de uma consulta.

No entanto, a falta de evidência médica de que «curas» ocorreram deve ser notada. Até que tal seja apresentada, o PN não está em posição de comentar a eficácia da cura de Stephen.

No entanto, declarações de sofredores a comentar que já não sentem dor ou desconforto após tratamento – e o PN tem muitas registadas – servem como testemunho dos dons de Stephen e não podem ser ignoradas.

O COMPOSITOR

Sonya Madan é cantora e letrista do grupo rock Echo-belly. Enquanto em tournée pela América, encontrou uma cópia da revista *Kindred Spirit* no chão de um autocarro. Havia um artigo sobre terapia eletrocristalina e Sonya resolveu experimentar a clínica de Harry Oldfield da próxima vez em Londres. Já ouvira falar de Stephen:

Ouvi falar de Stephen Turoff pela primeira vez de um amigo que conhecera uma mulher numa festa de jantar que afirmava que um cirurgião psíquico curara um problema num dos olhos e a impedira de ficar cega. Conseguimos encontrar o número de Stephen e marquei uma consulta para mim.

Começara sessões de cura na clínica de Harry Oldfield e foi lá que apanhei outra cópia da revista *Kindred Spirit* que por acaso tinha um artigo sobre Stephen. Como era relativamente nova na cura alternativa, o artigo ajudou a explicar o que devia esperar e deu uma visão deste fenómeno estranho.

Quando chegou o dia da consulta, estava bastante excitada e também um pouco nervosa com a ideia de ser «operada» desta forma. Estivera doente há cerca de dois anos com uma tiroide hiperativa e também desenvolvera ovários policísticos. Estivera a tomar medicação, mas as únicas «curas» oferecidas eram uma operação drástica ou uma bebida de iodo radioativo.

Sentei-me na sala de espera com muitas outras pessoas. Havia imagens de Jesus e Sai Baba, havia mensagens escritas nas paredes e uma substância como cinza a crescer em algumas das imagens. Sentia-me realmente à vontade lá e só quando chegou a minha vez de ser levada para a sala de cura e vi as tesouras e bisturis é que comecei a pensar onde estava.

Quando Stephen Turoff entrou na sala, pareceu abrupto e um pouco apressado. Perguntou o que estava errado, afrouxou os meus jeans e pôs um pano na minha barriga e pegou num par de tesouras.

A minha irmã, que me acompanhara, estava sentada num canto da sala. Parecia bastante assustada quando viu as tesouras. Tudo aconteceu muito depressa. Foi a coisa mais estranha ouvir o som de carne a ser

cortada e sentir instrumentos metálicos frios a moverem-se dentro de mim, mas não havia dor, era só um pouco desconfortável.

Lembro-me de dizer: «Meu Deus, não perdes tempo», e Stephen respondeu (com um sotaque interessante): «Por que deveria perder tempo, tenho um autocarro cheio de galeses a chegar mais tarde.»

Pôs a mão na minha barriga e depois puxou algo de dentro de mim, esfregou cinza na área e, tão depressa como começara, passou para a minha garganta. Disse: «És escritora», mais como uma afirmação do que uma pergunta. Lembro-me de murmurar algo, mas não conseguir falar de surpresa com o que estava a acontecer.

Só quando Stephen pôs a mão na minha testa é que comecei a relaxar e senti-me muito em paz quando isto aconteceu, quase eufórica. Havia perguntas que queria fazer, mas não parecia haver tempo. Acabou tudo.

No caminho para casa, continuava a olhar para as áreas onde os cortes tinham sido feitos. Havia duas marcas de punção e um semicírculo irregular e o cheiro de incenso. As marcas desapareceram após alguns dias, mas nunca esquecerei aquele dia e sou muito grata a Stephen Turoff por me ajudar. Fiz alguns testes desde então e estou perfeitamente bem.

O VETERANO DE GUERRA DE BROADSTAIRS

Ben Tillott é um veterano da Segunda Guerra Mundial. O seu problema começou em agosto de 1992, durante uma reunião para celebrar a libertação de Arras, em França. O Sr. Tillott era obrigado a tocar o *Last Post* e o *Reveille* em vários cemitérios e memoriais. Começou a ter dores em ambas as pernas e estava a tornar-se muito difícil andar. Conseguiu completar as suas tarefas e regressou a casa pensando que o problema era temporário, mas não era o caso.

Algumas semanas depois, foi ao médico, que o mandou fazer radiografias. Uma semana depois, disseram-lhe que tinha artrite na anca, mas duvidava da precisão deste diagnóstico e não obteve benefício dos analgésicos prescritos. Depois veio uma consulta com um neurologista – para três meses depois. Entretanto, o Sr. Tillott visitava um especialista ortopédico. Após 12 sessões de 25 minutos, sentiu pouco benefício. Em janeiro de 1993, as dores eram tão más que pediu ao médico uma consulta privada com o neurologista.

Algum tempo depois, tornou-se paciente no Royal Sea Bathing Hospital em Margate para um curso de terapia de três semanas no ginásio e piscina. Mais uma vez, não houve melhoria. Depois frequentou o Thanet General Hospital três vezes por semana para terapia continuada. Após quatro semanas, não houve melhoria. Teve a consulta privada com o neurologista e as radiografias mostraram uma protrusão na quarta vértebra lombar, que o neurologista pensava poder ser um problema de disco. A esta altura, o Sr. Tillott também visitava um quiroprático e, após mostrar-lhe as radiografias, foi-lhe dito que o problema era uma protrusão óssea. Este tratamento deu algum alívio da dor, mas não ofereceu cura.

O neurologista mandou-o ao Canterbury Hospital para uma tomografia. Esta não deu mais informação sobre a coluna, mas indicou uma aorta inchada. Agora tinha de visitar um especialista cardíaco em Margate que confirmou a condição da aorta, mas era positivo de que não tinha relação com as dores nas pernas, que eram um «problema nervoso». Quando pediu a remoção da protrusão óssea, foi-lhe dito que seria difícil e perigoso.

No dia a seguir a ver o especialista cardíaco, o Sr. Tillott visitou a Clínica de Cura de Danbury. Era agora agosto de 1993, um ano após os sintomas se manifestarem pela primeira vez. O Sr. Tillott explica:

Durante todo esse ano, usara duas muletas de cotovelo ou dois bengalas… Em Danbury, entrei literalmente a coxear na clínica com duas bengalas, com dores por ambas as pernas e os pés bastante dormentes e formigantes, como tinham estado no último ano, continuamente.

O Dr. Kahn viu-me e, após uma conversa sobre a minha condição, massajou a minha aorta e depois removeu a protrusão na minha lombar.

Saí da sala de consultas sem usar as duas bengalas e não as usei desde então! Agora faço coisas que não conseguia fazer há mais de um ano – cortar a relva, andar de mota, dar passeios bastante longos, virar-me na cama sem ter de me sentar.

Consegui visitar Arras novamente e participar nas atividades do fim de semana absolutamente livre de qualquer sinal de dor ou desconforto.

Ficarei eternamente grato ao Dr. Kahn por me devolver a uma vida normal.

O FOTÓGRAFO SURPREENDIDO

Segue-se uma carta de uma senhora que tentou tirar uma fotografia na clínica.

Caro Grant, Aqui estão os detalhes da nossa visita ao Stephen na sexta-feira, 29 de novembro [1996]. A minha amiga Veronica estava a ser tratada por Stephen para artrite nas mãos pela primeira vez e eu estava na sala a observar. Perguntámos a Stephen se se importava que tirássemos fotografias… Disse: «Sim, claro, vão em frente.» Tirei duas fotografias de Stephen a trabalhar, perfeitamente normais, sem problema. Depois foi a minha vez de subir para a cama, pois tinha problemas nas pernas e costas. Stephen estava a trabalhar nas minhas pernas e devo admitir que estava a sentir-me extremamente quente, tão quente que os meus óculos embaciaram!

Perguntei mesmo a Stephen se este calor vinha dele e ele simplesmente soprou ar na minha direção, sorriu, piscou o olho e continuou a trabalhar sem dizer nada. A minha amiga Veronica estava a tentar tirar uma fotografia de mim nesse momento e a máquina simplesmente não funcionava, não importa o que fizesse. Stephen disse que provavelmente precisava da fotografia do «Baba» para ajudar, por isso tirou a fotografia da parede e colocou-a ao lado das minhas pernas. Ainda assim sem imagem, por isso disse à minha amiga para me passar a máquina para ver se conseguia fazê-la funcionar. Também não consegui. A esta altura, estávamos todos a brincar com isso. Stephen olhou para o teto e disse: «O que raio me enviaram hoje? Que par.»

Depois pediu a máquina e disse: «Vamos ver o que consigo fazer.» Stephen fez tudo para tentar fazer a máquina funcionar, só para as persianas fecharem e não abrirem, por isso disse: «Acho que a máquina se foi, não faz nada agora!» Continuou com a minha outra perna. Quando Veronica e eu saímos para o carro, perguntei-lhe como estava a barriga dela após a operação. Bem, tinha uma cicatriz, por isso pensámos em ver se a máquina funcionaria. Tirei-a da caixa e pus o dedo no botão do obturador, após o que a máquina tirou uma fotografia sem eu chegar perto do botão certo…

Se não tivesse estado com a minha amiga para testemunhar que não toquei neste botão, ninguém acreditaria em nós. Ainda não revelei as fotografias, mas continuámos a tirar algumas do exterior do edifício sem

problemas nenhuns. Fomos ao Stephen com a mente completamente aberta e saímos espiritualmente elevadas, curadas, espantadas e verdadeiramente gratas por tudo o que ele faz, não só por nós, mas por todos os que se voltam para ele. Cathy Acres e Veronica Cain Surrey

Isto pode parecer um caso de equipamento fotográfico avariado. No entanto, tantos fenómenos estranhos são relatados em conexão com câmaras e fotografias na clínica de Stephen que é muito difícil não acreditar que algo está a influenciar a fotografia.

A CLARIVIDENTE

Joan Green é uma clarividente que vive em Reading. O marido, George, é curandeiro. Foram o casal que primeiro apresentou Esteban Molina a Stephen. Antes da sua visita para ver Stephen, Joan estava a fazer uma leitura para um cliente.

«Tenho um médico espiritual alemão contigo», disse. «Não sei por que está aqui.»

«Estou a verificar o meu paciente!», comunicou o médico alemão severamente.

«Bem», explicou Joan, «podem imaginar o que pensei deste espírito bastante abrupto. Alemãozinho arrogante, pensei para mim e depois esqueci-me disso.»

Depois, quando foi à clínica:

Entrámos para ver Stephen, que já estava em transe pelo seu guia. Podem imaginar o meu choque quando ele olhou para mim, sorriu e disse: «Ach so! Um alemãozinho arrogante, sou eu?»

Não sabia onde me meter. O Dr. Kahn lera os meus pensamentos rudes e lá estava eu, a seguir na fila para uma operação psíquica. Felizmente, tem um grande sentido de humor e ficou mais divertido do que chateado. Corremos bem. Operou o meu joelho e funcionou.

Finalmente, aqui estão mais algumas perspetivas pessoais…

JASON – A PERSPECTIVA DO FILHO

Jason Turoff vai trabalhar com um fato elegante e gravata de seda, o cabelo longo preso num rabo de cavalo arrumado. É um jovem em forma, forte e saudável. Como o pai, mede bem mais de 1,80 m. Parece ter a paciência de um santo.

Estas são qualidades úteis para um dos seus trabalhos menos favoritos – quando chamado, é o segurança na Clínica de Cura de Danbury! Acreditem ou não, as pessoas empurram e lutam para entrar para ver Stephen antes de outra pessoa.

Temperamentos exaltados podem por vezes dever-se à longa espera. Pode ser que chegue uma ambulância e o paciente lá dentro seja tratado «fora de turno». Outras vezes, as pessoas recusam pagar, ou tentam sair sem pagar. Pode ser que alguém tente furar a fila. Por vezes, chega um autocarro inteiro de pessoas sem marcação.

Na maioria das vezes, claro, há apenas o problema rotineiro de organizar grandes grupos de pessoas doentes e os seus amigos e familiares num espaço confinado. Gritam e queixam-se. Trancam-se na casa de banho. As pessoas são pessoas!

Na maioria dos dias, não há pausa no fluxo constante de pessoas que querem a atenção de Jason. De lidar com a multidão, que muitas vezes espera à porta da clínica fechada quando ele chega, a arrumar quando todos saem, Jason é chamado para lidar calma e educadamente com tudo e mais alguma coisa. Apesar de todos estes problemas, gosta do seu trabalho. O pai encorajou-o a começar a curar, mas ainda não tem a certeza se quer seguir esse caminho.

KATHY – A PERSPECTIVA DA MULHER

Segue-se de uma entrevista que fiz com Kathy em julho de 1996.

«Como te sentiste sobre o trabalho de Stephen no início?»

«Estava muito interessada em ajudar. É uma boa sensação poder ajudar as pessoas assim.»

«O que pensaste quando o Dr. Kahn veio pela primeira vez em 1985?»

«Bem, como podem imaginar, pensei que já tinha visto tudo a essa altura. Com coisas a moverem-se na casa, demonstrações de transfiguração e tudo o resto, não pensava que poderia ficar muito mais invulgar.»

«O que dirias a outros curandeiros que estão a considerar ir a tempo inteiro?»

«Não teríamos sobrevivido sem o meu rendimento. Depois, à medida que as palestras e demonstrações aumentavam, também aumentava o número de pessoas que vinham. Sabemos agora que a equipa espiritual precisava de tempo para preparar tudo antes que as hordas de pessoas pudessem ser geridas, mas isso é em retrospetiva. Quando Stephen não estava muito ocupado, tínhamos dúvidas sérias sobre se ia funcionar.

«Se tivesse uma coisa a dizer a um curandeiro que ia a tempo inteiro seria: "Certifica-te de que o teu parceiro está 100 por cento atrás de ti. Toma boa conta do facto de que precisas de viver, pagar as contas e comer."

«Sei que soa um pouco simplista, mas houve bastantes curandeiros que foram a tempo inteiro à espera que acontecesse da noite para o dia. Certamente não foi o caso connosco. Tem sido um longo e duro trabalho.»

«Muitos ocidentais acham a ideia de Sai Baba um pouco difícil de compreender no início. É um salto cultural para a maioria de nós. Como lidaste com isso?»

«Bem, no início não estava tão comprometida com tudo como Stephen. Depois aconteceram algumas coisas que me fizeram pensar muito seriamente sobre Sai Baba e o significado da vida em geral. Não tenho estado muito bem nos últimos meses e Stephen convenceu-me a ir à casa de Hemma Joshi em Edgeware. Disseram-nos ao telefone que Sai Baba aparecera a Hemma Joshi e instruíra que tirássemos uma fotografia de mim

quando fôssemos à casa dela. Aparentemente, Sai Baba dissera que queria abençoar a imagem. Estava um pouco cética sobre tudo isto, mas… aconteceu a coisa mais espantosa. Pusemos a nossa imagem no santuário e de repente ficou coberta de pequenos sinais "Om" intricados. Não conseguia acreditar. A fotografia era de nós os dois, Stephen estava ao meu lado, mas os sinais "Om" estavam apenas no meu lado da imagem. Literalmente centenas deles. Depois, quando estávamos a sair, Hemma Joshi disse: "Sai Baba dar-se-á a conhecer em breve."

«Não sabia o que isto significava, mas depressa descobri. Estava no hospital alguns meses depois e estava simplesmente deitada lá uma noite quando os lençóis começaram a mexer-se. Depois um "corpo" pesado saltou para a cama e parecia correr por toda a cama como um gato faria. Os lençóis foram levantados de mim. A luz noturna estava acesa, por isso posso definitivamente dizer que ninguém estava na sala. Lembrei-me do que Hemma Joshi dissera e perguntei-me se isto era Sai Baba "a dar-se a conhecer".»

«Então, após esta experiência, estás mais convencida de que Sai Baba está por trás do que está a acontecer na clínica e noutros lugares no mundo?»

«Deixa-me simplesmente dizer que é muito 'dificil duvidar após as coisas que me aconteceram nos últimos meses.»

UMA PERSPECTIVA PESSOAL

Estou a conduzir para visitar os Turoff. É um belo dia de verão. Reflito nos últimos oito anos. Parece mais 80. Tudo mudou na minha vida. Para onde foi aquele yuppie com os fatos caros, casa grande, carro desportivo e avião? Quem era ele, afinal? O que aconteceu àqueles almoços de negócios de 12 horas? E às ressacas todas as manhãs?

Digo-vos o que penso que pode ter acontecido – o yuppie encontrou Deus, via a Clínica de Cura de Danbury e Stephen Turoff, e mudou toda a sua visão da vida e forma de estar no mundo.

A caminho de Chelmsford, continuando a refletir sobre aqueles anos cheios de eventos, tento contar o número de pessoas que levei para ver Stephen para cura, aconselhamento e cirurgia psíquica. Tem sido muito divertido. Muitas vezes há uma nova experiência para ter.

Uma vez levei a Jane. Stephen olhou para nós com os seus olhos azuis penetrantes e perguntou: «Querem que manifeste o Atma?»

O Atma é a luz de Deus. Brilha para baixo com vários graus de intensidade em todos nós através do topo da cabeça, o nosso chakra coronário.

«Sim», respondemos, ambos com um ar um pouco perplexo. Stephen deitou Jane na mesa de operações com a cabeça na extremidade da parede. Segurou-lhe os tornozelos e orou. De pé ligeiramente de lado, esperei, sem saber bem o que esperar. Após alguns segundos, um círculo de luz começou a aparecer na parede e ficou cada vez mais brilhante. Depois simplesmente desapareceu.

Perguntei-me qual era o significado deste evento. Como se lesse os meus pensamentos, Stephen explicou: «Liguei-vos.»

«De que forma?»

«Vão ver.»

Muitos meses depois, estou a escrever estes eventos e ainda estou à espera de ver o que ele quis dizer. Mas há uma coisa de que tenho a certeza de todas as minhas experiências com Stephen.

Algo acontecerá que o tornará relevante, provavelmente quando menos esperar.

Perguntei uma vez a Stephen: «Como podemos ter a certeza de que só o bem virá do contacto com as outras dimensões?»

«Bem, como com tantas coisas», disse Stephen, «a resposta é tão simples que as pessoas muitas vezes não a levam tão a sério como deviam. Tudo o que tens de fazer é manter a tua atenção focada na luz de Deus. Se estás no caminho correto, a caminho de Casa, esta luz guia brilha sempre como um farol na estrada à frente. A sombra da escuridão só pode estar atrás de ti. Centra o teu olhar na luz de Deus e nada, absolutamente nada, te pode magoar.»

8

O TEMPLO DA CURA

A saúde é riqueza. Valoriza-a. SATHYA SAI BABA

A melhor forma de explicar o que se passa na Clínica de Cura de Danbury é que é um «templo de cura». Para dar uma ideia do que acontece, levei a minha câmara de vídeo lá um dia, juntamente com alguns amigos que queriam conhecer Stephen.

O Dr. Timothy Ewer é médico praticante na Nova Zelândia onde, como um número crescente de médicos progressivos por todo o mundo, oferece acupuntura e outras terapias de energia além do tratamento ortodoxo. Durante o verão de 1996, estava no Reino Unido para formação em medicina de energia com Harry Oldfield na Escola de Terapia Eletrocristalina. Posteriormente começou a oferecer tanto terapia eletrocristalina (E-CT) como fotografia de interface policromática (PIP) na sua própria prática geral na Nova Zelândia. Ele e a parceira, Julie Searle, perguntaram-nos se podiam conhecer Stephen. Tim queria filmar para fins de investigação PIP, enquanto Julie estava fascinada com o que ouvira sobre o cirurgião psíquico.

Era um dia muito quente e ensolarado quando Tim, Julie e eu viajámos para Chelmsford. O Hotel Miami era uma visão familiar. Ao chegar à clínica, a primeira coisa que impressiona muitas pessoas é a fila!

«Quanto tempo é a espera?», perguntei a Jason.

«Umas duas horas», respondeu, sorrindo apologeticamente.

Decidimos por chá e bolo no restaurante do Hotel Miami do outro lado do pátio. Depois voltámos devagar e sentámo-nos na sala de espera. Mostrei algumas das fotografias a Tim e Julie.

Apontando para uma imagem, expliquei: «Esta é de Sathya Sai Baba. Vês a cinza toda em cima? Como vês, está na maioria das fotos. E numa das imagens, um pó vermelho chamado kumkum está constantemente a formar-se. Dizem-nos que a cinza se forma como gás, liquefaz e depois solidifica. Interessante, não é?»

Tim pareceu bastante cético. Como muitos médicos, é de mente aberta sobre algumas terapias complementares. No entanto, como homem com

mente e formação científica, achava difícil aceitar cinza a formar-se em fotografias «do nada». Antes que pudesse tentar explicar mais, Stephen apareceu à porta.

«Lamento muito, todos», disse, «estamos muito atrasados hoje. Estou a ir o mais rápido que posso. Obrigado pela paciência.»

Um paciente apanhou-o no corredor. «Sr. Turoff, preciso de tomar algo?»

«Muita vitamina G!»

A primeira vez que ouvira Stephen dizer isto, perguntei-me o que queria dizer, pois nunca encontrara vitamina G. Quando lhe perguntei onde a arranjar, disse: «Está disponível gratuitamente em todo o lado. É Deus, claro.»

Entrando brevemente na sala de espera, Stephen dirigiu-se diretamente a Julie e, inclinando-se ligeiramente, fitou intensamente os olhos dela durante alguns segundos. Ela estremeceu um pouco, depois irrompeu suavemente em lágrimas.

«Eu sei, eu sei», confortou suavemente e abraçou-a por alguns momentos antes de voltar para a sala de operações.

Tim pareceu intrigado. Julie soltou um suspiro do que parecia ser um profundo e profundo alívio.

Como já explicado, a cura visa o físico, o mental, o emocional e o eu espiritual. A equipa espiritual pode ajudar Stephen a equilibrar todos estes aspetos em cada pessoa. Muitas vezes as pessoas choram, reagem com raiva ou até saem a correr sem serem vistas. Aparentemente, isto faz tudo parte do processo, a experiência individual para cada pessoa.

Após permitir que Tim e Julie se sentassem e simplesmente desfrutassem da experiência por mais um bocado, tentei contar-lhes o máximo que podia sobre todas as diferentes imagens, sinais, ídolos, deuses e assim por diante que ocupam o altar e santuário e forram as paredes na clínica.

«Tendo sido criado como cristão, quando encontrei pela primeira vez o hinduísmo e as outras religiões representadas na clínica de Stephen, fiquei intrigado com todos os elefantes, macacos, deusas de muitos braços e

assim por diante. Inicialmente acreditava que estas religiões tinham muitos deuses. Desde então li que todas as principais religiões do mundo adoram um ser supremo ou Deus. No entanto, cada uma tem anjos, divindades, deuses menores e assim por diante que representam aspetos do Um.»

Tim e Julie pareciam absorver a atmosfera espiritual enquanto eu continuava a filmar.

«Empurra, empurra», ouvimos Stephen a gritar na sala de operações.

Soube mais tarde que um homem paraplégico numa cadeira de rodas estava a receber algum encorajamento para mexer os dedos dos pés.

«Bom, bom.» Evidentemente conseguira.

«Vês a escrita na imagem ali?», continuei. As palavras diziam «Ama todos, serve todos» e estavam manuscritas em letras laranja grandes. «Dizem-nos que esta é uma mensagem que se manifestou durante a noite, diretamente de Sai Baba.»

Antes que pudesse continuar, Jason chamou do corredor: «Pronto, Grant.»

Entrámos na sala de operações. Stephen ainda estava na outra sala, por isso continuei a filmar e contei-lhes mais sobre o centro e o que poderia acontecer a seguir.

«Esta é uma imagem de Jesus que foi manifestada por Sai Baba à vista de uma grande multidão. Aparentemente, mostraram-lhe a imagem a preto e branco do Sudário de Turim e perguntaram se era uma semelhança verdadeira de Jesus. Com o devoto a segurá-la, Sai Baba acenou com a mão sobre a fotografia. Uma testemunha ocular contou a Stephen que a imagem desapareceu. Sai Baba acenou com a mão sobre a fotografia uma segunda vez. A imagem reapareceu. Mas o rosto era ligeiramente diferente e agora estava a cores. Sai Baba sorriu e disse: “Este é o vosso Isa.”»

No meio das minhas explicações, Stephen entrou apressado. «Olá novamente, meus amigos. Quem é primeiro?»

Tim subiu para a cama. Quando se acomodou, Stephen atirou-lhe uma pergunta.

«O que queres?»

Tim pensou por alguns segundos. «Ser um bom médico e um bom curandeiro», disse, confiante.

«Sê um "médico de Deus" e serás um grande curandeiro», disse Stephen. «Onde está o teu problema?»

«Os meus olhos estão a dar-me problemas.»

Stephen, rindo e brincando como de costume, ignorou os olhos, foi diretamente para a parte inferior do abdómen e procedeu a realizar cirurgia psíquica nessa área. Conversava enquanto trabalhava.

«Disse-te, Grant, uma mulher veio da Dinamarca recentemente. Era quadriplégica. Não se mexia nada. Veio na segunda-feira e na sexta-feira estava a andar.»

«Oh, isso soa bem», disse eu. Nunca sei bem o que dizer quando oiço estas histórias. De certa forma, habituei-me tanto a curas milagrosas que quase as espero hoje em dia. Enquanto continuava a filmar, Stephen sorriu de orelha a orelha e acenou à câmara.

«Isto supostamente é sensato», adverti.

«Como pode alguém ser sensato com o Benny Hill a olhar para eles?», brincou.

«Não pareço o Benny Hill.»

«Pares, sim.»

De repente, Stephen fitou os olhos de Tim. «Não eu, não nós, mas Ele! Mantém isso na tua mente.»

Tim pareceu bastante à vontade com toda a experiência e levantou-se da mesa com ar satisfeito. Depois contou-me: «Foi interessante ele ir ao abdómen quando só lhe falei dos olhos, pois tenho um problema lá. Não tenho explicação médica ou científica para como ele saberia isso.»

Tim moveu-se para onde Julie estava a levantar-se da cadeira e beijaram-se.

«Acho que temos de cortar essa parte», brinquei.

«Porquê? Essa é a melhor parte», brincou Stephen.

Julie deitou-se na cama. Parecia muito mais apreensiva do que Tim. Mais uma vez, Stephen foi ao abdómen. Os dedos sondaram a carne enquanto Julie conversava.

«Ahh! Ohh! Ahh! Querias efeitos sonoros, não era, Grant?», perguntou, rindo nervosamente.

Depois Stephen virou-se para Tim. «Como está a tua estadia?»

«Muito boa. Estou a aprender todo o tipo de coisas maravilhosas. E as coisas juntam-se por vezes, como vir aqui.»

«Bem, se Deus quiser, acontece!»

«Ohh! Ahh! Ohh!», exclamou Julie, a sério desta vez. «Certamente acertaste no sítio certo. Nunca tive este tipo de massagem antes.»

Os dedos de Stephen continuaram a sondar o abdómen. «Isto está a tirar o lixo do centro emocional.»

«Há muito lixo lá dentro, Stephen?»

«Sim.»

«Obrigada. Tens… ahhh, oh Deus!», gritou Julie enquanto Stephen removia os dedos com um som de estalo alto.

«Surpreendi-te! Surpreendi-te!», riu. «O medo é como entrar num quarto escuro. A primeira coisa que fazes é acender a luz e o medo vai-se. A mente é o interruptor, Deus é a eletricidade e o coração é a luz. Liga-o.» Stephen parou por alguns segundos. «E essa é a verdade.» Pôs a mão de volta no abdómen dela. «Agora vamos pôr um pouco de vibhuti nisso.» Parou novamente. «O que fazes na tua meditação?»

«Bem, não faço meditação formal, mas faço-a o tempo todo, na verdade. Medito no lava-loiça, em todo o lado.»

«Bom. Essa é a resposta que queria ouvir. A tua vida deve ser a tua meditação. A tua vida deve ser a tua oração. Não estás separado de Deus e Deus não está separado de ti, por isso por que precisarias de orar a ti próprio? Vive a tua oração.»

«Posso tirar uma fotografia?», perguntou Tim enquanto Stephen continuava a falar com Julie.

«Claro que podes», disse e parou mais uma vez enquanto olhava ainda mais intensamente para Julie. «Não há morte», disse-lhe. «Vida e morte são como dia e noite. Verão e inverno. No inverno pões um casaco e no verão tiras-o.» Estalou o pescoço de Julie, primeiro para a esquerda e depois para a direita.

«Oh, isso sabe bem. Guardo muita tensão aí.»

«Sim. És uma senhorazinha tensa.»

Todos rimos. Depois Julie chorou novamente. Stephen pegou na mão dela enquanto ela se sentava na mesa. Apertou-a contra o peito e fitou intensamente os olhos dela mais uma vez. Lá ficaram, de pé e sentada, olhos fixos, pelo que pareceram 10 minutos, mas foram apenas alguns. «Bom», disse Stephen e, movendo-se para Tim, fitou os olhos dele e deu-lhe um abraço. Depois Stephen disse-nos para termos um bom dia e que nos veria mais tarde. Julie assoou o nariz. Tim sorriu. Voltámos para a sala de espera.

Sugeriu que se sentassem à frente da câmara com o santuário e altar atrás deles enquanto eu filmava. Stephen saiu novamente e estava a falar com alguém. Ele e o paciente não estão no filme, mas a câmara gravou o que diziam. O paciente tinha dificuldades emocionais além de físicas. Stephen estava a confortar e a aconselhar.

«Dá o teu coração a Deus. Não desejes nada além Dele. Diz-Lhe que não queres nada além Dele, que só o Seu amor e luz te bastarão. Sê como uma criança, a chorar pela mãe. Eventualmente, a mãe responderá à criança.»

«Stephen, sou tão grata a ti», diz o paciente. «Dás tanto de ti, todos os dias, para todas estas pessoas.»

«Não possuo nada, por isso o que te posso dar? Nada. Deus dá-te tudo. Tenta lembrar-te disto.»

Deixámos Stephen a lidar com o resto dos pacientes e conversei longamente com Tim e Julie sobre as suas experiências. Ambos pareciam ter gostado muito da visita.

Muitas pessoas vêm a Stephen no templo de cura com uma «lista de compras» de problemas. Alguns até as escrevem por ordem alfabética, de «abscesso» através de «hemorroidas» a «vasectomia» e «verrugas».

Quando entram na sala de operações, o Dr. Kahn não tem tempo para explicar que receberão cura espiritual e o seu tratamento deve ser visto nessa luz. Vê cada paciente por apenas um curto tempo, mas muita coisa está a acontecer. O Dr. Kahn está a comunicar espiritualmente com o eu superior do paciente, o aspeto controlador e guia do seu grupo de almas. Muita da sua cura já ocorreu enquanto esperavam na sala do santuário e altar. Entes queridos do mundo espiritual estão à mão para dar apoio do seu lado da vida.

Várias pessoas descobriram que se confrontam consigo próprias na presença do Dr. Kahn/Stephen Turoff. A vida em si pode ser um espelho no qual vemos o nosso próprio reflexo. Talvez nos seja dado um corpo de «realidade virtual» e largados em «Mundo Terra», um simulador maravilhoso no qual cada um experimenta o jogo com os nossos sentidos limitados da nossa própria perspetiva. Talvez outras pessoas, situações e eventos forneçam experiências das quais aprendemos a jogar melhor o jogo. Pode ser que, se dobrarmos as regras num jogo, comecemos o próximo com uma desvantagem física, mental, emocional ou espiritual?

E após aprender tudo sobre o Mundo Terra, talvez passemos para o «Mundo Astral» onde há vários níveis de excelência a alcançar e compreender. De uma perspetiva de Mundo Astral, talvez possamos ver mais do jogo e assim aprender a ajudar aqueles que ainda lutam lá em baixo no Mundo Terra. À medida que subimos os níveis, talvez possamos ver todos os que estão abaixo de nós, mas só vislumbrar o próximo mais alto. Temos a eternidade para aprender que o jogo é infinito? Enquanto no jogo, devemos necessariamente ter uma perspetiva limitada? Se compreendêssemos o jogo todo, precisaríamos ainda de jogar?

Não pretendo ter muitas respostas; para mim, são as perguntas que são interessantes.

9

AVATAR

Ama Todos, Serve Todos… «Todos» é Deus. SATHYA SAI BABA

Sathya Sai Baba teve uma grande influência em Stephen e na sua missão de cura. Como Stephen explica, de forma algo surpreendente, Deus tem um plano de 300 anos! E está aqui, agora, a executá-lo, em forma humana. A tua reação inicial a esta notícia pode ser ligeiramente cética. No entanto, após muitos anos a investigar e experimentar pessoalmente o fenómeno avatar que é Sai Baba, estou totalmente convencido.

Convencido de que Deus agora caminha na Terra em forma humana.

Convencido de que esta forma representa todos os avatares anteriores de Rama a Jesus.

Convencido de que o plano de avatar triplo de 300 anos, previsto pelos Upanishads há 56 séculos, está em progresso.

Convencido de que é imparável.

Convencido de que todos temos um papel a desempenhar no plano.

Convencido de que nenhuma alma em forma humana vê um centímetro da túnica de Sai Baba a menos que e até que ele o queira.

No início, achei tudo isto um pouco estranho da minha perspetiva pessoal – a de um cristão bastante lapsado. No entanto, um livro chamado *Sathya Sai Baba and Jesus Christ* de Peter Phipps (Sathya Sai Publications of New Zealand, 1994) ajudou-me a pôr as coisas em contexto:

Quando os cristãos ouvem falar de um homem que ressuscitou mortos; cura constantemente os doentes; pode aparecer em lugares diferentes ao mesmo tempo; demonstra conhecimento dos segredos internos de todas as pessoas; pode falar todas as línguas da terra sem ter estudado línguas; cita de todas as Escrituras do mundo sem as ter lido; multiplica comida para alimentar multidões; transforma água em gasolina; produz anéis, imagens sagradas, medicamentos, doces, do ar, devem prestar atenção. Todos os milagres conhecidos demonstrados por Jesus foram reproduzidos por Sathya Sai Baba.

Noutro ponto do seu livro interessante, Peter Phipps diz-nos que a palavra sânscrita para Jesus é *Isa*. O som *I* significa «mãe» e *sa* significa «divino». Por isso, Jesus significa «mãe divina», ou «mãe divina», descrevendo a preocupação amorosa e carinhosa que Jesus tem pela humanidade sofredora. Os mesmos sons componentes também podem ser escritos como «Sai» para ter o mesmo significado. *Baba* significa «pai». Sai Baba, portanto, significa «mãe e pai divinos» ou Deus.

A vinda de Deus à Terra em forma humana foi profetizada em muitas fés. A Segunda Vinda de Cristo, como os cristãos a chamariam, verá o regresso de Jesus como um «ladrão na noite». Buda disse: «Não sou o primeiro Buda que veio à Terra, nem serei o último.» Black Elk, o grande sábio nativo americano que previu a vinda do homem branco, também falou da vinda de uma nova era, e de um mensageiro de amor e compreensão que traria toda a raça humana para um círculo de amor e harmonia.

Maomé falou do «Guiado» que virá, que terá grande poder, grande sabedoria e conhecimento. Deu uma lista de 300 características, incluindo uma descrição física muito clara. O Guiado, entre muitas outras coisas, será baixo de estatura, viverá 96 anos, será altamente inteligente, estará rodeado de muitos seguidores, terá cabelo abundante, usará túnicas vermelhas, terá uma pinta na bochecha, trilhará o caminho da retidão e reunirá os buscadores de Deus à sua volta. Qualquer um que saiba um pouco sobre Sai Baba reconhecerá esta descrição.

Maomé também diz que os muçulmanos não o reconhecerão até nove anos antes da sua partida da Terra. Sai Baba também disse que os muçulmanos serão o último grupo a receber a sua mensagem. Nostradamus previu que, após a Batalha do Armagedão, aparecerá um novo salvador para guiar as pessoas no caminho da verdade e paz: «Aquele que foi esperado por tanto tempo não aparecerá na Europa. Aparecerá na Ásia», e também previu que quinta-feira seria o seu dia santo. (É o dia santo de Sai Baba.)

Quanto à Batalha do Armagedão, a batalha para acabar com todas as batalhas profetizada em Revelações 16, uma ideia é que a Segunda ou ambas as Guerras Mundiais foram o que se refere. Todo o século XX também pode ser visto como uma batalha entre nações. Outra ideia é que o Armagedão tem ocorrido nas dimensões à volta da Terra, i.e., nos planos

espirituais (bem como, talvez, no plano físico). Uma terceira visão é que a batalha ainda está para vir, com grandes upheavals físicos na Terra a fornecer uma interpretação literal. Quanto ao «novo salvador», há profecias semelhantes no Livro do Apocalipse e os judeus, claro, ainda esperam o Messias. Os hindus, entretanto, têm uma tradição de encarnações divinas que vêm restaurar harmonia, paz e retidão entre os povos em tempos de declínio moral e espiritual.

O próprio Sai Baba diz:

Chamem-me por qualquer nome – Krishna, Allah, Cristo. Não Me conseguem reconhecer em qualquer Forma? Continuem o vosso culto ao vosso Deus escolhido pelas linhas familiares a vós e descobrirão que estão a aproximar-se de Mim, pois todos os Nomes e Formas são Meus.

Aparentemente, a tarefa de transformação do avatar levará três vidas ou encarnações. Uma encarnação já terminou. O primeiro avatar, Sai Baba de Shirdi, trouxe mensagens centrais de vida correta (*dharma*) e paz (*shanti*). O atual, segundo avatar traz verdade (*sathya*) e o terceiro avatar trará a mensagem mais importante, amor divino (*prema*), «amor sem desejo».

«Swami», como Sai Baba é carinhosamente conhecido pelo seu povo, atraiu hindus, muçulmanos, parses, budistas, sikhs, cristãos, judeus, jains e uma série de outros buscadores espirituais para o seu rebanho – estimados 150 milhões de pessoas em 1995. Mas não procura convertidos para uma nova religião, mas mostrar-nos como interpretar e seguir melhor a fé com que estamos familiarizados. A sua mensagem simples de vida correta, paz, verdade e amor divino, sem uma forma de adorar Deus ser melhor ou pior do que qualquer outra, tem uma simplicidade que é magneticamente atraente.

Sai Baba afirma que antes de morrer no ano 2022, aos 96, dois terços do mundo terão escolhido o caminho para Casa. A transformação inaugurará uma nova forma de pensar e ser para a humanidade. Diz-nos que muitos duvidarão disto até ser a sua hora de não duvidar, mas que tudo acontecerá de acordo com o seu tempo e lugar apropriados e, através da encarnação de avatar triplo, alcançará a sua tarefa. Mudar os pensamentos e ações das vastas hordas da humanidade, pela sua própria escolha consciente, não é, diz, uma tarefa de uma noite. Deus poderia, em teoria,

acenar com a mão e o nosso pequeno mundo mudaria instantaneamente. Mas não é assim que pode acontecer de acordo com a própria Lei de Deus. Deus tem de encarnar como ser humano e comunicar connosco de uma forma que possamos compreender.

Se o fenómeno avatar Sai tivesse tido tal efeito em tantas pessoas diferentes, concluí que devia haver alguma substância nisso em algum lugar. Uma investigação mais próxima revelou uma história espantosa.

O primeiro avatar, Sai Baba de Shirdi, nasceu na área de Hyderabad nos anos 1840. Nascido hindu, numa idade precoce parece ter ficado sob os cuidados de um fakir muçulmano, um homem santo, provavelmente um sufi, que se tornou o seu primeiro guru. Depois ficou aos cuidados de um importante oficial governamental em Selu, chamado Gopal Rao, que lhe deu uma educação ampla, se não necessariamente tradicional. Antes de morrer, aparentemente deixando o corpo pelo seu próprio poder iogue, apontou para o Oeste e aconselhou o jovem Sai Baba a viajar nessa direção em busca da sua nova casa.

Sai Baba veio para a aldeia de Shirdi na presidência de Bombaim e finalmente instalou-se lá permanentemente em 1872, fazendo da velha e bastante dilapidada mesquita muçulmana a sua casa. Algumas pessoas começaram a notar que tinha qualidades divinas, embora a maioria dos aldeões pensasse que era um fakir louco. Tradicionalmente, homens santos na Índia dependem da caridade para comida e outras necessidades materiais. As necessidades de Sai Baba eram poucas, mas precisava de óleo para manter as luzes da mesquita acesas durante a noite, como é prática tanto hindu como muçulmana.

Uma noite, o lojista que anteriormente lhe dera óleo afirmou que não tinha suprimentos. Ele e vários aldeões acharam uma grande piada ver o que o fakir louco faria sem o seu óleo e seguiram-no de volta à mesquita. Jarros de água são mantidos em mesquitas para as pessoas lavarem os pés antes de entrar na área sagrada. Sai Baba de Shirdi tirou água de um jarro à vista dos aldeões e deitou-a nas suas lâmpadas. Continuaram a queimar. Transformara a água em óleo! Os aldeões caíram prontamente aos seus pés.

A partir dessa altura, milhares acorreram a Sai Baba à medida que notícias do seu ensino, milagres e curas instantâneas viajavam para longe. Não precisava de estar em proximidade física para saber o que acontecia a

alguém e havia muitas histórias da sua aparição para proteger pessoas quando estavam a muitas milhas de Shirdi. O efeito era atraí-las para o modo de vida espiritual. Milhares encontraram o seu sentido de valores a mudar. Alguns abandonaram as suas vidas mundanas e vieram viver em Shirdi como discípulos próximos e Sai Baba ensinava-os de acordo com as suas necessidades e capacidades. Líderes religiosos eruditos inicialmente acreditavam que era analfabeto; descobriram, no entanto, que podia falar sobre filosofia espiritual e interpretar as escrituras sagradas mais profunda e claramente do que qualquer outro.

Sai Baba de Shirdi provava muitas vezes aos devotos que sabia o que pensavam quando estavam a centenas de milhas de distância. Aparecia sempre e onde quer que fosse necessário. Muitos testemunharam que podia projetar-se pelo espaço e tomar qualquer forma material que escolhesse. Dava visões às pessoas e aparecia-lhes como a forma de Deus particular que adoravam.

Concedia desejos e aparecia às pessoas em sonhos. Conseguia expulsar espíritos e curar doenças terríveis. Mantinha um fogo aceso para garantir um suprimento pronto de cinza sagrada, que chamava *udhi* e usava para muitos propósitos milagrosos, particularmente cura. (*Udhi* diz-se ser a mesma substância que o atual Sai Baba chama *vibhuti*. Esta cinza sagrada também se diz ser uma ligação simbólica entre a primeira e segunda encarnações.)

No final do século XIX, apesar das comunicações primitivas da Índia na altura, a fama de Sai Baba espalhara-se por uma área enorme. Fluxos intermináveis de visitantes chegavam. No entanto, apesar de todos os presentes, do espetáculo e da reverência que lhe eram oferecidos, Sai Baba continuou a mendigar a sua comida e quando morreu, em 1918, tinha apenas dinheiro suficiente para pagar o seu enterro e nada mais. Pouco antes da sua morte, disse que voltaria em oito anos. Previu o tempo e o lugar. Oito anos depois, a 23 de novembro de 1926, nasceu o segundo avatar.

Sathya Sai Baba era um rapazinho aparentemente normal e robusto. A sua popularidade com as outras crianças da aldeia era garantida por uma capacidade de produzir doces de um saco vazio. Além de evitar todos os lugares onde animais eram magoados ou abatidos e trazer para casa todos

os mendigos que encontrava para a mãe alimentar, mostrou poucos sinais do que estava para vir.

Depois, um dia, estava a passear com amigos quando subitamente saltou no ar com um grito alto de dor, segurando o pé direito, antes de cair no chão inconsciente. Quando recuperou, começou a citar passagens em sânscrito, muito além do conhecimento de qualquer outro rapaz de 13 anos. Os pais, acreditando que estava possuído por um demónio, chamaram um exorcista que administrou vários «tratamentos» horrendos. Enterrou o rapaz até ao pescoço na areia, fez cortes na cabeça rapada com uma navalha e administrou cal queimada nas feridas abertas.

Depois, uma substância ácida foi vertida nos olhos de Sathya, que fez o rosto inchar além do reconhecimento. Longe de se queixar, o rapaz suportou estas torturas com boa graça. Instruíu um parente a ir buscar certas plantas curativas e as desfigurações desapareceram em pouco tempo. Mais tarde explicou que estes eventos eram uma demonstração simbólica destinada a ilustrar que nem a dor nem o prazer da ilusão material e física que chamamos «realidade» têm qualquer efeito sobre ele.

Depois forneceu mais evidências dos seus poderes produzindo flores do ar com um aceno da mão. Isto foi demais para o pai, que encontrou um pau robusto e enfrentou o filho.

«Quem és tu? O que és?»

«Sou Sai Baba!»

A família não fazia ideia do que ele queria dizer com isto, por isso foram buscar os anciãos da aldeia. Quando duvidaram que o rapaz e o homem santo morto fossem um e o mesmo, Sathya Sai Baba atirou as flores ao chão, após o que soletraram o seu nome.

O ensino de Sai Baba é ou direto ou profundamente filosófico, dependendo da audiência. Pode explicar os mistérios mais difíceis de qualquer texto sagrado a qualquer perito que venha perante ele. O princípio subjacente da sua mensagem é o do amor divino – amor sem desejo, incondicional e expansivo. Como diz:

Começa o teu dia com amor, Passa o teu dia com amor, Enche o teu dia com amor, Termina o teu dia com amor.

Dizem-nos que o terceiro avatar, Prema Sai Baba, uma «fotografia» do qual já foi produzida e distribuída por Sathya Sai Baba, dedicará toda a sua vida a estabelecer este princípio de amor divino na Terra.

Sathya Sai Baba também ensina que há outras dimensões da realidade que operam de acordo com leis naturais diferentes. Uma destas dimensões é a dimensão do pensamento. Cada um dos nossos pensamentos, quer seja expresso ou atuado, é registado nesta dimensão para eventual escrutínio. Como pensamos, assim nos tornamos. A minha reação inicial a esta noção foi entrar em pânico. Se for verdade, a maioria de nós provavelmente está em apuros, porque nenhum de nós, certamente, pode afirmar ser absolutamente puro em pensamento, mesmo que o sejamos ostensivamente em palavra e ação.

Sai Baba também indicou que é por isso que parece escolher as pessoas mais improváveis para ajudar na sua missão. Aqueles que têm as intenções certas, cujo «coração está no sítio certo», são difíceis para a maioria de nós distinguir daqueles que são menos bem intencionados. Sai Baba, no entanto, diz-nos que conhece os nossos segredos mais íntimos e o nosso passado, presente e futuro. A sua abordagem a cada indivíduo vem desta perspetiva todo-vidente, todo-sabedor e o seu tratamento de cada um de nós varia em conformidade.

Isaac Tigrett, fundador da cadeia Hard Rock Café, diz que quando medita, é levado por Sai Baba em viagens à dimensão do pensamento, juntamente com Phyllis Krystall, autora de *Cutting the Ties That Bind* (Turnstone Press, 1982; Weiser, 1993) e *Cutting More Ties That Bind* (Element, 1990; Weiser, 1993), dois livros que Sai Baba diz conterem técnicas importantes para nos libertarmos das correntes dos nossos pensamentos, palavras e ações passadas. Tigrett conta de uma vez em que foram levados à dimensão do pensamento ligada à região geográfica da União Soviética:

À medida que nos aproximávamos, havia uma nuvem escura e densa a espalhar-se em todas as direções. Sai Baba explicou que esta era a energia negativa criada por «mil anos de medo de punição extrema» nesta região. Séculos de eventos terríveis na dimensão física influenciaram os pensamentos das pessoas que, por sua vez, criaram esta nuvem negra de energia negativa. Sai Baba deu-nos o que pareciam agulhas enormes e todos perfurámos a nuvem com elas para a dispersar. Pouco tempo depois

veio o colapso da União Soviética. É muito difícil compreender inicialmente, mas esta é a realidade da enormidade do que Sai Baba está a fazer. Está a trabalhar constantemente, em todas as dimensões à volta da Terra, para criar uma plataforma de condições a partir da qual nos possamos lançar numa Idade de Ouro. Se simplesmente pusesse a dimensão física certa, diz que «estaríamos de volta à mesma confusão em pouco tempo».

Tornou-se cada vez mais difícil evitar a conclusão inevitável de que algo notável parece estar a acontecer.

Em 1994, fui com Stephen às celebrações do 69.º aniversário de Sai Baba no norte de Londres. Fomos acompanhados por alguns devotos alemães. Quando cheguei, uma das mulheres exclamou: «Meu Deus, vi-te a ti e a Stephen na noite passada no meu sonho. Estavam sentados um ao lado do outro com túnicas brancas.» Nunca conhecera esta mulher antes.

Nas celebrações, cerca de 1000 pessoas sentaram-se de pernas cruzadas no chão, homens à direita, mulheres à esquerda. A maioria usava branco, a cor preferida dos devotos de Sai Baba. Houve cerca de três horas de cânticos e orações.

Depois, muitas pessoas ficaram na sala e fizeram fila a pedir cura a Stephen. Não tendo tempo para fazer muito mais, caminhou ao longo da fila a tocar nas testas das pessoas. Apanhava-as quando caíam para trás, brevemente inconscientes, no chão, depois, no final de uma fila de cerca de 20 pessoas, parou e segurou a mão no ar sem tocar na testa da mulher. Seguiu-se um longo silêncio enquanto as pessoas esperavam que algo acontecesse.

'Deus irá visitar-te esta noite,' disse ele suavemente. A Asia TV tinha as suas câmaras a filmar durante todo o tempo e capturou tudo em filme. No dia seguinte, o marido da mulher telefonou para a clínica e disse a Kathy que havia chamado a Asia TV para a sua casa para ver o vibhuti a sair das fotografias, das paredes, de todo o lado. Aparentemente, a mulher não acreditava em Deus, mas à luz dos acontecimentos da noite e com cinza a sair de todos os cantos da casa, ela estava agora convencida do seu poder. No ano seguinte, Stephen viajou para o ashram de Sai Baba em Puttaparthi, perto de Bangalore. Embora tivesse sido um devoto durante muitos anos, nunca havia sentido a necessidade de fazer a viagem antes.

Deus, diz Sai Baba, não é um pequeno homem indiano em Puttaparthi. Pensar assim é alinhar com a ilusão, a delusão. Pensar que é preciso ir para a Índia ou tornar-se hindu é não compreender o essencial. Deus está em todo o lado e em tudo. Por outro lado, Sai Baba também disse que, por vezes, é benéfico para 'as brasas entrarem em contacto com as brasas ardentes' para manter o fogo a arder intensamente. Qualquer que fosse a razão para o chamamento, Stephen recebeu uma mensagem de que devia ir e assim o fez.

As condições no ashram são muito básicas para aqueles habituados aos confortos ocidentais. No entanto, Stephen dormiu num colchão no chão, comeu a simples comida vegetariana, evitou a água local e esperou diariamente na fila com milhares de outros por um vislumbre de Sai Baba. Como ele explica: O meu trabalho era ajudar com pessoas doentes. Empurrei uma senhora numa cadeira de rodas para as filas de darshan uma manhã e depois juntei-me a uma das filas do meio. Uma voz na minha cabeça disse: 'Fim da fila um.' Não tinha a certeza do que a mensagem era, por isso não me mexi.

Depois veio novamente, muito mais alto e firme: 'Fim da fila um.' Mudei-me para o fim da fila à minha direita. Era o melhor que podia fazer para cumprir a instrução, mas não havia forma de saber qual fila ia ser atribuída como número um. Os números são tirados de um saco de pano para que tudo seja visto como justo. Depois, para minha surpresa, a fila em que eu estava foi atribuída como 'número um' do saco. Isso significava que a minha fila era a primeira a entrar e eu estava mesmo à frente. Sai Baba saiu e caminhou ao longo das filas de pessoas. Stephen ajoelhou-se com uma nota segura entre as duas mãos. De repente, sentiu um 'empurrão' por trás e caiu incontrolavelmente para a frente.

Para seu horror, as suas mãos aterram com um estalo nos pés do homem santo. Sai Baba sorriu, os seus olhos cheios de amor divino. 'Ele continuou a perguntar-me algo numa voz muito suave. Eu não conseguia ouvir, por isso apenas lhe entreguei a nota com as minhas perguntas.' Na nota estavam duas perguntas que Stephen queria fazer. Sai Baba não a abriu, mas continuou pela fila acima, sorrindo e reconhecendo diferentes pessoas enquanto ia. Algum tempo depois, retirou-se para um edifício para conduzir entrevistas pessoais e Stephen decidiu caminhar do complexo para a aldeia para tomar o pequeno-almoço. Foi para um pequeno hotel e, a

princípio, era a única pessoa na sala de jantar. Pouco depois, um casal de amigos seus entrou e sentou-se com ele. Depois, um senhor indiano entrou e dirigiu-se diretamente para a mesa deles. Sentou-se na última cadeira restante. Isto era um comportamento invulgar, pois todas as outras mesas na sala estavam desocupadas e nenhum deles havia visto este homem antes. Os três ocidentais reconheceram-no educadamente e continuaram com a sua conversa.

De repente, o indiano olhou diretamente para Stephen e disse: 'Tens muita energia cinética. Sabes que a tua última vida foi em Calcutá? Eras um swami. Voltaste a esta vida por duas razões. A primeira é "ego", que está quase resolvido.' Continuou a dar a segunda razão, que Stephen prefere manter privada, e depois disse: 'Se conseguires superar estes traços de caráter, alcançarás mocsha [libertação] nesta vida. Se precisares de saber mais, estou no quarto 108.' Com isso, levantou-se e saiu. Stephen ficou espantado. Os dois assuntos eram exatamente os mesmos que estavam na sua nota para Sai Baba, o homem parecia saber tudo sobre ele e, para culminar, estava hospedado no quarto 108. Este é o número de Sai Baba e, entre outras coisas, representa os 108 nomes de Deus. Stephen teve então de visitar um paciente, um autor americano que vive no ashram.

Caminhou para o apartamento dela e bateu à porta. 'Ah,' disse ela. 'Tenho uma surpresa para ti. Há dois hóspedes inesperados na outra sala. São duas senhoras indianas idosas, irmãs. Vieram de Calcutá. Estavam a passar pelo ashram e dizem que decidiram visitar-me. A questão é, Stephen, eu não as conheço, mas convidei-as para chá por cortesia.' Stephen também nunca havia encontrado as senhoras, mas fez conversa educada durante uma chávena de chá. Depois, para sua surpresa, começou a 'recitar poesia'. Uma das mulheres começou a chorar. 'Ofendi-a?' 'Não. Estou a chorar de alegria porque essa é a poesia do nosso mestre, o nosso swami.

Ele morreu há muitos anos em Calcutá.' Isto é realmente muito estranho, pensou Stephen. Há poucas horas, estava a ser dito que a minha última vida foi como um swami em Calcutá. Uma das senhoras interrompeu os seus pensamentos. 'O nosso Mestre era conhecido como "o Swami Rosa". Ele era capaz de manifestar luzes rosa em fotografias. Luz rosa emanava das suas mãos e de todo o seu corpo. Ele era também um poeta famoso.' 'Isso é incrível,' disse Stephen. 'Luzes manifestam-se em

imagens na minha clínica e as pessoas dizem que veem luz rosa a emanar das minhas mãos e do meu corpo.' 'Talvez seja algo em que pensar,' disse uma das senhoras. Com isso, agradeceram à anfitriã americana pelo chá e saíram. Isto era muito para Stephen assimilar. Foi dar um longo passeio para meditar sobre os acontecimentos do dia e ainda não tem a certeza do que fazer deles. Noutra ocasião, fui com Stephen a uma casa no norte de Londres onde devotos de Sai Baba se reúnem todas as noites para bhajans (canções religiosas).

Stephen estava a procurar orientação sobre uma pergunta particular e colocou uma imagem de Sai Baba de Shirdi em frente ao altar durante as orações. Cinco minutos depois, a fotografia estava literalmente coberta de cinza sagrada. Stephen havia recebido a sua resposta. Ninguém havia estado perto da imagem. Em agosto de 1995, quando Stephen foi orador convidado para 1.600 devotos de Sai Baba em Wolverhampton e estava à espera de fazer o seu discurso (excertos do qual estão nas pp.100–2), Sai Baba apareceu-lhe acima dos ombros do homem que organizou o evento, dizendo: 'Este homem, Dr. Gadhia, é um bom homem.

Assim como tu … mas esforça-te mais. Esforça-te mais.' Durante outubro do mesmo ano, Stephen viajou novamente para Espanha. Num quinta-feira, o dia de Sai Baba, um grupo de 40 pessoas estava a adorar com ele e ele foi inspirado a tentar alimentar leite a uma pequena estátua de metal. Este fenómeno em particular estava muito nas notícias na altura. A estátua era na forma de Ganesh, um aspeto de Deus-elefante que simboliza 'o remover de obstáculos' na religião hindu. Stephen colocou uma colher de leite na ponta da tromba do elefante e todos os presentes começaram os bhajans. Após cerca de cinco minutos, o leite borbulhou e desapareceu. Cada pessoa presente colocou então uma colher de leite em frente a Ganesh. Cada vez, borbulhava e desaparecia.

O volume de leite excedia em muito a capacidade da pequena estátua. Ao regressar a casa, Stephen descobriu que as notícias dos acontecimentos o haviam precedido e foi-lhe pedido que tentasse a experiência novamente na clínica. Desta vez, foi usada uma cobra de metal e novamente 'bebeu' o leite. Estátuas que bebem leite estavam a causar sensação em todo o mundo na altura. Depois, o fenómeno simplesmente parou. Stephen acredita que Sai Baba estava a fazer outra declaração. 'Se Deus se tivesse encarnado e quisesse atrair a nossa atenção, é plausível que produzisse fenómenos

milagrosos que parecessem desafiar a nossa compreensão material normal. Desta forma, ajudaria-nos a abrir as nossas mentes para a possibilidade de que há mais na vida do que atualmente compreendemos.' Outro exemplo disto veio a 7 de agosto de 1996. Nessa manhã, nas suas orações, Stephen pediu a Sai Baba para 'abrir a porta ao meu coração'. À tarde, chegou uma paciente francesa.

Ela tinha consigo uma câmara Polaroid do tipo que revela fotografias instantaneamente. Para seu espanto, ao aproximar-se da clínica, viu algo nas nuvens acima dela. Pensando rapidamente, ergueu a câmara e tirou três fotografias da imagem estranha no céu. Estas fotografias têm de ser vistas para serem acreditadas. A primeira mostra uma 'porta' feita de luz nas nuvens. A segunda mostra-a ligeiramente entreaberta. A terceira mostra-a com uma imagem de Jesus acima dela. Estas fotografias Polaroid podem ser vistas na clínica por qualquer pessoa que queira confirmar estas descrições por si própria. Para Stephen, são apenas outro exemplo de 'um Deus que ouve as nossas orações'.

Pouco tempo após as fotografias Polaroid da 'porta' no céu terem sido tiradas pela paciente francesa, um grupo de alemães chegou para cura. Perguntaram se podiam filmar o que se passava. 'Claro que podem,' concordou Stephen como de costume. O que aconteceu a seguir, no entanto, não foi nada habitual. Os alemães começaram a filmar na sala de espera. Mais tarde, filmaram no exterior, nos terrenos do hotel. Quando reproduziram o filme, um globo brilhante, como um segundo sol, podia ser claramente visto no vídeo. Este 'sol' movia-se acima da clínica e explodia numa nuvem de luz rosa antes de se reformar como um globo e depois explodir em luz rosa mais uma vez. Todo o evento durou cerca de um minuto. Os alemães ficaram estupefactos. Assim como Stephen quando lhe deram uma cópia. 'Qual achas que é o significado disto?' perguntei-lhe. 'Bem, não sei.

Com as fotografias da "porta" mesmo antes disto, acho que os fenómenos podem estar a mover-se para fora da clínica como uma ilustração adicional da energia e poder que estão a ser manifestados aqui.' Alguns amigos sugeriram que poderíamos querer colocar o vídeo do 'segundo sol' na Internet. Stephen forneceu uma cópia e isto está agora a ser arranjado. Espera-se que o formato da Internet signifique que muitas mais pessoas possam seguir os eventos na Clínica de Cura de Danbury à

medida que acontecem. Recentemente, nas primeiras horas de uma manhã de segunda-feira, Stephen acordou de um sonho vívido sobre Sai Baba: Swami apareceu-me no meu sonho e falou comigo. 'Serás convidado a ir para o estrangeiro muito em breve. E deves ir.' Eu disse a Baba que tinha tão pouco tempo. 'Tempo será encontrado,' disse ele. No sonho, Sai Baba também materializou algo que depois me mostrou. Era um anel de ouro distintivo que tinha nove diamantes num engaste quadrado preto. Assim como me havia mostrado o anel, acordei com uma imagem fixada claramente na minha mente.

No dia seguinte, Stephen recebeu um telefonema de um grupo de muçulmanos cujos membros visitam regularmente a clínica de cura. Este grupo segue um homem santo no Paquistão que está na casa dos noventa anos. O interlocutor disse que o homem santo tinha sofrido um acidente vascular cerebral e não conseguia mexer-se nem falar. 'Por favor, pode vir comigo ao Paquistão e administrar cura?' Os primeiros pensamentos de Stephen foram que não tinha tempo.

Mas depois lembrou-se do sonho da noite anterior e das palavras de Sai Baba: 'E deves ir.' 'Consultei rapidamente a agenda,' contou-me Stephen, 'e descobri que, se fosse na sexta-feira à noite e regressasse no domingo à tarde, a viagem seria mais ou menos viável. Depois tive de lhes lembrar que não tinha visto.' 'Sem problema,' foi a resposta deles e assim Stephen viu-se a ser recolhido e levado de carro para o aeroporto após a clínica na tarde de sexta-feira. Quando chegou ao Paquistão, foi recebido muito calorosamente por cerca de 60 pessoas na casa do homem santo. Após as saudações, fui para o quarto onde o homem santo estava deitado na cama. Parecia muito doente. Caminhei até à cama, fiz os meus salaams, toquei-lhe na cabeça e pedi a Deus que o abençoasse.

Houve uma curta pausa. Todos na sala esperaram que algo acontecesse. Em poucos minutos, o homem santo começou a dizer algumas palavras aos seus seguidores. Todos ficaram espantados com esta recuperação surpreendente. 'Depois chamou-me,' continuou Stephen, 'e começou a tirar um anel do dedo.' 'Deus indicou-me que devia dar-te esta prenda,' disse o homem santo. Estendeu o anel. Stephen pegou nele e reconheceu imediatamente que era o anel com nove diamantes que havia aparecido no seu sonho. Os diamantes estavam engastados num quadrado de ónix preto. 'Lembrei-me do sonho,' diz Stephen, 'e pensei que devia ser

certamente uma prenda de Baba. Mas o anel era demasiado grande. Ao enviar este pensamento a Baba, o anel encolheu imediatamente para se ajustar perfeitamente ao meu dedo! 'Depois enviei outro pensamento a Baba. Certamente não tinha sido chamado até ao Paquistão para ver este único homem santo e receber uma pequena prenda?' Stephen depressa teve o que acredita ser a sua resposta.

Entre os muitos seguidores do homem santo que estavam presentes para testemunhar a recuperação milagrosa, havia dignitários e dois médicos, uma equipa de marido e mulher. Estes médicos ficaram tão impressionados que perguntaram a Stephen como poderiam servir melhor Deus. 'Encontrei-me a explicar que a forma de servir Deus é servir a humanidade o melhor que pudermos. Senti que devia sugerir que seria uma boa ideia abrir uma clínica médica para os pobres onde todos os tratamentos fossem gratuitos.' Isto os médicos concordaram em fazer. Stephen acredita firmemente que este resultado era o verdadeiro propósito por trás do sonho, do anel e da viagem até meio mundo e de volta num fim de semana. 'Deus parece realmente trabalhar de formas maravilhosamente misteriosas.'

Então, o que devemos fazer de tudo isto? Pode ser, como afirmado por milhões, que estejamos a testemunhar a chegada há muito aguardada de Deus na Terra em forma humana? Parecem surgir tantas perguntas de cada resposta. Não tenho desejo nem intenção de ofender a convicção ou fé profundamente arreigada de qualquer pessoa. Só posso sugerir que o leitor interessado investigue por si próprio. Mas deixem-me deixar-vos com algumas palavras de Sai Baba: Se desenvolveres amor, não precisas de desenvolver mais nada.

REFLEXÕES

O nome pelo qual respondi nos últimos 50 anos é Stephen Turoff e isto está correto para o mundo material e a sociedade em que nasci porque nome e forma representam individualidade. No entanto, mimar as necessidades do nosso nome e forma individuais e sobrecarregá-los com os brinquedos do mundo não é correto. Se estivermos apegados ao nome e à forma, seremos como uma criança quando os brinquedos lhe são tirados.

Sentiremos remorsos e uma sensação de perda. Acredito que estou aqui, como Stephen Turoff, para ser usado como um instrumento para o trabalho de Deus. Sou parte de Deus, tal como todos e tudo o resto, por isso todos os nomes e formas são meus, tal como são vossos. O único apego que devemos fomentar é a Deus, pois Ele nunca pode ser-nos tirado. Alguns poderão dizer que é muito difícil alcançar o não apego quando vivemos numa sociedade tão material e é verdade que o não apego só pode ser alcançado sabendo quem somos. Então quem somos?

Acredito que somos todos uma parte de Deus, que todos viemos de Deus e que estamos todos numa viagem de regresso a Deus. Mas mais do que isso, nenhum de nós alguma vez deixou Deus. Um peixe nada no mar. O mar está acima, abaixo, ao redor e dentro do peixe. Em todos os aspetos, o peixe faz parte do mar, mas nada alegremente, sem perceber a sua verdadeira natureza. O homem é o mesmo. Nada através de Deus sem perceber a sua verdadeira identidade. Deus está nos nossos corações e nós estamos no coração de Deus. Segue-se, portanto, que nunca podemos verdadeiramente deixá-Lo.

A mente é o único lugar onde podemos deixar Deus. O homem é escravo dos seus sonhos e desejos, pois não pode deixar de representar o papel que ele próprio criou. No jogo da vida, no entanto, é essencial tirar tempo para falar com o produtor e podemos fazê-lo através da oração. A oração pode mover montanhas se atingirmos esse nível de superconsciência onde sabemos, sem dúvida, a nossa verdadeira natureza. Devemos primeiro aprender a controlar os nossos próprios desejos. Quando os dominamos, então nenhum mal nos pode acontecer. Temos de afiar o nosso intelecto e usar essa maravilhosa capacidade imaginativa dada por Deus para conceber Deus em toda a sua glória.

Podemos pensar que a nossa imaginação nos causou todo o tipo de problemas, com os nossos muitos desejos e sonhos de riquezas mundanas. Todos tivemos muitos maus pensamentos e cometemos o que a nossa consciência nos diz serem más ações. Como prosseguimos a partir daqui? A menos que estejamos dispostos a recuar do emaranhado do mundo, sabendo muito bem que é uma peça que nós próprios criámos para o prazer dos instintos inferiores, corremos o perigo de perder de vista a verdadeira razão da nossa existência.

Devemos usar esta vida em devoção a Deus. Através do serviço e do sacrifício, podemos limpar a madeira morta e plantar novamente as sementes de boas ações. O serviço altruísta criará raízes e produzirá os frutos do nosso trabalho. Poderás dizer: 'Isto é tudo muito bom em teoria, mas como acalmo a minha mente, que quer atirar todo o tipo de problemas passados e futuros para me distrair e apegar a ontem ou a amanhã?' Eu responderia dizendo que o passado se foi e o futuro é incerto. E quando amanhã chegar, é hoje. Por isso agora é o momento. Hoje é nosso. Vê o bem, faz o bem, sê bom, agora.

Todas as nossas dores e angústias surgem porque não compreendemos o funcionamento da mente. Se voltarmos as nossas mentes para Deus, temos a ferramenta apropriada para a libertação. Mantenha a mente apenas nos brinquedos da Terra e ela tornar-se-á o meio de escravidão. O nosso objetivo principal deve ser voltar as nossas mentes para Deus. Se estivesses a caminhar por uma rua escura à noite em direção à tua casa, ver-te-ias a andar mais depressa do que o normal por causa de um medo interior da escuridão.

Quando chegasses a casa, qual seria a primeira coisa que farias? Abririas a porta e acenderias a luz. Depois, após fechar a porta e tirar o casaco, começarias a sentir-te seguro e à vontade. Para alcançar este sentimento, tudo o que terias feito seria ligar a luz. A mente é o interruptor, Deus é a eletricidade e o coração é a luz. Usa o interruptor da tua mente para que a eletricidade de Deus possa fluir através de ti e acender a luz no teu coração. Perguntaram-me como podemos saber se Deus ouve as nossas orações quando às vezes parece que os problemas do mundo continuam a atormentar-nos mesmo se tivermos orado longa e arduamente por uma solução. Devemos queixar-nos dos nossos problemas e de que Deus não os acabou imediatamente para nós?

Devemos pensar que Ele não nos mostrou compaixão ou compreensão? Eu perguntaria primeiro: 'Que compaixão ou compreensão demos a Deus?' Quando tinhas cinco anos, brincavas com os teus amigos e por vezes caías e magoavas-te. Soluçavas e choravas em voz alta até a tua mãe vir a correr para ti. Ela pegava-te ao colo, esfregava o teu joelho e confortava-te até as lágrimas secarem e voltavas a brincar com os teus amigos. Tens o instrumento apropriado para chamar Deus, tal como tinhas o instrumento apropriado para chamar a tua mãe. Continua a chorar pelo

Senhor, pois Ele ouvir-te-á. Enviar-te-á sinais e símbolos para te fazer saber que ouviu o teu choro. Mas não te contentes apenas com os brinquedos. Diz a Deus: 'A única coisa que me fará parar de chorar é a Unidade Contigo.' Meramente pronunciar o nome de Deus não é suficiente. Não podemos ter a certeza de captar a atenção do Senhor com meras palavras.

A ação fala mais alto do que as palavras. Serviço, dever, caridade e, acima de tudo, amor devem ser os pilares principais das nossas vidas. Serviço com amor, dever com amor, caridade com amor devem ser manifestações quotidianas da nossa encarnação de amor. Devemos citar o nome de Deus com amor enquanto nos aventuramos ao longo do dia. Devemos tentar praticar a meditação da visão divina, que é ver Deus em tudo, em todo o lado, todo o tempo. Devemos estar continuamente a prestar algum tipo de serviço àqueles que são menos afortunados do que nós. Quando estamos absortos em oração e a pensar apenas na nossa própria infelicidade e na nossa própria salvação, devemos parar e pensar naqueles que estão pior do que nós. A menor ação tem valor.

Tal como uma pedra a atingir a piscina tranquila enviará ondulações a cascata para fora, assim uma ação terá o mesmo efeito para o bem ou para o mal. Sempre o pensamento primeiro, depois a ação seguirá. Se todos os pensamentos e ações forem dedicados a Deus, só pode haver boas consequências para todos. Isto, por sua vez, dá ao servo bons sentimentos e leva-o a maiores alturas de consciência através do seu desenvolvimento consciente.

Quanto mais nos realizarmos pessoalmente, mais desejaremos servir Deus. À medida que nos aventuramos pela vida, somos atraídos por aqueles que pensam na mesma onda que nós, e encontramos conforto no nosso conhecimento e apreciação mútuos de Deus. No entanto, também encontramos pessoas negativas que tentam a cada passo desacreditar-nos e ao nosso conhecimento. Estas são as pessoas em quem devemos trabalhar mais. A nossa interação com as pessoas afeta o nosso Carma. Um agricultor passa muito tempo a preparar o campo em que vai plantar a sua semente.

O campo conterá apenas um tipo de semente, por isso o agricultor tem a certeza de colher apenas um tipo de colheita. Se plantarmos apenas boas sementes nesta vida, na próxima vida colheremos os resultados. Devemos

reconhecer a existência da lei moral como governando toda a ação. Portanto, não devemos perder de vista o nosso objetivo até não haver mais semear ou colher e a liberdade ter sido alcançada. A graça de Deus é conquistada apenas pelo sofrimento – e não me refiro apenas ao sofrimento de substância material. Até o teu coração se afastar do centro da autoindulgência e aceitar a sua responsabilidade moral para com a humanidade, não pode esperar sofrer a mudança espiritual que levará à realização pessoal. Pensa em todas as sementes que semeaste hoje; se plantaste um pensamento profundo na consciência de alguém, em breve verás o seu resultado.

Mas a responsabilidade é tua, pois na vida somos todos jardineiros, sempre a semear e a colher os frutos das nossas ações. Deus plantou a semente da vida profundamente nos nossos corações; dentro da semente está a palavra de Deus para o cultivo da humanidade. (‘De Mim Mesmo, dei-te.’) Um bom jardineiro dir-te-á quão profundo uma certa semente deve ser plantada, quando regá-la e quanto alimentá-la. Cuidará da semente com cuidado, removendo quaisquer ervas daninhas que cresçam ao redor da jovem planta. Deus fez de nós todos jardineiros da Sua semente. A água do conhecimento é necessária para o seu crescimento, assim como a perseverança na clareza de pensamento.

Não devemos emaranhar-nos nas ervas daninhas do materialismo, caso contrário o crescimento da semente será estrangulado pelas distrações deste mundo. É importante controlar os nossos maus hábitos. O nosso sucesso em alcançar um modo de vida espiritual é acelerado ou atrasado pelos nossos hábitos. Não serve de nada levantarmo-nos de manhã e orar, ou pensar em trabalhar mais, por mais dinheiro. É na forma como somos firmes nos nossos hábitos mentais que nos ajuda a alcançar o sucesso espiritual. A oração é um bom hábito apenas se for usada para falar com o Senhor em benefício dos outros e não apenas para nós próprios. Em todas as atividades religiosas, as pessoas são atraídas umas pelas outras por causa da sua fé e crenças comuns.

As suas mentes estão focadas nos seus sentimentos de unidade com Deus e uns com os outros. Um homem que verdadeiramente acredita na sua fé, e que tem o coração cheio do amor de Deus, viverá a sua vida em unidade com toda a humanidade. Tratará tanto crentes como não crentes como seus irmãos e irmãs, pois um homem que alcançou a realização

pessoal não conhece fronteiras ou limitação. Se perguntado: 'Qual é a tua religião?' Acredito que cada um de nós deve responder: 'Há apenas um Deus, o Deus da humanidade, apenas uma religião, a religião do amor. A verdade é a minha religião, o serviço o meu culto, o mundo a minha família. Esforço-me por praticar o princípio de "sem limitação" e "sem discriminação entre cor ou credo".' Não devemos ser arrastados para um debate sobre qual religião é 'melhor'. Acredito que devemos esforçar-nos por respeitar todas as religiões, mas seguir a nossa com o máximo vigor.

A religião é sobre viver as nossas vidas de acordo com certos princípios. Todas as religiões encorajam-nos a ser honestos, verídicos, prestáveis, sinceros e de serviço à humanidade, evitando danos aos outros. Amor e serviço de bom coração, isso é a verdadeira religião. O nosso apego deve ser à verdade porque apenas a verdade nos pode libertar. Tudo tem algo de Deus; o homem é a mais alta manifestação terrena do Seu amor divino. Devemos ver Deus em tudo. Mas a nossa busca não deve parar aí. Devemos procurar estados de consciência cada vez mais elevados. O mundo é o nosso templo e devemos tratar todos e tudo nele como desejaríamos ser tratados. Amai todos, servi todos … Sai Ram.

STEPHEN TUROFF

POSFÁCIO

Ao longo da minha investigação de oito anos sobre o trabalho de Stephen Turoff, vi pessoalmente o que parecia ser uma imagem do Dr. Kahn a sorrir para nós na máquina PIP de Harry Oldfield, senti a presença de seres espirituais, participei em mesas giratórias e 'sessões', estive presente durante muitas operações de cirurgia psíquica aparentemente bem-sucedidas, testemunhei manifestações inexplicáveis de cinza sagrada e óleo de aroma doce e experienciei muitas 'provas' indiretas que vão desde luzes a aparecerem em fotografias tiradas por outros até fitas áudio a gravarem as vozes de pessoas 'mortas' e os relatórios dos numerosos pacientes que tiveram a gentileza de me contar os detalhes do que lhes aconteceu.

Não tinha, no entanto, tido quaisquer revelações, visões ou experiências diretas pessoais sem estar na presença de Stephen Turoff ou na sua clínica. Isto mudou no início de agosto de 1996, quando visitei os meus editores em Londres para discutir este livro. Os escritórios deles estão

num edifício moderno com longas varandas abertas que se arranjam ao redor de um átrio central. Muitos escritórios têm janelas que dão para as varandas e durante a reunião eu estava a olhar nessa direção. De repente, uma figura baixa com uma enorme cabeleira preta encaracolada e uma longa túnica laranja caminhou brevemente pela varanda. Levantei-me da cadeira em descrença.

Era inconfundivelmente Sathya Sai Baba – que estava na Índia na altura. Isto não era uma aparição; era um corpo sólido a caminhar da forma normal. Estou ciente de que, para alguns, esta admissão danificará a minha credibilidade para além de recuperação. Mas por favor fiquem assegurados de que acredito sinceramente que é a verdade. Ao refletir, concluí que este evento era uma confirmação de que estava no lugar certo. Terão de fazer dele o que quiserem.